



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Terapeutas corporais:**  
**subjetividade, aprendizagem e *integração* na bioenergética**

**GABRIELA CUNHA DOS SANTOS**

Brasília – DF

2018

Terapeutas corporais:  
subjetividade, aprendizagem e *integração* na bioenergética

Gabriela Cunha dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (DAN / UnB) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Emanuel Sautchuk

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Carlos Emanuel Sautchuk (UnB – Presidente)

Profa. Dra. Carla Costa Teixeira (UnB)

Prof. Dr. Rodrigo Toniol (Unicamp)

Profa. Dra. Soraya Fleischer (UnB – Suplente)

BRASÍLIA – DF

2018

*A ideia do infinito em mim, que implica um conteúdo que transborda o continente, rompe com o preconceito da maiêutica sem romper com o racionalismo, dado que a ideia do infinito, longe de violar o espírito, condiciona a própria não-violência, ou seja, implanta a ética. O Outro não é para a razão um escândalo que a põe em movimento dialético, mas o primeiro ensinamento.*

**Emmanuel Lévinas em *Totalidade e Infinito***

## **AGRADECIMENTOS**

O carinho, o cuidado e a paciência de muitos foram elementos cruciais para a construção deste trabalho durante o período de mais de dois anos de dedicação. Gostaria de agradecer primeiramente a minha família. À minha mãe, minha eterna gratidão. À minha avó, agradeço por sua força e autonomia que me inspiram e me dão forças para seguir adiante. E agradeço ao meu companheiro Lucas, por todo o caminho de aprendizado mútuo que estamos formando junto a essa grande parceria de escalada.

Às minhas amigas e amigos, a minha mais sincera gratidão. Agradeço por me motivarem e oferecerem a escuta atenta nos momentos mais difíceis e assim trazer cura para os nossos sistemas.

Agradeço ao Instituto Vibrare e todas as pessoas que ali trabalham e estudam. Agradeço pelas trocas, pelo aprendizado, pelas provocações e pela receptividade oferecida durante estes dois anos de trabalho. Em especial, agradeço à Martha Rocha por abrir as portas que possibilitaram a minha pesquisa.

Sou grata a todas as minhas colegas do PPGAS, com quem pude compartilhar tantos momentos de alegrias, trocas, debates intensos, desabafos e aprendizado mútuo. Em especial, gostaria de agradecer à Monique Batista por todo o apoio e amizade que construímos na fase de escrita desta dissertação e ao Roberto Sobral, pela sensibilidade, empatia e delicadeza nos cuidados a mim oferecidos em meus momentos de angústia e ansiedade.

Agradeço a todas as docentes e funcionárias do Departamento de Antropologia, em especial à professora Andréa Lobo pela atenção, carinho e pelo olhar atento quando mais precisei: Déa, sua ajuda foi essencial para que eu conseguisse dar conta deste processo. O meu mais sincero agradecimento. Agradeço ao professor Luis Cayón pelas instigantes aventuras nos universos da etnologia indígena e da teoria antropológica e pelas provocações tecidas enquanto eu construía o projeto de pesquisa e à professora Antonádia Borges pelas aulas sempre inspiradoras e nem sempre confortáveis. Agradeço ao professor Carlos Sautchuk pelas pontuais mas precisas observações durante a construção deste trabalho.

Agradeço também ao Jorge, à Carol, à Rosa e à Thaís pelo exímio trabalho na secretaria do DAN e a postura sempre solícita, atenta e cordial.

## **RESUMO**

Esta dissertação tem como objetivo avançar nas discussões sobre as psicoterapias corporais e o chamado *complexo alternativo* (RUSSO, 1993) a partir do caso da Análise Bioenergética. A terapêutica apresenta-se entre os âmbitos das Práticas Integrativas e Complementares oferecidas pelo Sistema Único de Saúde brasileiro e o campo da saúde mental. Em um primeiro momento, percorre-se criticamente os estudos sobre o chamado *complexo alternativo* de maneira concomitante à análise das bases epistemológicas da terapêutica com o intuito de repensar os fundamentos teóricos utilizados pelas ciências sociais na apreensão de práticas de saúde referidas como "alternativas". Em seguida, realiza-se aprofundamento etnográfico a fim de trazer elementos para a compreensão dos processos pelos quais submetem-se aqueles e aquelas que almejam o ofício de terapeuta corporal para, por fim, empreender uma análise sobre a atuação destes profissionais de saúde.

**Palavras-chave:** Terapias Alternativas/Complementares; Psicoterapias Corporais; Práticas Integrativas e Complementares; Saúde; Subjetividade; Corpo; Técnicas de percepção e atuação sobre o corpo.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to advance in the discussions about body-psychotherapies and the so-called *alternative complex* (RUSSO, 1993) from the Bioenergetic Analysis case study. This therapeutics is located in-between the areas of Integrative and Complementary Practices offered by the Brazilian Unified Health System and the field of mental health. At first, it runs critically along the studies about the so-called *alternative complex*, concomitantly with the analysis of the epistemological bases of the psychotherapy in order to rethink the theoretical foundations used by the social sciences in the apprehension of health practices referred to as "alternatives." Afterwards, ethnographic deepening is carried out in order to bring elements for the understanding of the processes by which those who intend to work as a body-psychotherapist submit themselves and, finally, undertake an analysis about the performance of these health professionals.

**Keywords:** Alternative / Complementary Therapies; Body-psychotherapies; Integrative and Complementary Practices; Health; Subjectivity; Body; Techniques of perception and action on the body.

## **SUMÁRIO**

<b>Nota Inicial</b>	<b>12</b>
<b>Lista de Abreviaturas e siglas</b>	<b>13</b>
<b>Introdução</b>	<b>14</b>
Da construção do objeto, 14	
Apresentação da pesquisa, 15	
O corpo, as ciências sociais e as "terapias da Nova Era": uma breve introdução, 16	
<b>CAPÍTULO 1 – Para além da Nova Era: repensando as terapias corporais</b>	<b>19</b>
1.1 Entre a Nova Era e a "psicologização" da sociedade: considerações acerca das terapias corporais, 20	
1.1.1 A Nova Era e o complexo alternativo, 22	
1.1.2 A psicologização da sociedade e o sujeito "psi", 25	
1.2 "Alternativas" ao quê?, 29	
1.3 Pensando e controlando o universo afetivo: o papel da psicanálise na sociedade ocidental, 35	
1.4 Psicanálise e bioenergética: rupturas e criações, 41	
1.4.1 Fundamentos psicanalíticos, 42	
1.4.1.a A herança metodológica da psicanálise: terapia, <i>workshops</i> e <i>classes de exercícios</i> , 45	
1.4.1.b Bioenergética e as transformações teórico-metodológicas das vertentes reichiana e neo-reichianas, 48	
1.5 Do sujeito da psicanálise ao sujeito da bioenergética, 52	
<b>CAPÍTULO 2 – Tornar-se terapeuta corporal: a <i>formação</i> em Análise</b>	
<b>Bioenergética</b>	<b>56</b>
Prefácio: A formação, 57	
2.1 Entrando em Campo, 59	
2.1.1 O Instituto Vibrare, 59	
2.1.2 Quando as pessoas <i>querem</i> que você pesquise sobre o que elas fazem, 65	
2.1.3 Quando as pessoas não querem que você pesquise sobre o que elas fazem, 72	
2.1.4 Os afetos relativos ao trabalho de campo, 76	
2.2 A (trans) <i>formação</i> em Terapeuta Corporal, 79	

**CAPÍTULO 3 – Bioenergética em ação: técnicas de percepção e atuação sobre o corpo** **92**

3.1. Os aspectos sociais do corpo, 96

3.2 Das habilidades do terapeuta, 99

3.3 A resolução dos infortúnios: xamanismo e psicanálise, 104

3.3.1 Como a etnografia da tradução pode contribuir para se compreender etnograficamente uma terapia corporal, 107

3.4 Exercícios de bioenergética, 115

3.5 O consultório do analista bioenergético e o trabalho corporal, 121

3.5.1 Móveis e outros materiais, 121

3.5.2 Os objetos em terapia, 126

**Considerações Finais** **134**

**Referências Bibliográficas** **137**



## **NOTA INICIAL**

Como forma de garantir o respeito à ética de pesquisa e integridade profissional dos/as interlocutores/as que contribuíram para a realização desta dissertação, todos os nomes que aparecem no texto são fictícios. Houve também a omissão de locais de trabalho com o mesmo intuito.

As siglas referem-se a entidades e instituições relacionadas com o objeto de pesquisa e também abreviam substantivos compostos citados de maneira recorrente no texto com a finalidade de facilitar a leitura.

As expressões, frases e citações que aparecem em *itálico* são categorias êmicas, discursos dos/as interlocutores/as e trechos de entrevistas. Títulos de textos acadêmicos e conceitos antropológicos serão destacados com *aspas*.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AB** – Análise Bioenergética

**CBT** – Certified Bioenergetic Therapist (Terapeuta Bioenergético Certificado, em inglês)

**FLAAB** – Federação Latino-Americana de Análise Bioenergética, em Recife

**IAAB** – Instituto Argentino de Análise Bioenergética

**IIBA** – International Institute of Bioenergetic Analysis

**LIBERTAS/AABNB** – Associação de Análise Bioenergética do Nordeste Brasileiro

**SABERJ** – Sociedade de Análise Bioenergética do Rio de Janeiro

**PIC** – Práticas Integrativas e Complementares

**PNPIC** – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

**SOBAB** – Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética

**TC** – Terapias Corporais

**VIBRARE** – Sociedade de Análise Bioenergética de Brasília

## INTRODUÇÃO

### **Da construção do objeto**

No universo das ciências sociais, via de regra as terapias corporais são entendidas como parte do escopo de práticas que fundamentam o chamado "complexo alternativo" em um campo concomitantemente relacionado aos movimentos da contracultura/Nova Era, da difusão psicanalítica ocorrida entre os anos 70 e 90 no Brasil e do chamado campo "psi" (RUSSO, 1993). Atualmente fazem parte de um universo profissional em expansão e regulamentação, tendo sido incluídas em 2018 como parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro.

A Análise Bioenergética é uma terapia corporal neorreichiana, cujas bases remetem ao legado de Wilhelm Reich, um médico, psicanalista e cientista natural dissidente de Freud. Assim como outras terapias corporais, a vertente reichiana entende que "queixas e mal-estares normalmente classificados como 'psicológicos' localizam-se no corpo e devem ser tratados a partir de exercícios e atividades corporais" (RUSSO, 1994: 167). Isso fez com que as TC fossem colocadas analiticamente em oposição às terapias "da fala", ou seja, às psicanálises freudianas, lacanianas e suas ramificações, bem como às psicoterapias convencionais. (idem, 1993).

### **PSICOLOGIA CORPORAL: ONTEM E HOJE**

<b>WILHELM REICH</b>		
<b>REICHIANOS</b>	<b>PÓS-REICHIANOS</b>	<b>NEO-REICHIANOS</b>
ELSWORTH BAKER	F. NAVARRO (SOMATOPSIODINÂMICA)	ALEXANDER LOWEN
OLA RAKNES	EOLA (Escola de Orgonomia F. Navarro)	JOHN PIERRAKOS (ANÁLISE BIOENERGÉTICA)
WALTER HOLPPE	↓	GERDA BOYESEN (PSICOLOGIA BIODINÂMICA)
EVA REICH	IOFEN – RJ SOVESP – SP EOFEN – RN	DAVID BOADELLA (BIOSÍNTESE)
MYRON SHARAF	<b>CENTRO REICHIANO - PR</b>	JOHN PIERRAKOS (CORE ENERGÉTICS)

**Figura 1. Quadro extraído de VOLPI, JH. Wilhelm Reich e as escolas reichianas, pós e neorreichianas, 2004.**

A ênfase no corpo desperta o interesse teórico – ainda que tímido – das ciências sociais devido ao tensionamento exercido pela dicotomia "corpo–mente", que funciona

como paralelo à dicotomia "natureza–cultura", tema de inúmeros debates na área e um dos eixos que perpassa este trabalho.

Nesse sentido, esta pesquisa destinou-se ao aprofundamento da discussão sobre o universo das TC a partir do trabalho etnográfico realizado junto ao Instituto Vibrare, *uma associação de natureza científica e cultural* que busca promover a expansão e regulamentação da Análise Bioenergética no Brasil e a *formação* de profissionais da área.

Meu intuito é, portanto, continuar o debate iniciado por Jane Russo na década de 90 em diálogo com recentes trabalhos antropológicos sobre o chamado "complexo alternativo", visto o recente crescimento da oferta dos dispositivos terapêuticos relativos a este segmento nos meandros da saúde pública no Brasil (BABENKO, 2001; SANTOS *et al*, 2012; TONIOL, 2015, dentre outros). Nesta intuito, sigo a proposta de Rodrigo Toniol (2015: 22) em não tornar, entretanto, os estudos sobre Nova Era como um "*a priori* analítico" e busco, a partir da etnografia, percorrer os caminhos que esta terapêutica realiza a partir de sua relação com a psicanálise.

## **Apresentação da pesquisa**

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa constituiu-se como uma etnografia. Para tanto, foi realizado trabalho de campo intermitente durante o período de aproximadamente dois anos, entre maio de 2016 e abril de 2018, concentrando sua intensidade entre os meses de setembro de 2016 a dezembro de 2017, momento em que pude observar a *formação* de terapeutas no Instituto Vibrare e fazer entrevistas em profundidade em Brasília e São Paulo. Participei também de atividades do curso de introdução em Análise Bioenergética, *classes de exercícios/grupos de movimento*, palestras e do IV Congresso Latino-Americano de Análise Bioenergética.

No primeiro capítulo, apresento uma discussão teórica que remete ao primeiro aspecto que observei em campo: a base psicanalítica e sua herança teórico-metodológica na Análise Bioenergética, o que me fez revisitar pressupostos teóricos que enquadram as terapias corporais no campo de antropologia da religião a partir dos estudos da Nova Era. Disserto ali sobre os caminhos de constituição de uma terapêutica independente de uma certa noção de espiritualidade e ou religiosidade e que se ancora num sistema que conta com teoria, método e um aparato institucional que possibilita sua difusão.

No segundo capítulo apresento elementos do contexto etnográfico, partindo de uma breve discussão sobre a relação da AB com a produção de conhecimento acadêmico e científico sobre a terapêutica a partir de dois ângulos: (i) como produtora e; (ii) como objeto, a partir da minha experiência em campo com base na observação dos *workshops* e atendimentos ocorridos dentro do ambiente da *formação*. Em seguida, proponho que voltemos o olhar à *formação* no Instituto Vibrare e o processo de transformar-se em terapeuta corporal, elencando questões referentes à construção de uma subjetividade específica do campo. Já o terceiro capítulo segue com discussões elencadas a partir da análise do que poderia ser designado como "o terapeuta em ação" e sobre o *trabalho corporal* propriamente dito, buscando apresentar e compreender a forma de atuação do terapeuta.

### **O corpo, as ciências sociais e as "terapias da Nova Era": uma breve introdução**

No intuito de introduzir o debate acerca da relação entre as terapias corporais e a Nova Era, me apoio em Albuquerque (2001), no artigo intitulado "As Invenções do Corpo: Modernidade e Contramodernidade", que resume de maneira precisa como as ciências sociais vêm produzindo análises sobre as terapêuticas ditas "alternativas". No texto em questão, a autora trouxe provocações sobre a baixa difusão da noção de corpo e das questões corporais como objeto de pesquisa nas ciências sociais, implicando no pensamento moderno e "sua cisão entre natureza e cultura" a falta de lugar para estes estudos, afinal, afirma, ele surgiria como ponto de ruído entre essas duas categorias, e portanto de difícil absorção.

Para afirmar a influência da experiência em sociedade nos corpos das pessoas, Albuquerque cita Fanon (1968: 250) e sua descrição sobre o corpo dos argelinos como um exemplo do que poderia ser a presença do corpo na antropologia. Em sua obra, ele descreve um padrão corporal generalizado dado pela "existência nos músculos do colonizado de sua rigidez, de sua resistência, de sua recusa em face da autoridade colonial".

Nessa linha, ela argumenta que o contexto social poderia ser capaz de elaborar corporalidades e retoma algumas proposições sobre os estudos do corpo. Para ela, o esquecimento da dimensão corporal nas pesquisas antropológicas refere-se ao sistema de conhecimento que coloca o corpo como referencial à natureza e a mente à cultura.

A dificuldade em abordar as questões corporais de que Albuquerque fala surge para ela também na reflexão sobre as terapias corporais e o chamado complexo alternativo. Essas terapias, de alguma forma, iriam de encontro aos referenciais básicos das ciências ao trazer a dimensão perceptiva e sensorial como diretrizes para suas práticas.

Então, seguindo uma análise a partir da noção de híbrido de Latour (1994), Albuquerque propõe algumas características em comum a estas terapias, cujas intensidades variam em maior ou menor grau, seriam elas: hibridismo cultural, nostalgia do antigo, orientalização, holismo, autonomia, auto-monitoramento e reencantamento do mundo.

A dinâmica desse movimento gerou, nos anos 80 – 90, um outro, chamado de cultura alternativa e que tem características próprias. Sem rejeitar os avanços da ciência, os alternativos procuram aliar a ela os saberes e práticas tradicionais, resgatados nos anos 60, num jogo curioso de apropriações e legitimações mútuas. Práticas e terapias corporais como memória do corpo, aromaterapia, bioenergética, terapias holísticas, entre outras, foram criadas ao longo desses anos bem como inspiraram outras tantas. Nesse processo, as fronteiras entre o científico e o não científico desaparecem, levando ao entrecruzamento de domínios que tradicionalmente se encontravam separados (RUSSO, 1993 apud ALBUQUERQUE, 2001: 10)

Seguindo essa linha, ela continua: "a contracultura teria procurado recuperar a criatividade e o conhecimento advindos da experiência pessoal, como um escudo contra a cosmovisão científica que transformou o homem e a natureza em objetos de manipulação de técnicos." (idem: 16). Todavia, se formos olhar para as psicoterapias corporais poderemos perceber outras nuances acerca da relação com a cosmovisão científica e as demais características do complexo alternativo trazidas pela autora, que podem ou não trabalhar em sentido de contrariedade a este *status quo* compartimentado.

Em que medida as terapias corporais se apresentam como uma forma de solucionar o problema da modernidade?

Enquanto nossa invenção de outras culturas não puder reproduzir, ao menos em princípio, o modo como essas culturas inventam a si mesmas, a antropologia não se ajustará à sua base mediadora e aos seus objetivos profanos. Precisamos ser capazes de experienciar nosso objeto de estudo diretamente, como significado alternativo, em vez de fazê-lo indiretamente, mediante sua literalização ou redução aos termos de nossas ideologias. A questão pode ser formulada em linguagem prática, filosófica ou ética, mas em todos os casos ela

diz respeito àquilo que escolhemos dizer com a palavra "cultura" e a como decidimos dirimir, e inventar, suas ambiguidades. (WAGNER, 2009: 66)

No clássico de Roy Wagner intitulado "A Invenção da Cultura" (2009), passamos a nos entender como partes de um processo de construção cognitiva que se dá através da mediação de uma realidade criada a partir da experiência do mundo. Essa mediação seria uma tentativa de controle que ordena as coisas com as quais realiza a sua construção de mundo. Em sua proposta teórica, defendida como "apenas um ponto de vista diferente aos antropólogos" (idem: 14) o autor entende o ser humano como:

um mediador de coisas, uma espécie de catalisador universal. Em sua imaginação ele é um construtor, um ator e um modelador da natureza imbuído de propósito, ou então um parceiro e colaborador solidário dos "poderes do mundo". Mas ele também é capaz, no sentido mais elementar, de se fazer permeável às coisas, de, em seus pensamentos, identificações e fantasias, "transformar-se" nas coisas em seu entorno, de integrá-las ao seu conhecimento, ação, e ser. (ibidem: 320)

Com esta dissertação proponho, então, que analisemos as terapias corporais a partir de um outro viés, buscando compreender como a Análise Bioenergética se constrói a partir de uma perspectiva de mundo específica na qual identifica a dicotomia corpo-mente e parte desta para tentar solucioná-la através de ações orientadas aos corpos dos sujeitos que aos seus cuidados são submetidos. Como frequentemente ouvi em campo, o objetivo da terapia e de suas técnicas é o de *dar corpo às pessoas*. A seguir, nos debruçaremos sobre essas construções.

# **CAPÍTULO 1**

**Para além da Nova Era: repensando as  
terapias corporais**



## **1.1 Entre a Nova Era e a "psicologização" da sociedade: considerações acerca das terapias corporais**

*Terapia é uma profissão da codependência entre terapeuta e paciente.<sup>1</sup>*

Terapias Corporais (doravante TC) são "terapias psicológicas que têm como característica a intervenção primordial sobre o corpo" (RUSSO, 1993: 11). O fenômeno de sua difusão, datado entre as décadas de 70 e 90 no Brasil aparece na literatura como resultado de dois fluxos desta época: o movimento psicanalítico na corrente da difusão da cultura "psi" nas metrópoles ocidentais; e o surgimento do que é chamado de "complexo alternativo", o que seria por sua vez um composto de "técnicas, práticas e crenças diversas" (idem: 110), sendo essa "diversidade" atribuída em relação ao campo hegemônico de atuação em saúde produzido pela modernidade e referente às ciências biomédicas ou, mais precisamente, à ciência ocidental como um todo (FOUCAULT, 1977). Este complexo teria surgido e se instaurado na sociedade como resultado da difusão do que é denominado como Nova Era, que seria por sua vez uma herança dos movimentos de contracultura que ocuparam os centros urbanos do ocidente nas décadas de 60 e 70.

Parte das análises do complexo alternativo no caso brasileiro segue o viés da antropologia da religião como em Maluf (2005) e Tavares (2012), dado pelo legado dos estudos sobre "Nova Era" de Vilhena (1990), D'Andrea (1996), Magnani (1999), Carozzi (1999), Amaral (1994; 2000) e outros. Todavia, as TC se distinguem dentro deste complexo e constituem um substrato à parte devido ao seu concomitante vínculo com o movimento psicanalítico, sendo referidas na análise pioneira de Jane Russo (1993) como parte do campo "psi" não-convencional. Produzidas pelo diálogo com os trabalhos de, respectivamente, Freud e Reich, se apresentam teoricamente como herdeiras da psicanálise. Não se tratam, portanto, de práticas religiosas ou espirituais e tampouco biomédicas mas almejam a cura de certos infortúnios (fisiológicos, emocionais ou filosóficos) de que podem sofrer o sujeito.

Mesmo não sendo a única razão para esta iniciativa, no momento atual, é importante lembrar que a questão da pluralidade terapêutica em contextos urbanos continua sendo um tema, não apenas de grande relevância, mas que crescentemente intensifica sua visibilidade social, à medida que novas práticas de várias origens surgem e se popularizam a cada dia. Em total desequilíbrio

---

<sup>1</sup> Frase enunciada em um dos diversos *workshops* acompanhados por mim na *formação* do Instituto Vibrare, em notas de campo.

com a importância que estas práticas assumem na modernidade contemporânea, constata-se que continuam escassos os trabalhos antropológicos publicados sobre as mesmas, sejam na forma de livros autorais ou coletâneas, deixando uma grande lacuna no esforço de compreender e explicar este fenômeno que entra no cotidiano das pessoas de diversos segmentos sociais, particularmente daqueles pertencentes às camadas médias urbanas. Longe de apresentarem quaisquer sinais de enfraquecimento, observa-se a expansão e a intensificação do apelo e apropriação das heterodoxias terapêuticas (alternativas, religiosas e populares), além da consolidação de um “mercado profissional”. (TAVARES, 2012: 9-10)

Ademais, no que concerne às análises deste conjunto de práticas referido como "alternativas", observa-se com certa frequência oposições entre o que seria referente ao "ocidente" (ciência) e o que seria referente ao "não-ocidente", por vezes, "oriente"<sup>2</sup> para que se entendam suas ontologias (TONIOL, 2017), mas o que ocorre é que as terapias corporais como a bioenergética foram constituídas no ocidente, mais precisamente do desenvolvimento dos trabalhos de Wilhelm Reich, de origem alemã e cujos conhecimentos referem-se a uma base psicanalítica revisitada e no caso da bioenergética por Alexander Lowen, de origem estadunidense e aprendiz de Reich até certo ponto de sua trajetória<sup>3</sup>.

A princípio, gostaria de frisar que ao utilizar termos como "modernidade", "ocidente" e "oriente", que remetem à significados gerais, tenho ciência de que são estruturas criadas para servirem de recurso analítico, uma vez que definições como estas não abrangem a complexidade de existências referentes aos estratos, lugares e pessoas que de fato operam no contexto que esses designam e que por vezes também se constituem em retórica de manutenção de estruturas de poder e dominação sobre e de vidas diversas (POVINELLI, 2002) geralmente orientadas desde as elites e do estado para as classes mais populares (DAS, 2007). Ao passo que parte da bibliografia a ser trazida à discussão do tema opera com estes significantes, ressalto que quando aparecerem tais termos nos ativéssemos ao que representam enquanto conceito mico da disciplina e nos desviássemos da tentativa de elaborar análises universalizantes e conclusivas.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> A título de exemplo da predominância dessa linha de pensamento sobre as terapias corporais/alternativas, cito o encontro da XXIII ANPOCS de 1999, que no GT sobre Religião e Sociedade realizou uma sessão chamada "Oriente e Ocidente: trocas e referências".

<sup>3</sup> Ainda que sob certa influência de conhecimentos orientais ou orientalizados, como conta Lowen em sua auto-biografia sobre as experiências no Instituto Esalen, marco-zero da contracultura nos EUA (CAROZZI, 1999; SANTOS, 2013).

<sup>4</sup> Saïd (1990), Bartra (1993) e outros nos contam sobre como certa visão de *oriente* tem mais a ver com a necessidade de auto-significação por parte do *ocidente* com base em seu princípio de alteridade.

Gostaria, então, de propor uma breve digressão a este duplo vínculo das terapias corporais, começando pela Nova Era e passando ao que seria a chamada "psicologização da sociedade" (CASTEL, 1987; D'ANDREA, 1996).

### **1.1.1 A Nova Era e o complexo alternativo**

Conforme dito anteriormente, as ciências sociais se referem à expansão do complexo alternativo como algo procedente da difusão do movimento Nova Era no ocidente, um fenômeno que propôs a integração e valorização de práticas e saberes não-ocidentais (do ponto de vista ontológico) para o aperfeiçoamento pessoal através de experiências de *integração com o Universo* a partir do *encontro com a Energia Vital*, ou através da *reconexão entre corpo e mente*, do *retorno à natureza* e outras experiências, cujas definições sinalizam certa oposição ao saber dito tecnocrático/científico por parte das formas de conhecimento tradicional/não-científico (OLIVEIRA, 2012; SANTOS, 2013; BERLINCK, 1989; 1991; MALUF, 2007; CAROZZI, 1999).

A Nova Era seria, portanto, uma proposta "nova" de relação com o mundo (TAVARES *et al*, 2010)<sup>5</sup>, a partir dos entrecruzamentos acima citados dada por certa dissolução das fronteiras entre o científico e o não-científico<sup>6</sup>, sendo o caráter de novidade dado em relação às transformações ontológicas referentes à contestação da racionalidade dita moderna. Theodore Roszak (1969 *apud* SANTOS, 2013: 83) conceitua o fenômeno como uma oposição à tecnocracia norte-americana, uma sociedade que seria identificada pela sua característica autoritária (em seus valores, ainda que democrática em sua estrutura política) e cujas pessoas seriam "maquinadas pelo sistema". No mundo tecnocrático, a sociedade ocidental se conectaria com a moralidade, o trabalho e a produção, cabendo à população, de modo geral, o destino de ocupação em funções para manutenção desta ordem.

A contestação foi a tônica para o que se convencionou chamar contra-cultura.<sup>5</sup> Enquanto os alternativos norte-americanos questionavam o *American way of life* e a guerra do Vietnam, no Brasil as manifestações alternativas ocorriam em reação ao padrão oficial de cultura que o binômio Estado-indústria quis determinar como mais adequado. (TAVARES *et al*, 2010: 182)

---

<sup>5</sup>Tavares *et al* (2010) trazem a interessante ressalva de que o caso brasileiro não deixou de absorver o pensamento revolucionário da época, ainda que em uma sociedade recém-vítima de um golpe de estado e sob regime de ditadura militar. Basta-nos lembrar do tropicalismo.

<sup>6</sup>Essa discussão não é uma novidade na filosofia e há antropologias empenhadas em incorporá-la na construção de seu conhecimento a partir de debates diversos que não cabem à alçada deste capítulo.

Além de servidores da manutenção de um certo *status quo*, à modernidade também se atribuiria o surgimento de uma cultura individualista na qual uma ideia de "realização pessoal" se tornou protagonista das trajetórias de vidas modernas (DUMONT, 1985). Sendo assim, o *american way of life* e seus correlatos constituiriam a maneira de tornar determinado estilo de vida (de submissão ao patriarcado, ao Estado e ao capital) hegemônico a partir da estratégia de propaganda de que fora constituída. A contracultura surgiu então como movimentos diversos de contestação a tal padrão, transformando as vidas de seus "buscadores" (SANTOS, 2014) a partir das experiências em práticas não-ortodoxas que visavam não mais a *realização pessoal* em ressonância com a ordem externa, mas sim com base em uma noção de satisfação a nível individual pautada pela instituição de uma ética de cuidado de si (FOUCAULT, 1985).

A ideia de **despertar o verdadeiro potencial humano reprimido pelos condicionamentos socioculturais** segue como motivo principal na globalização da contracultura e da Nova Era. (SANTOS, 2013: 82, grifo meu)

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos depreender que a relação dada pela reação da contracultura ao contexto homogeneizador da tecnocracia seria satisfatória à própria noção moderna de realização individual, uma vez que seus ideais resultaram na criação não de um projeto político para toda a sociedade, mas de projetos menores, de transformações de sujeitos sobre si mesmos em busca dessa satisfação a nível individual (RUSSO, 1993, SAHLINS, 2009).

Ainda assim, é necessário frisar que, nas últimas décadas, as práticas terapêuticas do complexo alternativo multiplicaram sua oferta, sendo datado desde a década de 90 a existência de organizações institucionalizadas que visavam a inserção destes dispositivos de saúde em escala institucional e estatal como, por exemplo, a inserção de Práticas Integrativas e Complementares (PICs) no Sistema Único de Saúde brasileiro (TONIOL, 2015) – sigla que atualmente engloba como uma de suas práticas a bioenergética.

Por conseguinte, ainda que seja um fenômeno referente a motivações e experiências inicialmente em escala individual, é possível perceber que o que seria a enunciação de uma "revolução do *self*" – como se refere Santos em outro momento de sua tese sobre o processo de transformação e produção do sujeito e da subjetividade na cultura alternativa – pode ser visto também como a enunciação de transformações sociais em escala maior:

É verdade que os rebeldes culturais eram pacifistas pelo sentimento e pela

simpatia aos direitos civis. Além disso, eles achavam que poderiam mudar o mundo – mas não se organizaram para isso. Provavelmente eles pensaram que poderiam mudar o mundo porque eles estavam mudando a si mesmos, o que seria a mesma razão solipsista pela qual eles não fizeram disso um projeto político. (Sahlins, 2009: 5, tradução livre)<sup>7</sup>

Assim como Yoga, Tarô, Astrologia, Meditação, Esoterismo, Homeopatia e outras práticas são parte do complexo alternativo da Nova Era, para a literatura seriam exemplos de produtos dessa difusão também: Orgonoterapia, *Core Energetics*, Biossíntese, Biodinâmica, Análise Bioenergética e outras, que juntas com as primeiras compõem uma grande lista<sup>8</sup> e, por sua vez, são todas terapias corporais<sup>9</sup>. Elas são englobadas no complexo alternativo devido ao caráter de diversidade ontológica em que operam, que iria em sentido contra hegemônico – ao menos *a priori* – ao que seriam os condicionamentos socioculturais dados pela modernidade e a tecnocracia.

No que diz respeito às terapias corporais, definindo brevemente, isso se daria através da concepção de que estas possuem de que os processos de socialização e repressão do sujeito constituem marcas psíquicas que reverberam corporalmente. Isto posto, as técnicas de cuidado são destinadas ao corpo e à expressividade para que a *transformação* aconteça. O resultado de sua eficácia é o bem-estar em que vive um sujeito *integrado*. Por sua vez, isso seria dado pela reconexão entre os domínios do *corpo* e da *mente*, que seriam apresentados de maneira fragmentada pela sociedade moderna e a visão biomédica (BONET, 2004; FOUCAULT, 1991).

É importante ressaltar que as práticas que se relacionam comumente como referentes à Nova Era não foram necessariamente produzidas durante o período, mas sim, e de certa forma, resgatadas e difundidas pelos "buscadores" como ferramentas para atingir seus objetivos pessoais (SANTOS, 2013).

Assim como o centro geográfico deste movimento é atribuído aos Estados Unidos, país-sede do Instituto Esalen<sup>10</sup> – também chamado de marco-zero da Nova Era

---

<sup>7</sup> Do original: True, the cultural rebels were pacifist by sentiment and pro-civil rights by sympathy. Moreover, they thought they could change the world – but they did not organize to do so. Probably they thought they could change the world because they were changing the self, which would be the same solipsist reason they didn't make it a political project.

<sup>8</sup> No Guia de abordagens corporais, de Ribeiro & Magalhães (1997) são encontradas 67 terapias corporais distintas.

<sup>9</sup> Russo (1993) conceitua a diferença entre *terapias* e *práticas corporais* a partir de uma análise de um conjunto de práticas do complexo alternativo que resulta em um recorte daquelas que se relacionam com as psicoterapêuticas, marcadas por método e teorias herdadas de Wilhelm Reich.

<sup>10</sup> O antropólogo Gregory Bateson foi um frequentador assíduo do Instituto Esalen e sua filha atua no local até os dias atuais.

(CAROZZI, 1999) –, é nesse mesmo país que a Análise Bioenergética é fundada anos antes. Idealizada e sistematizada por Alexander Lowen na década de 1950 – cronologicamente anterior à contracultura – trata-se de uma ramificação da terapia de Reich, quem fora seu mentor e com quem romperia para dar início à sua própria vertente que, por sua vez, é uma terapia pautada em "técnicas de intervenção corporal, tendo como objetivo o estabelecimento da autoconsciência, autodomínio e auto expressão"<sup>11</sup>. Liane Zink (*apud* LOWEN, 1997: 8), uma das responsáveis por trazer a terapêutica para o Brasil, enuncia: "Parafrazeando Lowen, é a Consciência de Si (Self Awareness) e a Posse de Si (Self Possession) que permitem a Expressão de Si (Self Expression) no mundo com Alegria". Ou seja, o protagonismo da satisfação pessoal como objetivo de vida é um pilar da Bioenergética, o que comunga com o que foi argumentado acerca dos grupos de contracultura e da Nova Era, sendo o *trabalho corporal* mais uma ferramenta a ser utilizada com vistas a atingir tal resultado.

Não obstante, o objetivo deste trabalho não será o de realizar mais um paralelo entre terapias alternativas e a Nova Era de modo a encaixar as terapias corporais como parte desse segmento, ainda que o fenômeno da contracultura constitua importante cerne de difusão de práticas ditas alternativas como as TC devido à compatibilidade ontológica que estas possuem com os princípios do *new age* (TONIOL, 2017). Minha intenção com este trabalho é a de explorar mais profundamente os significados de se adentrar no universo das terapias corporais, a saber, através do processo de transformação do sujeito em terapeuta e suas implicações. Sigamos.

### **1.1.2 A psicologização da sociedade e o sujeito "psi".**

D'Andrea (1996), ainda na área de estudos da religião, em seu livro intitulado "*O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades*" sinaliza a conexão da ideologia da Nova Era de "auto-aperfeiçoamento" e cultivo da subjetividade com o processo de psicologização da sociedade, tentando entender o que seria a ética elaborada a partir da relação do *new age* com este processo:

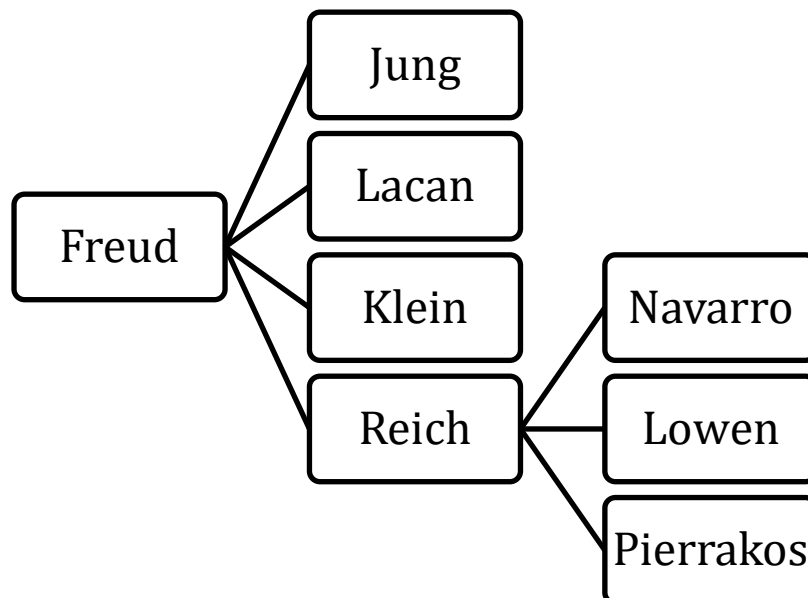
O fenômeno da psicologização (...) representa uma nova forma do sujeito se relacionar consigo mesmo e com o mundo à sua volta. Diz respeito ao modo como formas tradicionais de se lidar com as esferas da vida (...) são

---

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.analisebioenergetica.com.br/analise-bioenergetica/> acesso em 02 de outubro de 2017.

paulatinamente substituídas por formas idiossincráticas, teoricamente construídas a partir do próprio sujeito – de seus desejos e características pessoais. Investigar a psicologização é (...) tentar dar conta do grande paradoxo da modernidade: a produção social da idiossincrasia e da individualidade como pilares básicos do mundo social (RUSSO, 1993 *apud* D'Andrea, 2000: 25).

Assim chegamos ao outro vetor de difusão das terapias corporais: o movimento psicanalítico, existente em metrópoles ocidentais desde o começo do século XX. As terapias corporais originam-se do legado dos trabalhos de Wilhelm Reich (VOLPI & VOLPI, 2003).



**Figura 2. Genealogia da psicanálise com ênfase no legado reichiano.**

Nessa época [de difusão da cultura psi], criticava-se o tradicionalismo adaptacionista do fazer psicológico e buscavam-se novas alternativas de intervenção e terapia, baseadas nos princípios da livre expressão das emoções

por meio de técnicas catárticas, liberação das tensões musculares enrijecidas pela educação patriarcal castradora e ruptura com a repressão sexual que impedia as relações amorosas livres e prazerosas, condição básica para a função do orgasmo e o ideal de vida plena (Russo, 1996). (NASCIMENTO, 2007: 18)

Na década de 1990 foi produzida uma etnografia sobre a emergência das TC na cidade do Rio de Janeiro por Jane Russo<sup>12</sup>, intitulada "O Corpo contra a Palavra: as Terapias Corporais no Campo Psicológico dos anos 80" (1993 [1991]) e que, mesmo vinte e cinco anos depois, arrisco dizer que se trata do mais completo trabalho de sistematização de conhecimento em ciências sociais sobre este tema no país, apesar do crescente número de ensaios e artigos nos últimos anos. O livro aborda a constituição da cultura psicológica dos anos 70 no Brasil; sua difusão através do chamado movimento psicanalítico; seus desdobramentos que culminam na difusão das terapias corporais; e, por fim, as trajetórias e ideário dos terapeutas corporais. Em sua análise, a autora considera que:

(...) o refluxo do movimento psicanalítico e o desenvolvimento das terapias corporais são as duas faces de um mesmo fenômeno: a produção e difusão de uma "cultura psicológica" nos estratos médios da sociedade brasileira. (RUSSO, 1993:11)

O surgimento dessa "cultura psi"<sup>13</sup> é alocado no capitalismo por sua consequente elaboração de um "nicho de mercado", que cria os trabalhadores e também seus consumidores, tal como problematizado por Robert Castel (1987); adentra os meios de comunicação de massa e as universidades através de atividades extracurriculares, ainda que sem deixar de salientar sua predominância nas esferas mais abastadas da sociedade. A "psicanálise como estilo de vida" (RUSSO, 1993: 22) está prestes a completar um século no Brasil – a fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise data de 1927, ainda que o IPA tenha chegado no país na década de 40 (RUSSO, 2002) –, sendo desde a sua primeira década frequentada por camadas de elite, sobretudo de artistas como Tarsila do Amaral, Pepita Guedes, Oswald e Mário de Andrade, outros modernistas brasileiros e da "aristocracia cafeeira paulistana" (Sagawa, 1985 *apud* Russo, 1993). Por ser a psicanálise "elitista em suas condições de aplicação" (CASTEL, 1987: 144), as terapias corporais são tomadas pela literatura como as "herdeiras bastardas" prontas a cobrir o hiato gerado por

---

<sup>12</sup> Graduada e mestre em psicologia com doutorado em Antropologia Social.

<sup>13</sup> Entendemos como "culturas psi" não apenas o desenvolvimento das disciplinas científicas voltadas para o estudo e a gestão da subjetividade e da mente, mas também todos os discursos e práticas associados a tais disciplinas, bem como as formas de recepção, circulação e disseminação delas. (PLOTKIN e RUSSO, 2017: 7)



seu elitismo (RUSSO, 1993). Seria o surgimento de uma cultura psicológica indicador de transformações sociais nos centros urbanos? Jane Russo (1993), Robert Castel (1987)<sup>14</sup> e outros autores argumentam que sim. Para a primeira autora, a difusão dessas práticas "psi" nas camadas médias urbanas da sociedade colocam questões sobre o público e o privado, a nuclearização da família, a centralidade do valor "indivíduo" e, além disso, a possibilidade de mobilidade social e a elaboração de novas formas do sujeito se relacionar consigo mesmo e com o mundo à sua volta, sendo estas marcadas por peculiaridades diversas. Para Castel (1987), este fenômeno traz impactos diretos ao universo do trabalho, através da formação de indivíduos mais produtivos para o sistema capitalista – marcado pela captura da ideia de plenitude à normalidade que a psicologização em massa proporciona.

as técnicas médico-psicológicas já estariam ultrapassando as balizas clássicas do recorte do normal e do patológico, da problemática da prevenção e do tratamento, em direção a um processo de programação de si permanente. O que se visa na cultura psicológica não seria a prevenção nem a cura das disfunções, **mas o autodesenvolvimento psicológico interminável do indivíduo**. O mundo e a vida passam a ser compreendidos e interpretados como algo psicologicamente administrável e transformável, em um **processo de psicologização crescente da totalidade da existência humana**. A perspectiva cultural atual localiza e circunscreve na psicologia a plenitude da vocação social dos indivíduos: o objetivo seria então tratar o indivíduo normal e a sociabilidade comum. (CASTEL, 1987 *apud* BENELI, 2009: 517, grifos meus)

Ao tratar o indivíduo normal e a sociabilidade comum, as psicoterapias defenderiam realizar um movimento de elaboração de um ideal de plenitude dado pela otimização de potencialidades do sujeito. Tanto Castel quanto Russo se referem a um manejo de trajetórias que constroem pessoas. A análise se desloca de uma perspectiva generalizadora e opera através da ideia dumoniana de indivíduo, que seria produto e produtora da modernidade. Entretanto, enquanto "alternativas" à psicanálise, dentro do substrato "psi" existem algumas diferenças entre as vias referentes ao movimento psicanalítico e ao universo das terapias corporais.

Efetivamente não se trata aí do "sujeito do desejo" lacaniano, tão pouco dono de si mesmo, uma espécie de falso indivíduo a quem só resta sua singularidade. A via alternativa trabalha com a concepção ideal de um indivíduo pleno de

---

<sup>14</sup> Tomo os dois pelo grande número de citações a eles que presenciei em minhas pesquisas bibliográficas.

poderes, que tira sua força da comunhão com a natureza, capaz de curvar a sociedade a seus desejos e impulsos. (RUSSO, 1993: 203)

Observa-se neste trecho a ênfase na capacidade de agência do indivíduo sobre si e o mundo à sua volta, o que o coloca em posição de protagonista de sua história em vez de passivo ao contexto social e suas demandas. As TC constituem-se como parte de um conjunto de práticas promotoras da invenção de uma outra subjetividade. Enquanto a questão pertinente ao trabalho de Castel se desdobra em uma análise sociológica da transformação social, o trabalho o de Russo passa por estes caminhos para chegar no que seria a transformação do chamado *self*.

Os sujeitos por ela entrevistados, enquanto grupo, atuaram nos movimentos de invenção de uma ocupação, "no sentido de inventar as regras de acesso à mesma, bem como os critérios de avaliação dos que a praticam" (idem, 1993: 182). Posteriormente veremos como o legado psicanalítico interfere na constituição do ofício de terapeuta corporal pois: "São todos *self made persons*, que, ao fabricar uma ocupação para si próprios, fabricaram ao mesmo tempo a si mesmos". (ibidem, 1993: 215). Por enquanto, continuemos destrinchando a literatura sobre o tema.

## **1.2 "Alternativas" ao quê?**

Referidas também como produto da difusão da "cultura psi" na sociedade (RUSSO, 1993), as TC surgem em um momento cronologicamente anterior ao fenômeno da contracultura e conseqüentemente da Nova Era – talvez aí esteja um dos primeiros indícios dos riscos de tornar o fenômeno protagonista para análises destes segmentos. Enquanto subproduto da difusão da "cultura psi", as TC também são designadas pela bibliografia como terapias "pós-psicanalíticas" (RUSSO, 1993; CASTEL, 1987) ainda que o rótulo de "psicoterapias corporais" apareça com mais frequência.

Em sua formação, os psicólogos se deparam com uma grande variedade de "teorias e técnicas psicoterápicas". Este é o nome de uma série de disciplinas obrigatórias na maioria dos cursos de psicologia. Deixo de lado as técnicas de modelagem do comportamento com suas variações —cognitiva, dessensibilização, reflexológica etc.— e as chamadas terapias alternativas — Gestalt-Terapia; terapia rogeriana; abordagem fenomenológica; e, mesmo, as terapias corporais menos centradas na palavra (RUSSO, 1993) — que, de imediato, nos levam à pergunta: alternativas a quê? Deixemos que Castel (1981) responda: são alternativas à própria psicanálise e dela derivam, numa certa

banalização, sob a rubrica de pós-psicanalíticas (FIGUEIREDO, 2012: 115)

Surge também no trabalho de Russo (1993: 186) a questão da "continuidade entre corpo e mente (com a concomitante crítica ao 'pensamento dualista', ao 'racionalismo ocidental', etc.)", que é por ela analisada pelo viés da discussão dualista entre indivíduo e sociedade, natural e artificial, individualismo e holismo.

De acordo com ela, as TC distanciam-se do elitismo da psicanálise ao elaborar um segmento mais difuso e com fronteiras incertas a partir da instauração de uma grande diversidade de práticas terapêuticas derivadas em maior ou menor grau das práticas reichianas, fundamentadas em grupos de estudo paralelos às atividades acadêmicas e com membros de dentro e fora dos contextos universitários.

Vemos aqui que, ao adentrar no universo "psi", o significado "alternativo" já assume outro posicionamento, sendo este em relação à psicanálise. Nessa discussão, os estudos sobre a Nova Era passam longe, o que me faz retomar crítica de Rodrigo Toniol (2015; 2017) sobre o risco de se reduzir as compreensões antropológicas sobre as terapias alternativas em diálogos com o movimento *new age* e sua difusão no ocidente, esquecendo-se de olhar para as terapias propriamente ditas e tentar entendê-las a partir de suas próprias relações. Sendo assim, talvez o que o complexo alternativo e suas análises tenham a nos contar seja mais sobre o campo de conhecimento acerca do tema do que sobre essas terapias em si. Afinal, por que utilizar o adjetivo "alternativo" se não quando em relação a uma hegemonia? Vemos com no trecho de Figueiredo supracitado o que acontece dentro do campo "psi" com essas terapias-outras, adjetivadas dessa forma pela sua relação com a psicanálise.

Nessa via, as terapias corporais ainda seriam apontadas por um certo caráter de marginais (RUSSO, 1993) devido a alguns motivos, dentre estes: a herança de Reich – quem teve descrédito devido à polêmicas referentes às experiências dos últimos anos de sua vida – e sua contestação à psicanálise convencional "da palavra"<sup>15</sup>; o processo de formação e criação de um campo do conhecimento localizado fora do cerne acadêmico/científico e; a valorização da ideia de continuidade entre corpo e mente. As TC constituem-se como a junção entre técnicas corporais e técnicas psicanalíticas (RUSSO, 1993; FOUCAULT, 2002). No que diz respeito à marginalidade enquanto saber de um

---

<sup>15</sup> Reich pode ter sua vida dividida em três momentos: seus estudos com Freud, seu rompimento com este e consequente elaboração de uma nova teoria – aqui se situa a sua influência teórica maior nas TC – e a elaboração de teorias persecutórias e ufológicas sobre a vida – momento de descrédito. Caso haja interesse, recomendo a leitura do livro de Jane Russo (1993), que faz um excelente resumo biográfico do terapeuta.

ponto de vista acadêmico/científico, eu não tinha dimensão da exclusão das TC destes estratos até vivenciar o seguinte episódio.

Em outubro de 2017, tive a oportunidade de apresentar reflexões prévias desta pesquisa em um evento científico, cujo grupo de trabalho ao qual submeti minha proposta reuniu pesquisadores de universidades do eixo centro-sudeste-sul do Brasil, e que se intitulava "Práticas psi, dispositivos técnico-científicos e modos de produção de subjetividades: um campo de atuação de estudos CTS".

Neste encontro haviam mais três antropólogos e todos os outros membros eram da área da psicologia – o grupo de trabalho (GT) era composto de cerca de sete pesquisadores no total + o público – com considerável experiência acadêmica (minha titulação era a mais baixa dentre os apresentadores, exceto um aluno de graduação orientado pelo coordenador do GT e que produzira um artigo com ele) e também clínica, atuando em hospitais universitários, CAPS e outros equipamentos do Sistema Único de Saúde.

Quando aparecia alguma ramificação das práticas terapêuticas, os trabalhos mencionavam Análise Lacaniana/Freudiana, Gestalt terapia, Terapia Cognitivo-Comportamental, Piaget com a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, Análise Bioenergética e Psicologia existencial e à exceção das duas últimas, as vertentes não eram inéditas aos mundos dos demais presentes.

Na minha apresentação, de maneira ingênua, parti do pressuposto de que falaria para pesquisadores de "práticas psi" que provavelmente conheceriam algum debate acerca das denominadas terapias corporais. Dada certa raridade de material acadêmico sobre o tema, fiz uma breve introdução do que seria a Análise Bioenergética a partir de uma pequena genealogia iniciada em Freud e, em seguida, me ative à discussão teórica do que seria a *leitura corporal* praticada pelos terapeutas, um processo que se refere ao *psicodiagnóstico* e que orienta o tipo de intervenção, constituída predominantemente por propostas de *exercícios corporais*.

Ao fim, encerrei com um comentário acerca de meu interesse de pesquisa por práticas que tencionavam questões referentes aos chamados dilemas da modernidade e de suas cisões categóricas como "corpo e mente", "sujeito e objeto" e "natureza e cultura", que são fundadas e fundadoras de um tipo de conhecimento do mundo – a saber, "científico" – e sobre os impactos dessas concepções na produção epistemológica atual, pensando a partir da análise deste produto que seria oriundo do movimento *new age* nos

estratos cosmopolitas da nossa sociedade – eu mesma ainda não havia me atentado ao vício dessas correlações até ler o trabalho de Toniol (2017) alguns meses depois.

No debate, os argumentos levantados pela primeira pessoa que comentou foram sobre possível equívoco ao denominar a Análise Bioenergética como uma "terapia corporal", enunciando acerca da existência do *corpo* para outras terapias, ainda que em construção diversa, como é o caso da corporalidades no lacanianismo – vertente predominante em seu trabalho de campo. Um dos espectadores do GT comentou, então, que o corpo para Lacan aparece de outra forma, através de um conceito relativo ao *real*, mas dentro de uma lógica estruturalista de concepção de mundo, enquanto as terapias corporais abordam o corpo a partir de um outro viés, mas, infelizmente, este debate não se aprofundou como poderia ter acontecido, dado o limite de tempo que havia estourado.

Ao ouvir os comentários e pensar sobre eles posteriormente, passei a ter uma sensação de estar falando sobre algo desconhecido para aqueles psicólogos e pesquisadores presentes – o que me foi, à primeira vista, frustrante, mesmo sabendo sobre a condição rarefeita de meu tema de pesquisa. Imaginava que os debates sobre subjetividades e saberes CTS através da escola de Stengers e Latour, bibliografia presente nas discussões dos outros trabalhos e cuja temática seria "quente" para o tipo de evento em que eu estava poderiam aproximar meus interlocutores de GT devido à proposta de se tentar construir um conhecimento a partir de um pilar não-hegemônico.

Ao final do dia de trabalho, um outro colega de GT veio me perguntar discretamente como seria essa terapia, discrição esta que revelava certo pudor em seus gestos pelo tom de voz reduzido enquanto conversávamos. Ele me contou que havia tido uma única professora e uma única matéria de terapia reichiana durante a sua graduação – sendo que já estava finalizando o doutorado – e que "*o negócio era muito doido*" e "*diferente*". Percebi, somando sua gestualidade ao teor do debate ocorrido anteriormente, muito do que a bibliografia sugere: as terapias corporais aparecem como objetos exóticos, produtoras de estranhamento e colocadas para fora do eixo científico. Acredito que esta história ilustre bem diversos contextos pelos quais essa dissertação atravessará enquanto análise das TC e dos fenômenos a ela imbricados.

Paula<sup>16</sup>, uma das interlocutoras que entrevistei, é terapeuta há três décadas e narra o início de sua carreira da seguinte forma:

---

<sup>16</sup> Todos os nomes das pessoas entrevistadas serão alterados.

*Quando eu fui fazer a faculdade de psicologia [nos anos 80], era uma época que não tínhamos muito acesso à informação ainda. Tínhamos uma dificuldade grande em alguns textos que achavam que eram mais comunistas. Assim como o Reich. Então, tínhamos um grupo de estudos na faculdade, à parte, que estudávamos as teorias de Reich. Era considerado uma coisa mais alternativa e mais comunista. Então, naquela época, não tinha muita liberação para esse tipo de teoria. Na faculdade, eu já tive contato com as teorias corporais que vinham de Wilhelm Reich. Cada vez mais, gostei disso, me aprofundei com o grupo de estudos que tínhamos. Quando eu terminei a faculdade, fui buscar um curso de terapias corporais que era no Sede Sapiens que é ligado à PUC, em São Paulo. No primeiro ano, não teve o curso. Depois de dois anos que começou a funcionar. Era um curso que existia, parou de funcionar por dois anos. Depois, foi retomado por outra equipe. Então, eu fui fazer o curso de Reich, terapia corporal. Aí, era um curso de dois anos. Adorei. Foi muito bom. No final do segundo ano, o pessoal da Myrian de Campos e Odila iriam montar um curso de Análise Bioenergética em São Paulo. Que era a primeira turma disso. Lá, as duas foram no Sede fazer vivência conosco. E falaram que estavam iniciando o curso. Então, eu fui para a primeira turma de Análise Bioenergética na SOBAB – Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética de São Paulo, que fundaram. Aí, eu comecei com elas na formação. Então, eu saí do Reich e, em seguida, fui para Análise Bioenergética. Porque esse era o meu caminho. Eu sempre gostei de trabalhar no corpo, dessa linha. Então, fui buscar esse caminho e estou até hoje. Isso foi em 1986. Comecei a fazer o Reich. Depois, em 88, fiz Análise Bioenergética.*

Vemos neste trecho que, ao passo que academicamente se produza um caráter "de certa marginalidade" (RUSSO, 1993: 183) das TC no Brasil em relação ao vínculo com instituições tomadas como legítimas como seria a universidade, há desde os anos 80 o movimento de institucionalização da terapêutica.

Ainda que desconhecidas e exotizadas, observei um fluxo contrário à desinstitucionalização das práticas terapêuticas durante meu trabalho de campo, ainda que

os primeiros estudos – como os de Paula – tenham sido em grupos "informais" do ponto de vista burocrático e marcados por incertezas e descontinuidades. Por outro lado à tais incertezas, vê-se de seu relato que já em 1986 foi criada a primeira turma de Análise Bioenergética na SOBAB – A Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética e que ainda continua em funcionamento. A SOBAB divide o protagonismo de sede brasileira com o IABSP – Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo<sup>17</sup>, que, por sua vez são vinculados à FLAAB – Federação Latino-Americana de Análise Bioenergética, em Recife.

No site da FLAAB há a informação de que também são filiados à entidade o LIBERTAS/AABNB – Associação de Análise Bioenergética do Nordeste Brasileiro –; VIBRARE – Sociedade de Análise Bioenergética de Brasília; SABERJ – Sociedade de Análise Bioenergética do Rio de Janeiro e; IAAB – Instituto Argentino de Análise Bioenergética, com um total de 190 terapeutas com certificado internacional, ou o chamado *CBT*, que é o diploma obtido após a finalização da *formação* nessas escolas e a realização de duas provas de habilidades. Percebi, ainda, que o esforço das pessoas envolvidas com a AB no Brasil se situa na justa tendência de institucionalização, o que condiz mais com o legado psicanalítico do que com os valores contraculturais. Isso surge na *formação* atual dos terapeutas pelo instituto onde realizei meu trabalho de campo, que passa por diversos critérios de avaliação, podendo variar em 5 ou mais anos para se obter o desejado certificado que implica em vinculação com o IIBA – International Institute of Bioenergetic Analysis.

Todavia, às TC ainda atribuem-se qualidades opostas ao *status quo* e, no caso de Paula, essas surgem pelo caráter de "comunista", de prática "alternativa" e apreendida por "vivências". A visão de *integração entre corpo e mente*, pressuposto teórico das terapias reichianas, entra em conflito com as cisões do pensamento moderno. Em uma conversa antes da entrevista, a questioneei sobre a influência do movimento Nova Era sobre a difusão dessas práticas no Brasil ela me respondeu sem hesitação de que ele fora "essencial" na nossa sociedade<sup>18</sup>. Ou seja, ao passo que possui o caráter contestatório do ponto de vista ontológico, a institucionalização parece ser o caminho escolhido para a difusão desta TC no Brasil.

---

<sup>17</sup> As duas pessoas que são apontadas como precursoras da prática no Brasil: Myriam de Campos (SOBAB) e Liane Zink (IABSP), mas acredito que devemos pensar em termos de núcleo difusor como propôs Russo (1993).

<sup>18</sup> Nota de campo, maio de 2017.

As terapias corporais, portanto, não são contestadoras políticas de uma maneira direta e inclusive se apresentam dentro da ótica capitalista e institucional, por mais que isso evidencie os lastros de que por elas tenham sido capturadas (STENGERS, 2009) na manutenção da dita psicologização da sociedade.

Quando Russo descreve as diferenças entre o "sujeito do desejo" da cultura psicanalítica e a "*self made person*" do substrato das TC, o realiza no sentido de evidenciar "o fim do controle pela psicanálise do processo de difusão da cultura psicológica na sociedade" (idem: 202) a fim de denotar a complexidade dos estratos médios urbanos e o individualismo como valor intrínseco a vida urbana. Essa é a conclusão de seu trabalho. Vemos aqui clara influência do legado de Dumont (1971; 1985, 1991). A bibliografia de *O Corpo Contra a Palavra* é construída a partir de trabalhos que dialogam com a temática do indivíduo pelo viés dumoniano, teoria hegemônica na antropologia urbana brasileira da época (MALUF, 2013).

Sendo uma das filhas bastardas da psicanálise (RUSSO, 1993), e esta por sua vez constituída como um sistema de pensamento e uma técnica única e específica de tratamento psíquico (FREUD, 1992; ANTONIO, 2014), gostaria de me debruçar sobre tais referenciais acerca da Análise Bioenergética enquanto uma terapia corporal a fim de trazer elementos para a compreensão da noção de pessoa que emana de seu sistema. Ou seja: que tipo de saber e sujeitos são elaborados por esta prática terapêutica corporal? O que envolve ser uma *self made person*?

A ideia de meu trabalho é, por conseguinte, analisar o processo de *formação* do terapeuta corporal e sua consequente inserção em um sistema de conhecimento específico à prática, que é constituída por um complexo escopo teórico e técnico e engloba as experiências de vida daqueles e daquelas que a ela se submetem, ressignificando suas trajetórias e transformando suas maneiras de pensar e viver.

### **1.3 Pensando e controlando o universo afetivo: o papel da psicanálise na sociedade ocidental**

Psicanálise (pela transferência) e etnologia (por sua relação singular que a ratio ocidental estabelece para a relação entre as culturas) estudam as persistentes formas de fracasso da "humanização". (...) De acordo, somos os xamãs modernos, só um cientificismo tolo verá nisso um rebaixamento de nossa autoridade social. E os xamãs são sempre um tipo de antropólogo "por dever de



ofício”. A experiência clínica é uma experiência antropológica, no sentido do “olhar viajante do antropólogo”

**Christian Dunker, em entrevista<sup>19</sup>.**

Se formos pensar no berço do pensamento científico ocidental, é certo que a Antiguidade Grega é um dos antepassados que devem ser mencionados<sup>20</sup> e, como em muitos lugares do mundo, para aquele povo havia preocupações e elaborações acerca da questão do sofrimento. A partir de Hipócrates o estado de "perda de razão" passa de uma causalidade provocada pelas divindades e se torna uma questão de desequilíbrio humoral, elegendo o cérebro como o protagonista das regulações do corpo, impactando as funções mentais e portando patologias. Essa perspectiva é deixada de lado na Idade Média, em que se viu o retorno da causalidade espiritual para o acometimento do sujeito, porém logo é resgatada com os marcos históricos do renascimento e o surgimento da ciência. (CLARA, 2009).

A partir da chamada Revolução Científica, o interesse do ocidente em expansão e conquista voltou-se à técnica e ao experimento através da elaboração de métodos de validação da realidade. A busca por uma verdade é acompanhada pelo critério de validade, que possui um percurso metodológico para ser atingido: o conhecimento é hipotético e suas hipóteses precisam ser testadas para se tornarem válidas.

Nesse cerne não caberia o mundo mítico da cristandade tal como postulado na era da "caça às bruxas". Afinal, bastava uma breve análise do cristianismo para encontrar não muito distante no tempo uma diversidade de elementos místicos e esotéricos em suas práticas<sup>21</sup>. A fim de manter-se personagem no novo cenário de crescente domínio da ciência, o cristianismo precisou adaptar-se, afastando de sua igreja toda e qualquer prática que pudesse ser considerada mística e esotérica: para estes grupos, vinculados ou não ao cristianismo, coube a marginalidade da ordem. A preocupação da religião se volta à moral e aos costumes. Como a existência divina era e ainda o é hipótese não refutada ou confirmada pela ciência, o cristianismo sustentou-se no benefício da dúvida. Dessa forma,

---

<sup>19</sup> Disponível em: < [http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/Vol3no2\\_ENTREVISTADUNKER.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/Vol3no2_ENTREVISTADUNKER.pdf) > acesso em 20 de janeiro de 2018.

<sup>20</sup> O livro de Roger Bartra *Wild Men in the Looking Glass* (1994) é um material exemplar de reconstrução do pensamento ocidental a partir da idéia de "selvagem", demonstrando como a construção da epísteme europeia herda e cria seu mundo a partir de uma interpretação da alteridade por assimetrias e ímpeto de dominação.

<sup>21</sup> Mesmo na época das perseguições à bruxaria, a argumentação construída no *Malleus Maleficarum* (livro símbolo da época) carece de validade empírica e é incapaz de se formular básica em uma abordagem cética. Ou seja, se tornou ineficaz. O livro *Wild Men in The Looking Glass* de Bartra (1992) mostra com clareza os mitos que embasaram a vida ocidental.

o racionalismo impôs ao mundo cristão um caminho imprescindível de desvinculação da magia à religião (MORIN, 1982 *apud* TAVARES, 2010) em uma realidade dominada cada vez mais pela ortodoxia científica e menos pela Igreja.

Roy Wagner (2009), em seu livro *A Invenção da Cultura* (1975) analisa a epistemologia norte-americana/ocidental olhando para sua construção em uma perspectiva denominada "antropologia simbólica". Apesar de o local geográfico de referência ser demarcado, pode-se compreender o argumento acerca da racionalidade ocidental de maneira mais ampla<sup>22</sup>:

A principal preocupação da cultura norte-americana moderna consiste em domar, arregimentar, subjugar, moderar, racionalizar e compreender aquela coisa poderosa e mistificadora que acreditamos estar dentro e em torno de nós, animando todas as coisas – aquilo que chamamos de "natureza". Todos os nossos valores pessoais e coletivos são medidos por esse empreendimento, quer estejamos falando de saúde, sanidade, desempenho, esportividade, moralidade ou progresso. (WAGNER, 2009: 324)

Na ótica do autor, "dada a natureza da simbolização convencional (modo de pensamento predominantemente ocidental), o coletivo sempre precisa significar o diferenciam-te e vice-versa" (idem: 125, parênteses meus), ou seja, o conhecimento seria produzido através de um processo de controle que culmina na elaboração de definições sobre as coisas do mundo. Dessa maneira, a criação do objeto seria a justa medida para a existência do sujeito. E a criação da cultura, por sua vez, seria a invenção da própria ideia de natureza. Assim, o mundo natural é recurso *SINE qua non* para o mundo cultural, que seria a representação simbólica desta "realidade".

Nesta ótica, para o ocidente a natureza seria o próprio aberto, o ainda indomado, sendo nossa relação com ela dada pela forma do controle. (WAGNER, 2009: 125).<sup>23</sup> A ciência se destinaria a ser, para nós, a conquista da natureza, funcionando como mecanismo de classificação e generalização sobre o mundo à sua volta. Faz-se necessário conferí-lo "ordem e integração racional". (idem: 125). Esta cosmovisão opera em

---

<sup>22</sup> Ainda que não total, uma vez que no ocidente também se encontram grupos e práticas em outro fluxo, como assinala Wagner em sua introdução. Um debruce mais detalhado sobre estas epistemologias exigiria um trabalho muito mais aprofundado de pesquisa em uma escala multissituada.

<sup>23</sup> Há todo um legado em diálogo com os trabalhos dos filósofos Husserl, Heidegger e Lévinas que trabalha a questão epistemológica sob o viés de uma escola filosófica da fenomenologia. A via wagneriana segue por esse caminho, ainda que preservando sua relação com o estruturalismo e a linguística.

compartimentalização, ou seguindo o raciocínio de Wagner, em uma forma de simbolização categorizada como convencionalizante.

Para os norte-americanos/ocidente, a assimilação da experiência de vida<sup>24</sup> seria exercida através do controle pelo pensamento racional e suas elaborações que são, por conseguinte, fundamentos do *modus operandi* ocidental e da ciência. Cria-se a razão e ao mesmo tempo, compartimentaliza-se parte daquilo que é "irracional" como fruto do domínio do natural, do inato, do fenomenológico. Por conseguinte, a existência da cultura e da natureza se encontram imbrincadas. Medo, raiva, desejo e agressividade são artefatos tão culturais quanto naturais. Pensamos, logo existimos. E o que fazemos com o que (e como) sentimos?

A sociedade é desafiada por suas próprias criações: os “fatos obstinados” da história e da ciência, as “necessidades” prementes das “minorias” étnicas e regionais, as “crises” que se desenvolvem a partir de diferenças e pontos de vista existentes. Tudo isso tem o efeito de diferenciar e, em última instância, desconvenacionalizar nossos controles coletivizantes. Ao buscar “integrar” e satisfazer minorias, nós as criamos; ao tentar “explicar” e universalizar fatos e eventos, fragmentamos nossas teorias e categorias; ao aplicar ingenuamente teorias universais no estudo das culturas, inventamos essas culturas como individualidades irredutíveis e invioláveis. Cada fracasso motiva um esforço coletivizante mais amplo (WAGNER, 2009: 201).

Ora, se a condição da própria racionalidade (estabilidade) para existir era de diferenciar-se dos domínios da não-razão, mais precisamente, do irracional (instabilidade), a modernidade havia ela mesma criado uma pedra em seu sapato, afinal, como lidar com o movediço mundo das emoções? Pelo menos até o século XIX o mundo incerto das sensações perturbava a ciência<sup>25</sup> de maneira secundária, o que se modifica com o surgimento da psicanálise.

No legado kantiano, as emoções e sentimentos são objetos de investigação científica, assim como por ele é proposta uma teoria de controle dos mesmos (BORGES, 2012). Posteriormente se funda a ciência que estuda o universo psíquico dos sujeitos, denominada psicologia. A essa se atribui o estudo dos processos mentais e a psicanálise

---

<sup>24</sup> vida ou viver.

<sup>25</sup> Ainda nos anos 1700, a medicina encontra o dilema da neurose e dos problemas mentais (LEWIS, 2011), cujos estudiosos do tema posteriormente se desenvolveriam na psicanálise.

surge como uma disciplina-outra dentro deste meandro ao se ocupar com o *inconsciente*<sup>26</sup>. Ambas objetivam tratar o sofrimento de uma pessoa. Arthur Ferreira (2005:2) sinaliza a psicologia como uma disciplina em dispersão, composta por um emaranhado de "sistemas, projetos, escolas, teorias, hipóteses, orientações, aplicações e marcas autorais". A partir disso, ele realiza uma análise do campo "psi" desde o trabalho de Bruno Latour em "*A esperança de pandora*" (2001), que aborda temas relativos aos *science studies*<sup>27</sup>, a saber, como são criados e fabricados pela comunidade científica. Sua investigação segue mais precisamente pelo que concerne ao capítulo três deste livro e a metáfora da ciência construída pelo filósofo francês como um sistema circulatório, dividido em cinco circuitos.

1) "Mobilização do mundo", ou conjunto de mediações aptas a fazer circular os não-humanos através do discurso (instrumentos, levantamentos, questionários e expedições); 2) "Autonomização", ou a delimitação de um campo de especialistas em torno de uma disciplina, capazes de serem convencidos ou entrarem em controvérsia; 3) Alianças, ou recrutamento do interesse de grupos não científicos, como militares, governamentais e industriais; 4) "Representação Pública", ou o conjunto de efeitos produzidos em torno do cotidiano dos indivíduos; e 5) "Os Vínculos e Nós", que dizem respeito ao coração conceitual, que amarra todos os demais circuitos. (FERREIRA, 2005:4)

Para ele, a psicologia mobiliza o mundo através da produção ou "extorsão" de testemunhos de "não mais de objetos, mas de sujeitos" (STENGERS, 1989 *apud* FERREIRA, 2005:4-6), mas que devido à pluralidade em que ela se encontra, o "problema é que no campo psicológico, as técnicas de mobilização forjadas não circulam de forma livre em sua extensão; elas trafegam apenas no campo de uma determinada orientação onde ela pode ser forjada" (FERREIRA, 2005: 5). Nesse sentido, o que ele quer dizer é que cada área da psicologia toma para si um caminho metodológico e técnico para a apreensão e controle do universo afetivo e suas expressões, sendo a psicanálise uma de suas variações, o que formaria uma grande disciplina com pequenos núcleos que não necessariamente compartilham das mesmas noções para explicar as mesmas coisas. Ferreira retoma o conceito de "biopoder" de Michel Foucault (1977) que consiste em "conjunto de dispositivos aptos a classificar os indivíduos dentro de uma graduação de normalidade/anormalidade e elaborando estratégias coletivizantes (biopolíticas) e

---

<sup>26</sup> Esse seria o universo de pensamentos eficazes que se mantém como pano de fundo de seus anseios e desejos. (CORDEIRO, 2010)

<sup>27</sup> Pessoalmente, prefiro "estudos da ciência", mas deixo o termo em inglês devido à referência ao autor.

singularizantes (anatomo-políticas), visando majorar suas forças produtivas e vitais" (ibidem: 6) e o coloca em centralidade para se entender os fundamentos da disciplina. No caso, para a psicologia a questão do normal e do patológico é parte essencial de sua fundamentação.

O problema, bem colocado por Pierre Gréco (1970), é que a psicologia deseja fazer ciência daquilo que escapa à própria ciência, do que é posto entre parênteses no ato científico: as representações equivocadas, a desadaptação, os desejos humanos em sua desmedida patológica. Promove-se uma nova mistura do que havia sido bem segregado na modernidade: objetiva-se (naturaliza-se) o sujeito e subjetiviza-se o objeto científico. (FERREIRA, 2005: 8.)

Não sei se este seria de fato um "problema" para a psicologia e talvez isso seja mais pertinente a uma teoria crítica da disciplina e das ciências do que ao meu trabalho aqui, entretanto, me chama a atenção neste trecho o papel da psicologia de convencionalizar e dar sentido às incertezas e infortúnios referentes à experiência de vida do sujeito através de uma abordagem científica e sua funcionalidade como ferramenta de controle social. No que concerne à psicanálise<sup>28</sup>, a predominância do saber psicanalítico atingiu tamanha magnitude que foi capaz de inserir os conceitos de *inconsciente* e *complexo de Édipo* no imaginário comum, transformando relações entre sujeitos a partir da produção da "verdade de si" dada por tais preceitos e tantos outros de origem nessa disciplina (FERREIRA, 2005)<sup>29</sup>. E o que faz o âmbito das incertezas relativas ao universo do sensível se tornar passível de controle através das técnicas psicológicas?

---

<sup>28</sup> A psicologia apresenta uma grande quantidade de disciplinas diversas, mas seleciono a psicanálise pela escala social que atingiu e sua influência nas terapias corporais, além das relações com a antropologia através dos trabalhos de Malinowski, Kroeber, Lévi-Strauss de um lado e Lacan, do outro.

<sup>29</sup> "Entre os saberes sobre a subjetividade, a psicanálise tornou-se uma espécie de marca do século XX na Europa e nas Américas (do Norte e do Sul), funcionando como uma *Weltanschauung*, em especial nos meios intelectuais e letrados, mas sendo também fortemente disseminada junto a um público mais amplo." (PLOTKIN e RUSSO, 2017: 7)

## 1.4 Psicanálise e bioenergética: rupturas e criações



Figura 3. Imagem divulgada em rede social do IABSP, que segue com legenda: "...tornando esta modalidade terapêutica uma abordagem em que corpo e mente são combinados para o enfrentamento dos problemas emocionais." Conheça nosso curso de formação clínica em Análise Bioenergética e como podemos lhe aprimorar profissionalmente para lidar com seus pacientes

Anteriormente, mencionei a questão da institucionalização da psicanálise como uma das heranças possuídas pela Análise Bioenergética. Ao buscar pelo entendimento do que seria a terapêutica que situa a minha pesquisa, encontrei na AB um fundamento teórico híbrido composto pela vertente reichiana e sua *análise do caráter* ou *characterologia*, que surge em uma versão revisitada por Alexander Lowen, e pela base teórica psicanalítica dada através do constante acionamento de categorias referentes à psicanálise como: *transferência*; *contratransferência*; *histeria*; *castração*; *neurose*; *psicose* e de outros dispositivos como a análise do complexo de Édipo para a obtenção de informações do cliente<sup>30</sup>. Como me disse Tânia em um dos *workshops* que frequentei: "Freud é a base de tudo"<sup>31</sup>. Sendo a psicanálise um sistema de pensamento, como proposto por Freud (*op. cit.*), a herança reichiana não se emancipa por completamente de suas categorias, mas faz uso daquelas que convinham para o sistema reichiano (RUSSO, 1993). Neta de Reich e filha de Lowen, a AB se situa como um desdobramento da psicanálise (RUSSO,

<sup>30</sup> O termo *cliente* vem sendo acionado em diversos contextos de saúde e denomina aquele indivíduo que paga diretamente pelo tratamento, em oposição ao *usuário* que é aquele que utiliza do equipamento público para obter seu tratamento. Em relação ao contexto de pesquisa, observei maior incidência bem como certa insistência por sua utilização em detrimento do *paciente*.

<sup>31</sup> Notas de campo, novembro de 2017.

1993), ainda que soe desconhecida a muitos sujeitos que navegam pelos domínios da dita cultura "psi". A seguir, ficará mais evidente a dupla-herança desta prática.

Ademais, acho interessante observar que o próprio nome desta terapia carrega consigo as duas nuances em que é fundamentada, sendo constituída por síntese dialética entre os dois domínios – o que se relaciona com a postura de Lowen em relação ao rompimento com Reich na década de 1950, que também será trazido a seguir. Nesse sentido o que seria, portanto, uma "Análise Bioenergética"? Realizarei agora uma digressão a fim de desemaranhar as (des)continuidades que culminaram no surgimento da terapêutica em questão.

#### **1.4.1 Fundamentos psicanalíticos**

Por "psicanálise", usualmente "análise", entende-se o termo criado por Freud no final do século XIX para nomear um eixo particular de psicoterapia referente a um processo *catártico* e à exploração do *inconsciente* a partir de métodos de *associação livre* e *interpretação*, sistematizado como um método terapêutico com organização clínica e técnica específica e uma modalidade de transmissão do saber baseado na ideia de *inconsciente* e centralidade do *complexo de Édipo* (ROUNDINESCO, 1998: 601-604). Já podemos observar aqui um aglomerado de categorias êmicas para a construção do conhecimento psicanalítico.

Em oposição à medicina da época, a psicanálise permitiu a elaboração de uma nova subjetividade, em que a "verdade de si" (FOUCAULT, 1994) era revelada pelo próprio *inconsciente* do sujeito, e não por fatores externos como a igreja ou a ciência que estava disponível. Em uma sociedade de indivíduos e idiosincrasias, encontra território fértil para sua disseminação. Freud, no tomo XVII (1917-1919) define a psicanálise como um sistema de pensamento. Para este sistema, o *sofrimento* ou a categoria de *mal-estar*<sup>32</sup> são as formas de se denominar os incômodos do sujeito perante à vida e têm fundo existencial. (ANTONIO, 2010)<sup>33</sup>.

A psicanálise surge como mais um sistema terapêutico que se pode utilizar, e não implica a substituição de um outro na explicação dos infortúnios; aliás, ela funciona de forma parecida com a religião, a magia e outras terapêuticas

---

<sup>32</sup> Como em *O Mal-Estar da Civilização* (1930).

<sup>33</sup> Acerca do conceito de *sofrimento* na psicanálise, recomendo a leitura da tese de mestrado em antropologia social de Maria Carolina Antônio (2010).

místicas, em vista da articulação que faz entre simbólico, mito e sofrimento. A eficácia da psicanálise, enquanto sistema simbólico, está em sua possibilidade de oferecer uma perspectiva coerente para a apreensão subjetiva do infortúnio. (ANTONIO, 2010:107)

Como demonstra Michel Foucault (1977: 39) em *O Nascimento da Clínica*, a medicina ocidental do século XIX se relacionava com as noções positivas de "saúde" e de "normalidade" e cabia ao médico a primazia sobre o corpo dos pacientes, o que denota a terminologia utilizada e referente à passividade. Ela se constituía como "o clero do corpo" (QUINTELLA, 2015: 6), em referência ao privilégio da verdade sobre o corpo que nos séculos anteriores era possuída pela Igreja Católica.

É conhecendo e dizendo a verdade sobre o corpo, que a medicina opera na vida humana, estrategicamente, toda uma disciplina que rege a organização normativa da sociedade moderna, ocupando, desta forma, uma certa relação "pater" no lugar da soberania da Igreja pautada na imago do "Deus-pai", à medida que se inscreve como detentora dos destinos e dos rumos humanos na sociedade liberal do século XIX. (QUINTANELLA, 2015: 7)

O trabalho de Freud – um médico neurologista – foi "o iniciador de uma inversão do olhar médico que consistiu em levar em conta, no discurso da ciência, as teorias elaboradas pelos próprios doentes a respeito de seus sintomas e seu mal-estar" (ROUNDINESCO, 1998: 604). Assim, a psicanálise configurou o que passa a ser chamado de "primado da escuta" (QUINTANELLA, 2015:10), tendo em si certo caráter de ruptura à ordem hegemônica do conhecimento sobre o corpo e a pessoa.

A especificidade da psicanálise em relação a outras psicoterapias está em sua afirmação de que há um significado no *sintoma*. Nela o *analisante* é deslocado do lugar de *paciente* para o de investigador de sua própria verdade, mesmo que esta seja uma produção da psicanálise. (ANTONIO, 2010: 116)

Por "primado da escuta", entende-se como a abordagem metodológica da psicanálise, que era baseada em uma escuta sistemática dos discursos elaborados pelos sujeitos analisados, sendo este o processo de captura dos testemunhos dos sujeitos que Ferreira (2005) define, citado anteriormente. De que maneira essa "escuta" foi construída?

Freud inaugura novos tempos: o tempo da palavra como forma de acesso por parte do homem ao desconhecido em si mesmo e o tempo da escuta que ressalta a singularidade de sentidos da palavra enunciada. Ocupa-se, em suas produções teóricas e em seu trabalho clínico, de palavras que desvelam e velam; que



produzem primeiro descargas e depois associações. Palavras que evidenciam a existência de um outro-interno, mas que também proporcionam vias de contato com um outro-externo quando qualificado na sua escuta. Esses tempos em Freud inauguram a singularidade de uma situação de *comunicação* entre paciente e analista. Um chega com palavras que demandam um desejo de ser compreendido em sua dor, o outro escuta as palavras por ver nestas as vias de acesso ao desconhecido que habita o paciente. A situação analítica é, por excelência, uma *situação de comunicação*: nela circulam demandas nem sempre lógicas ou de fácil deciframento, mas as quais, em seu cerne, comunicam o desejo e a necessidade de serem escutadas. (MACEDO e FALCÃO, 2005: 65)

Durante sua trajetória como psicanalista e dedicado a fazer da psicanálise um método terapêutico válido<sup>34</sup>, a técnica fundada por Freud foi revista diversas vezes, saindo da *hipnose* e passando para a *associação livre*, além da criação de conceitos como de *consciente*, *pré-consciente* e *inconsciente* e o de *transferência*. Esse processo foi marcado por diversos questionamentos devido à sua preocupação ética em não produzir uma técnica "esterilizada" (idem: 69). Desses questionamentos acerca do método psicanalítico, Freud postula que

(...) o domínio da técnica é alcançado principalmente pela experiência clínica, a qual não diz respeito apenas ao atendimento de pacientes, mas também, e fundamentalmente, à experiência de análise pessoal. O cuidado com a escuta de si mesmo aparece no texto freudiano como condição *sine qua non* para a possibilidade de exercer uma escuta em relação ao outro. (ibidem:69)

A "escuta de si mesmo" não é somente a condição para tornar-se analista, como também parte do processo de experiências possíveis ao sujeito analisado, que passa, através da análise, a ser preparado para realizar a escuta de si mesmo (FREUD, 1937 *apud* MACEDO e FALCÃO, 2005). Nesse processo, a psicanálise foca em uma ideia de historicidade construída a partir da intersubjetividade vivida pelo analisado.

É possível pretender que fórmulas simples permitam compreender o processo analítico? Não, analisar é hipercomplexo: escutar com atenção flutuante, representar, fantasiar, experimentar afetos, identificar-se, recordar, auto-analisar-se, conter, assinalar, interpretar e construir (HORNSTEIN, 2003: 105).

Dessa forma, a preocupação com a *formação do analista* é presente desde os primórdios da psicanálise, não somente pelos questionamentos de Freud em seu texto,

---

<sup>34</sup> e portanto, científico.

como também do ponto de vista didático. Jung, psicanalista formado com Freud e que rompe com ele posteriormente para a criação de uma outra forma de análise<sup>35</sup>, propõe que se tratem os alunos como se fossem pacientes, o que é chamado de *análise didática* (ROUDINESCO E PLON, 1998: 17). Para Macedo e Falcão, essas evidências denotam a semente para a então "exigência da análise didática na formação de futuros analistas" (2005: 73) já presente em 1925 com a fundação da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

É importante reter dessa apresentação inicial que a psicanálise se constitui, portanto, de um método pautado na relação entre sujeitos (o analista e o analisado<sup>36</sup>), através de técnicas de escuta e interpretação do discurso produzido em consultório, que busca resgatar a história de vida do à época denominado paciente e cujo analista se encontra em processo de constante transformação a partir da sua experiência clínica.

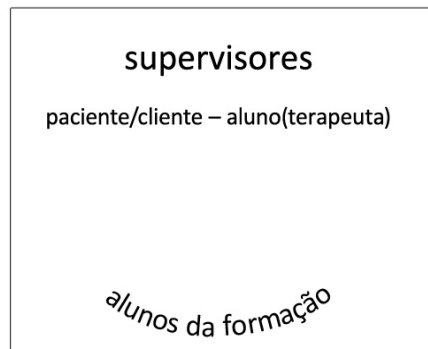
#### **1.4.1.a A herança metodológica da psicanálise: terapia, *workshops* e *classes de exercícios***

Na Análise Bioenergética, a *análise didática* prevalece como condição intrínseca à formação do terapeuta, mas têm modificações metodológicas. O método de ensino continua a ser através da frequência dos chamados *workshops*, nos quais a vivência e escuta de si mesmo é condição intrínseca para sua realização. No Instituto Vibrare estes ocorrem mensalmente (costumam ser oito por ano, tirando o período de férias) e levam de dois a cinco dias de duração. Há uma apresentação de base teórica, mas a maior parte dos encontros é composta de prática. Neles, os alunos e alunas a partir do quarto ano da formação – que dura, no mínimo, cinco anos –, realizam sessões de atendimento com pessoas de fora que se candidatam a ir através do telefone ou aplicativo de mensagens utilizado pelo Instituto. Tais atendimentos são gratuitos, marcados vez a vez e divulgados por meios virtuais. Eles ocorrem perante o grupo, que observa em um semicírculo. Os supervisores observam do outro lado, em fila horizontal. O atendimento é realizado no meio da seguinte organização:

---

<sup>35</sup> Jung é frequentemente mencionado devido à sua preocupação com a alquimia e a utilização de arquétipos e conceitos místicos para a elaboração de seu projeto psicanalítico.

<sup>36</sup> posteriormente Lacan passa a mencionar *analysante* a fim de enunciar certa agência ao cliente.



**Figura 4. Disposição da sala em que ocorrem os atendimentos. Apesar de não indicado pela imagem, é importante ressaltar que os alunos ficam bem próximos do atendimento. Trata-se de um espaço de mais ou menos 30m<sup>2</sup>.**

Observei de uma a duas sessões por dia de *workshop*. Os pacientes são previamente avisados da situação<sup>37</sup> e após o atendimento e a ida deste acontece uma supervisão na qual os instrutores avaliam o atendimento realizado, assim como os alunos que assistiram podem levantar questões e realizar comentários. Apesar da sensação de estranhamento e vergonha que predominam em primeira instância, o que eu observei é que as pessoas atendidas tendem a fazer pouco contato visual com o resto do grupo, me passando a sensação de esquecimento desta exposição após certo tempo de sessão. Os atendidos costumam ser "buscadores" (RUSSO, 1993) – pessoas que buscam por terapias não-convencionais –, e que demonstram abertura à metodologias diversas, com frequente experiência prévia com a terapia e por vezes estão na *clínica social*<sup>38</sup> ou são pacientes de algum terapeuta do instituto e visam uma experiência nova. Assim como enuncia Toniol (2017) sobre o acesso a estas terapias não ser necessariamente composto somente por camadas médias/altas devido à grande quantidade de pessoas de camadas populares que são tratadas por terapias alternativas em equipamentos públicos, observei certa heterogeneidade econômica, ainda que houvesse predominância dos estratos médios e altos. Este tipo de atendimento é o mesmo formato da avaliação final para obtenção do certificado. Ou seja, assim como no IPA, a avaliação do terapeuta é institucionalizada e deve passar pelo crivo dos supervisores (ANTONIO, 2014). Ao final, obtém-se o título de CBT – Certified Bioenergetic Therapist pelo IIBA – International Institute for Bioenergetic Analysis.

<sup>37</sup> Salvo em algumas situações em que houve falha referente a um erro cometido pela secretária do Instituto

<sup>38</sup> Trata-se da clínica de atendimento de baixo custo mantida pelo instituto.

Além disso, em todo *workshop* há *classes de exercício*, que são atividades em grupo nas quais o(s) instrutor(es) orienta(m) uma série de exercícios corporais que levam à *liberação e/ou mobilização de energia* com vocalizações e gestos diversos – sobre os quais trarei mais detalhes ao longo dos próximos capítulos. O(s) instrutor(es) da *classe* pode(m) ser tanto quem ministra o *workshop* quanto um ou mais alunos do grupo que já estão em treinamento para tanto. Posteriormente, os aprendizes podem instruir *classes* abertas ao público e que ocorrem quinzenalmente no Instituto.

Além da participação nos *workshops* com atendimentos e *classes*, para se obter o CBT faz-se necessário o cumprimento de 150 horas (sessões) de terapia com profissional certificado pelo IIBA<sup>39</sup>, sendo que 80% desta carga deva ser realizada com um único terapeuta, o que resulta em pouco mais de três anos de terapia em Análise Bioenergética. Isso me chama a atenção devido ao fato de serem os alunos da formação um quantitativo de pessoas que investe na própria profissão através da oscilação entre os lugares de *terapeuta* e *paciente*. São todos muito analisados, assim como os analistas lacanianos (ANTONIO, 2010; 2015).

Além disso, após a formação, assim como na psicanálise, é recomendado que o terapeuta se mantenha em constante *supervisão*, que consiste em um método de acompanhamento profissional entre dois terapeutas, geralmente sendo o supervisor mais experiente no ramo.

Durante o período de trabalho de campo, por vezes ouvi recomendações cautelosas acerca das experiências que eu estaria tendo com a minha inserção nos *workshops*, pois ali os alunos "se revelam" e falam sobre suas intimidades, colocando-se de maneira vulnerável, o que, por consequência, poderia ser desconfortável com a minha presença – o que de fato o foi, como veremos mais à frente.

Até então, pudemos ver que a Análise Bioenergética herda da psicanálise o legado de se constituir como escola e de elaborar uma metodologia de formação e capacitação de sujeitos para o ofício de terapeuta com base no processo de experiência/vivência e que segue diversos preceitos fabricados pela corrente freudiana como, dentre eles, a escuta de si mesmo e a vivência pessoal do processo terapêutico.

---

<sup>39</sup> Assim como Freud fundou o IPA na década de 10 do século XX, as diversas escolas terapêuticas da psicologia tendem a elaborar institutos a fim de normatizar suas práticas. (ANTONIO, 2014; ROUNDINESCO e PLON, 1998; RIBEIRO e SOUZA, 2017)

Por um outro lado, as distâncias teóricas referem-se ao domínio da associação livre, através do qual a psicanálise explica o mundo e a subjetividade a partir de uma teoria da representação, que passa a predominar em detrimento do universo somático, o que dá contorno à toda teoria analítica para os bioenergéticos. Como dizem: "*Freud trouxe a mente e a bioenergética deu corpo a essa mente*".

À medida que a teoria da representação vai se consolidando, Freud exime-se, gradativamente, de discorrer sobre os aspectos biológicos e mecânicos, de descrever os processos que circundam a esfera somática e psíquica. E, dessa forma, o campo da representação ganha o cenário principal da reflexão psicanalítica (NASCIMENTO, 2003: 15)

#### **1.4.1.b. Bioenergética e as transformações teórico-metodológicas das vertentes reichiana e neorreichianas**

Conforme enunciado anteriormente, a psicanálise reivindica para si o universo do *inconsciente* e seu acesso através da análise do discurso apresentado pelo *paciente/cliente*. Entretanto, ainda na década de 1930, Wilhelm Reich, quem fora discípulo de Freud nos anos anteriores e percebendo que o corpo poderia ser tratado nele mesmo, publica sua primeira obra na área de Teoria da Personalidade, intitulada *A Análise do Caráter* (1933) e denomina sua teoria de *economia sexual* e a sua metodologia de *vegetoterapia carátero-analítica*. Vale ressaltar que o prefixo "vegeto" se refere ao antigo nome para o sistema nervoso autônomo, o sistema nervoso vegetativo, mas que se mantém os preceitos teóricos e metodológicos da psicanálise (FONSECA, 2011). Trata-se de uma continuidade pautada em um retorno à biologia, sendo o nome da terapia sua primeira grande enunciação sobre certa importância do processo somático no estudo da dita psique humana.

[...] é preciso que fique bem claro aqui que a economia sexual nunca se afastou do conteúdo central das conquistas científicas de Freud. [...] a economia sexual representa a continuação da psicanálise freudiana e dá-lhe uma base científica natural na esfera da biofísica e da sexologia social (REICH, 1998 *apud* FONSECA, 2011: 63)

A teoria criada por Reich se desenvolveu fundamentada em preceitos básicos da psicanálise: "1) a teoria dos mecanismos inconscientes; 2) a abordagem histórica; e 3) a compreensão da dinâmica e economia dos processos psíquicos". Para ele, o conceito de *libido* freudiano se refere à *energia vital*, além de que a repressão seria um "processo

necessário de desenvolvimento do ser humano" e a sexualidade está presente em todos os sujeitos desde o nascimento (WAGNER, 1996: 93-94 *apud* FONSECA, 2011: 63-64).

Aqui chegamos no que é cerne do conceito de *bioenergética*. Em uma tentativa de colocar o corpo e seus processos fisiológicos como personagens da construção psíquica do sujeito, Reich sistematiza sua disciplina. Como parte da *economia sexual*, Reich tenta compreender "o fluxo de energia 'bio-psíquica', em função do mecanismo biológico de carga e descarga, em interação com o contexto sócio-cultural" (FREITAS, 2005: 34 *apud* FONSECA, 2011: 64). A partir disso, Reich postula que a *rigidez muscular* seria a representação do *processo egóico* de *repressão* para adaptação ao contexto sociocultural que o sujeito estaria inserido no começo de sua vida: *a priori*, a família, mas poderia ser a escola, ou a igreja, ou a comunidade. Tratar-se-ia dos resultados da experiência primária do sujeito em sociedade a constituição do seu *caráter*, e o tensionamento resultante da *castração* de suas *pulsões* corresponderia à sua *couraça muscular* que pode variar de acordo com o tipo de *caráter*, que varia o padrão de tensões musculares crônicas no corpo. (FONSECA, 2011).

a rigidez muscular, onde quer que apareça, não é um "resultado", uma "expressão" ou um "acompanhante" do mecanismo de repressão. Na análise final, eu não podia livrar-me da impressão de que a rigidez somática representa a parte mais essencial do processo de repressão (REICH, 2004: 254 *apud* FONSECA, 2011: 66)

Dessa forma, entende-se que a energia sexual pode ser contida por tensões musculares que refletem sentimentos de raiva ou angústia, por exemplo. A combinação dessas tensões constituiria o que é chamado de expressão corporal, como sintetiza Alexander Lowen, fundador da Análise Bioenergética: "a expressão corporal é a perspectiva somática da expressão emocional típica, que é vista, ao nível psíquico, como 'caráter'" (LOWEN, 1977: 30).

A partir da obra de Wilhelm Reich, surgiu uma série de novas escolas, chamadas de pós e neorreichianas. As que se denominam pós-reichianas são aquelas que seguem à risca seus preceitos, agindo de forma a servir como uma continuação de seu pensamento autêntico. Já as neorreichianas englobam as abordagens corporais que, partindo dos conceitos de Reich, os ampliam ou modificam trazendo um novo direcionamento aos seus fundamentos teóricos e práticos. E uma das primeiras abordagens do movimento neorreichiano foi a Bioenergética. (FONSECA, 2011: 69)

Alexander Lowen (1910-2008) foi um terapeuta neorreichiano nascido em Nova Iorque, nos Estados Unidos, originário de uma família judia russa. Doutor em direito, foi também um instrutor de esportes com a formação focada em calistenia, yoga e ginástica rítmica. Aos poucos, seu interesse na interação entre ginástica e psique foi sendo desenvolvido e ele encontrou na formação com Reich iniciada na década de 1940 um ponto de síntese entre os dois âmbitos. Por exigência de seu orientador, foi à Universidade de Medicina de Genova para obter uma graduação em Medicina, já no final desta mesma década. Ao retornar para os estudos com Reich, Lowen permanece por alguns anos, mas rompe com ele em 1952, com a mudança de Reich para Maine. Ainda em Nova Iorque, Lowen se associa a John Pierrakos e William B. Walling, também médicos e reichianos, e juntos tentam elaborar um método que dê conta de associar organismo, energia e psiquê. Então, em 1956 é inaugurado o Instituto de Análise Bioenergética. À *vegetoterapia caratero-analítica* de Reich são incorporados exercícios mais complexos elaborados pelo instrutor de esportes e há uma nova reaproximação e revalorização com e da psicanálise, pois para estes três terapeutas a divisão entre a *vegetoterapia* e sua vertente de origem seria improdutiva e se fazia necessário encontrar um ponto de equilíbrio entre os ambas. Por conta deste fator que a terapia tem o nome constituído a partir destes dois referenciais. (HELLER, 2012)

Aos poucos, Lowen foi se distanciando do conceito de *orgônio* reichiano, referente à *energia vital* e conceituando a *bioenergia* "no meio do caminho entre orgônio e a energia produzida pela atividade metabólica" (idem, 2012: 556). Em notas de campo, anotei a síntese de uma conversa do grupo da formação em que um dos sujeitos sintetiza a *bioenergia* como "a identidade funcional entre mente e corpo". A partir deste preceito teórico, Lowen escreveu diversas obras narrando sobre seus casos clínicos e pautando seu conhecimento a partir da sua experiência de consultório. Em seus livros, ele sistematiza padrões por ele encontrados e divide as estruturas com descrições complexas de casos clínicos em: *esquizóide, esquizofrênico, oral, masoquista, histérico, fálico-narcisista e passivo-feminino* (LOWEN, 1958).

Os analistas estão cientes da identidade entre muitos dos procedimentos somáticos e os fenômenos psíquicos. O campo da medicina psicossomática está repleto de referências do gênero. O conceito de que o organismo vivo se expressa mais claramente no movimento do que através das palavras, está implícito nessa identidade. Mas não só através dos movimentos! Através dos

maneirismos, postura, atitude e cada gesto, o organismo está falando uma língua que antecede e transcende sua expressão verbal. Além disso, existe uma boa quantidade de estudos específicos que correlacionam a estrutura corporal e o físico com atitudes emocionais. Estas podem se tornar objeto de estudo da técnica analítica tanto quanto os sonhos, "lapsus linguae" e os resultados da associação livre. (LOWEN, 1958: 15)

Uma cisão radical entre terapias corporais e terapias "centradas na fala" trata-se, portanto, de dicotomia improdutiva. Percebemos aqui os lugares comuns entre a psicanálise e as TC, ao menos no que diz respeito à herança freudiana. As abordagens partem de um consenso sobre os processos psíquicos e desenvolvem à sua maneira o método e as técnicas utilizadas para se obter a *cura* ou o *tratamento*. É importante assinalar que o inconsciente não some para a AB.

Entretanto, a distinção entre as disciplinas se realiza em teor metodológico ou, mais precisamente, técnico, sendo o mecanismo de intervenção da Análise Bioenergética os exercícios corporais, que serão explicados brevemente a seguir. Jane Russo (1993: 104) situa da seguinte forma: "Se o lacanismo se caracteriza por sua ênfase no texto, na palavra, os alternativos vão buscar no corpo seu ponto de inflexão". Os alternativos, portanto, encontraram o saber psicanalítico com a difusão da cultura psicanalítica nos centros urbanos e elaboraram um pilar epistêmico da **continuidade** entre o que seria o *corpo* e o que é tomado como *mente*.

Na AB, o corpo é o lugar de atuação do terapeuta que, apesar de ouvir a narrativa verbal do paciente e utilizar conceitos psicanalíticos em seu trabalho, realiza suas intervenções através da observação, manipulação e proposição de exercícios corporais. Estes exercícios são a chave para a flexibilização da *couraça* do paciente, ou seja, de sua estrutura musculoesquelética e são o que tornam a terapia "mais eficaz" aos olhos de seus adeptos.

Por conseguinte, apesar de conter *análise* em seu nome, em nenhum momento do meu trabalho de campo essa fronteira apareceu de maneira ruidosa, sendo sempre claro que o que dá significado à AB é justamente a centralidade do corpo para a intervenção terapêutica. Durante as minhas incursões ao campo, o termo coloquial utilizado para se referir à AB era sempre o de "bioenergética", e à psicanálise, "análise". Dessa forma, por mais que a psicanálise encontre o corpo em sua essência e tenha a ideia de um "corpo primeiro" e a teoria da representação se aproprie dele como linguagem e símbolo, a



diferença entre as abordagens está no lugar e na forma pela qual é dada a intervenção terapêutica e no tipo de sujeito elaborado por tal prática. Heiner Steckel, aluno de Lowen e um dos difusores da AB no Brasil, afirma que se deve "olhar para o corpo mais do que para a história" do sujeito que se encontra perante o terapeuta, pois uma vez que se trabalha no corpo, "você pode trabalhar com trauma sem saber o conteúdo do trauma. Basta olhar para os mecanismos [estrutura] do paciente" (notas de campo, colchete meu).

### **1.5 Do sujeito da psicanálise ao sujeito da bioenergética**

Assim como a filosofia, a psicanálise é um dos campos pioneiros em pensar sobre o sujeito, ainda que dentro de uma perspectiva ocidental moderna, o que por conseguinte se aplica ao sistema de conhecimento em que está inserido<sup>40</sup>. Sonia Maluf (2013) demonstra que o esforço sobre uma antropologia que se debruça sobre o sujeito ainda se encontra embrionário, contando com os trabalhos de Ortner (1996), Moore (1999), Agier (2012) e Balibar (2012), que dialogam com a teoria social crítica contemporânea, os estudos feministas e os pós-coloniais.

O que tomo como sujeito não é redutível à abordagem da noção de Pessoa, essa sim com uma extensa e densa carreira no interior da antropologia, conforme discuto mais adiante. O objetivo é estabelecer tópicos para a elaboração de uma reflexão antropológica sobre os modos e regimes de subjetivação no contemporâneo, pensando o sujeito não apenas como objeto da análise antropológica, mas como categoria analítica e paradigma para uma abordagem antropológica do contemporâneo. (MALUF, 2013: 134)

Para isso, ela parte da questão "por que o sujeito, se temos a noção de Pessoa?" e propõe trabalhar tais categorias em complementaridade conceitual ao entender que a segunda categoria está

impregnada de uma abordagem representacionista, que dá pouco espaço para as práticas, agências, ações, agenciamentos de um lado, e de outro pouco espaço aos modos empíricos de constituição de pessoas, indivíduos e/ou sujeitos, para além da construção ritual da Pessoa (MALUF, 2013: 134)

Seu comentário é uma crítica às teorias da construção social da pessoa, cuja genealogia por ela apresentada começa em Mauss (1938), Lévy-Bruhl (s.d.) e Leenhardt (1971) e segue para Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1979), que partindo do esforço

---

<sup>40</sup> entretanto, se realizam tentativas de análise de outras sociedades em um campo chamado de *etnopsicanálise*

de compreender as populações ameríndias rompe com os modelos teóricos anteriores, também utilizados para a análise social de grupos não-ocidentais, propõem um caminho que se debruça sobre corpos e pessoas a partir das ideias de "fabricação e construção", o que culminou nas posteriores e atuais discussões sobre o perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (1996).

No caso de contextos urbanos, os estudos navegam entre o forte legado de Dumont (1991) – conforme seguem as análises de Gilberto Velho (1976) e Jane Russo (1993) – e a influência de Simmel, o que acarreta no conceito de "individualismo moderno" como elemento transversal na produção brasileira sobre o tema. Entretanto, temas como os movimentos das religiosidades e novas espiritualidades, estudos de gênero e feministas e outros campos de estudos contemporâneos tensionam as categorias dualistas (indivíduo e sociedade/coletivo) deste segmento, ao demandarem análises que deem conta de "subjetividades e agências".

Seu argumento segue para a análise dos estudos feministas e da teoria crítica contemporânea, que trazem um elemento político para o corpo "como dotado de agência" (Csordas 1991; Grosz 2000; Haraway 1994) e para a subjetividade (Butler 1990, 1991 e 1998). Esta última autora discorre sobre a dimensão "política e social da vida psíquica e subjetiva".

Se o sujeito e a subjetividade são vistos como objetos das disciplinas psi (psicologia, psicanálise e psiquiatria), enquanto objetos próprios da antropologia eles não podem ser isolados de outros domínios da vida social. Como o antropólogo francês Didier Fassin (2009) escreveu sobre a moral e as economias morais, é preciso reivindicar essa impureza epistemológica do sujeito e da subjetividade enquanto objetos da antropologia. (MALUF, 2013: 148)

Para a psicanálise freudiana e lacaniana, o ser humano nasce como "um pedaço de carne' podendo ser comparada a um pequeno animal, estando na ordem da necessidade, da Natureza e não da Cultura" e a criança está "assujeitada ao Outro" e cabe à mãe/cuidador-primário o papel de inseri-la no mundo da cultura (MENDONÇA, 2012: 2-3) e a partir dessa máxima o sujeito é paulatinamente construído. Em um primeiro momento, a relação com a mãe é determinante de sua sujeição e, em um segundo, quando ocorre o *complexo de Édipo*, com o pai ou outro elemento que propicia a *castração*, que é a separação afetivo-

sexual entre a mãe e a criança, o que torna possível a socialização desta com o resto do mundo.

Entretanto, o processo de *constituição do sujeito* só finaliza com a socialização, resultante do *complexo de castração*, que culmina com a divisão, ou não, do sujeito em duas instâncias: consciente e inconsciente. Na leitura lacaniana, o *complexo de Édipo* e o de *castração* ganham estatuto de *função simbólica*: a figura paterna — pode ser o pai, o irmão da mãe, um ritual — é a estrutura que intervém para separar a mãe e a criança. De acordo com essa versão, a *intervenção paterna* na relação entre a mãe e a criança se dá pela instauração da *Lei simbólica*, a qual é responsável pela alienação do sujeito à linguagem decorrente de sua inserção na vida social. O acesso à socialização torna-se, aqui, simultâneo à constituição do *sujeito desejante*. (ANTONIO, 2014: 142)

Entretanto, conforme enunciou Jane Russo (1993), não se trata da produção do *sujeito desejante* lacaniano o tipo de subjetividade produzida pela e na terapêutica. Na ótica da psicanálise e do complexo alternativo, o sujeito não é uma pessoa "terminada", um ser que alcança certo patamar e consegue ali se manter se não for em troca de constante fabricação dada através de suas experiências terapêuticas. O sujeito da bioenergética se trata de um sujeito composto pela tríade castração-desejo dada pelo *complexo de Édipo* e pelas implicações somáticas de sua vivência psíquica, sendo sua estrutura nunca *quebrada*<sup>41</sup> pelos terapeutas<sup>42</sup>, mas sim *flexibilizada* através do trabalho corporal que, por sua vez, é o principal vetor de acesso ao universo psíquico.

Se seguirmos a noção de individuação tal como proposta pela ontogênese de Simondon (1992), olharemos não para o sujeito da bioenergética como um produto final, mas como um processo de individualização dado em constante devir. Esse devir é experimentado através dos fluxos entre o individual e o coletivo e suas esferas, sendo constituído de um universo representativo e *desejante* herdado da psicanálise, mas *somático*, cujas experiências transcendem a palavra. Ao contrário do que enunciou Antonio (2014) em sua tese de doutorado sobre a produção de patologias como parte do processo de individuação da psicanálise, na AB a produção de patologia é dada como ponto de partida da "revolução do *self*" que será vivida através da iniciação ao trabalho terapêutico corporal. Veremos no próximo capítulo como se forma o terapeuta em Análise Bioenergética.

---

<sup>41</sup> A *quebra da estrutura* foi uma prática das terapêuticas reichianas que foi abandonada pelo legado neo-reichiano, que entende que flexibilizar um corpo tenso é permití-lo se adaptar às mais diversas intempéries da vida sem que este perca o seu senso de realidade, também chamado por eles de *grounding*.

<sup>42</sup> O que desencadearia provável surto psicótico, como aprendi com eles em campo.



# **CAPÍTULO 2**

**Tornar-se terapeuta corporal:  
a *formação* em Análise Bioenergética**

## **Prelúdio à formação**

O site do Vibrare apresenta a *formação* da seguinte maneira: *O Curso de Formação em Análise Bioenergética do Instituto de Análise Bioenergética do Centro Oeste do Brasil – VIBRARE, tem como objetivo formar terapeutas especialistas em Análise Bioenergética, sendo reconhecido e seguindo a totalidade das exigências do curriculum didático internacional do Internacional Institute for Bioenergetic Analysis (IIBA).*

(...) *É um curso teórico vivencial que se estrutura em duas fases:*

*Formação Básica em Análise Bioenergética (Pré-clínica) – cuja habilitação será de Facilitação em Processos de Educação e Saúde em Análise Bioenergética – com duração mínima de 03 (três) anos;*

*Formação Plena em Análise Bioenergética (Clínica) – cuja habilitação será de Terapeuta Especialista em Análise Bioenergética, com duração mínima de 05 (cinco) anos, estando incluídos os três anos da formação básica.*



**Figura 5. Imagem de divulgação da formação compartilhada nas redes sociais do Vibrare**

Conforme dito nas últimas sessões do cap, a metodologia da análise didática herdada da psicanálise é ali designada por *workshops vivenciais com fundamentação teórica*, o que denota a importância da dimensão da experiência no processo de aprendizagem.

A seguir, nos aproximaremos do Instituto a partir de uma apresentação do espaço seguida por uma breve discussão sobre minha entrada em campo e as reverberações da pesquisa para o grupo da *formação* e o projeto político da terapêutica para que enfim possamos nos debruçar sobre alguns dos entendimentos tecidos pelos próprios terapeutas sobre o processo a que se submetem e são submetidos para se tornarem terapeutas corporais.



## 2.1 Entrando em Campo

*A palavra “Vibrare” significa vibrar e o significado de vibrar é: agitar, fazer soar, comover, estremecer, comover-se, produzir sons, enternecer-se, ter som claro e distinto.*

*Vibrare foi o nome escolhido para o Instituto de Análise Bioenergética do Centro Oeste do Brasil, representando o sonho e o desejo das pessoas que buscam uma vida com mais sentido. A partir disso iniciou-se a formação e a difusão da Análise Bioenergética.*

*O Instituto de Análise Bioenergética do Centro- Oeste do Brasil (Vibrare), filiado ao IIBA (Internacional Institute for Bioenergetics Analysis) e FLAAB (Federação Latino Americana de Análise Bioenergética) é uma associação de natureza científica e cultural, com objetivos de formar profissionais que atuem nessa abordagem, promovendo saúde e expandindo a Análise Bioenergética no Brasil e no mundo.*

**Trecho retirado da sessão "Quem somos" no site do Instituto Vibrare**

### 2.1.1 O Instituto Vibrare

O Instituto Vibrare, fundado na década de 1990, tem sede em uma casa localizada no Lago Sul, uma área nobre da cidade de Brasília, perto do centro, mas de difícil acesso por transporte público. Anteriormente o Instituto ficava na Asa Sul, que possui também poder aquisitivo elevado, porém de mais fácil acesso em termos de mobilidade urbana, ainda que fosse de menor tamanho. Atualmente ocupa uma grande casa em um também grande terreno.

Vista de fora, se assemelha com as casas da rua em que se localiza, mas não se iguala pela fachada mais antiga e demarcada pelo tempo. Não é possível visualizar nenhuma atividade interna através das janelas que dão para a rua e tampouco existe alguma sinalização ou placa com o nome do Instituto. Para entrar é preciso chamar pelo interfone. Geralmente somos recepcionados por Rosa ou Lis, secretárias do local, que atenderam sempre de maneira solícita e eficaz, ainda que discretas e de poucas palavras.

Ao entrar, nos deparamos com um ambiente amplo, agradável e confortável porém frio devido à pouca incidência de sol. As paredes da primeira sala possuem uma cor azul claro com pilastras brancas e mobília cuja cor varia entre tons pastéis. Almofadas e



colchonetes em cores vivas ficam pelos sofás e empilhados em um ou mais cantos. São itens necessários às atividades do Instituto. Logo à direita da entrada se encontra o balcão da recepção onde trabalham Rosa e Lis, cada uma em sua mesa, em um ambiente mais escuro. Ali respondem e-mails, cuidam das agendas e realizam tarefas referentes aos cursos e *workshops*. Ao fundo da recepção encontra-se um corredor que dá para uma sala de jantar e a cozinha, áreas de uso comum a todos que frequentam.

À esquerda da entrada e de frente à recepção há uma antessala com sofás e cadeiras, compondo um pequeno ambiente onde os alunos e visitantes deixam seus sapatos e bolsas para as atividades coletivas e os pacientes esperam pelos atendimentos. Para participar destas atividades, à exceção das palestras, faz-se necessário tirar os sapatos, podendo ficar descalço ou com meias nos pés.

Na mesa de centro deste pequeno ambiente há uma infinidade de cartões que oferecem serviços diversos como nutricionista, atendimento psicoterapêutico, atendimento em massagem, reiki e outras especialidades e até mesmo educação musical infantil. Diversos alunos, clientes e parceiros divulgam seus trabalhos ali.

A sala principal é composta de espaços vazios devido às necessidades de movimentação durante a realização das atividades coletivas como as *classes de exercício* e os cursos de *formação e introdutório*. Isso também faz com que a paisagem se modifique de acordo com a necessidade, sendo difícil descrever com exatidão a localização de cada objeto. Geralmente se encontram nos cantos alguns objetos utilizados pelos terapeutas em suas práticas como o *stool*, alguns colchões, uma raquete, *rolinhos* e almofadas grandes e pequenas. Há também colchonetes e colchões de solteiro para o mesmo princípio, que podem ser colocados tanto na parede quanto no chão para a realização dos exercícios. Cobertas e mantas ficam à disposição devido à temperatura, que pode incomodar e causar sonolência em dias mais frios. Por vezes, no fundo da sala à direita cadeiras ficaram aglomeradas para que sirvam para a parte teórica dos cursos, quando são organizadas em formato de semicírculo, ou assentos para palestras, então postas enfileiradas.



**Figura 6.a. Palestra sobre transtornos alimentares.**  
**Fonte: Reprodução Facebook (página do Instituto)**



**Figura 5.b. Palestra sobre pânico. Vê-se na cena a proposição de uma atividade composta pela criação de gestos que representem as emoções que se associam ao pânico.**  
**Fonte: Reprodução Facebook (página do Instituto)**



**Figura 6. A mesma sala organizada para atividade do curso de formação. As almofadas e colchões que servem como sofá para os alunos durante a parte teórica também são objetos utilizados nos exercícios terapêuticos. Fonte: Reprodução Facebook (página do Instituto)**



**Figura 7. Ainda na sala principal: classe de exercícios Fonte: Reprodução Facebook (página do Instituto)**

À direita da primeira sala logo após a recepção há uma porta que dá para o corredor onde ficam os três consultórios e os banheiros, separados por sexo. Cada consultório possui uma decoração específica, sendo o do fundo do corredor o consultório de DP, diretora-presidente do instituto atualmente.

Ao final dessa sala, à esquerda, há uma porta que dá para a varanda onde ocorrem os lanches e momentos de confraternização das atividades. Ali incide bastante sol. Ao lado dessa varanda há uma piscina e no fundo uma grande área verde com árvores, bancos e uma horta. Apesar destes serem lugares em maior desuso no começo do meu trabalho de campo, com o tempo observei que houve o manejo desses ambientes e o consequente aumento na frequência, incluindo o uso da piscina nos momentos de pausa para almoço em dias mais quentes.





**Figura 9. Grupo da formação após o w.s. de Myrian de Campos.**

**Fonte: Reprodução Facebook (página do Instituto)**



**Figura 10. Instituto observado desde o jardim.**

**Fonte: Reprodução Facebook (página do Instituto)**

### **2.1.2 Quando as pessoas *querem* que você pesquise sobre o que elas fazem**

Durante a minha pesquisa, percebi uma relação ambígua em relação à minha presença por parte das pessoas com quem convivi durante o período de campo. Se por um lado, como veremos neste item, houve abertura e receptividade imediata do meu projeto de pesquisa por parte do Instituto Vibrare, a hostilidade e desconfiança em relação à minha convivência com o grupo de *formação* também foi imediata – sobre isso relatarei no próximo item.

Conforme enunciado na introdução desta dissertação, minha escolha pela Análise Bioenergética como ponto de partida da minha entrada no universo das terapias corporais se deu em primeiro lugar devido à existência de um centro de formação desta terapêutica na mesma cidade em que residi – e resido – durante o período de realização do mestrado, o que permitiu que eu realizasse o trabalho de campo concomitantemente à realização das disciplinas obrigatórias do curso. Em segundo lugar, a referência bibliográfica principal em antropologia sobre o tema das terapias corporais incide justamente no resultado da pesquisa de vertentes neorreichianas, o que permitiu revisitar o trabalho de Jane Russo no capítulo anterior, a fim de se estabelecer relações e seguir com o debate<sup>43</sup>.

Minha primeira ida à campo foi em abril de 2016, um mês após ao início das aulas na pós-graduação, quando decidi participar de uma atividade aberta ao público: uma palestra do Ciclo de Palestras do Vibrare sobre transtornos alimentares e a atuação da palestrante no Hospital de Base de Brasília. Havia cerca de 15 a 20 espectadores na sala principal do Instituto. Na apresentação, que contava com uma série de *slides* projetados em uma parede, foram trazidos casos clínicos que demonstravam o papel das relações familiares no processo de adoecimento psíquico do sujeito que sofre com transtornos desse tipo. Em sua apresentação, mostrava como a experiência do *não-dito* dada pela repressão de diálogo no cerne familiar e a incidência de uma relação adoecida com a ingestão de alimentos, seja pelos excessos ou pela privação, surgem como elementos centrais para o entendimento do transtorno. Apesar de informar que a pluralidade de estruturas familiares que chega à clínica através de seus pacientes é grande e inclui núcleos mais ou menos equilibrados do ponto de vista afetivo, a palestrante reforça a necessidade de se trabalhar a

---

<sup>43</sup> "A terapia corporal, entre nós [no Rio de Janeiro], começa portanto, sendo basicamente neo-reichiana (com influência principalmente da biossíntese, biodinâmica e bioenergética)" (RUSSO, 1993: 132, colchetes meus)

dimensão da verbalização dos segredos e dos dizeres reprimidos pela estrutura familiar a fim de se alcançar algum alívio ao infortúnio de que a pessoa sofre<sup>44</sup>.

Durante os agradecimentos, a responsável pelo espaço informou que o Ciclo de Palestras era um lugar aberto para que profissionais de psicologia e outras terapêuticas pudessem divulgar e discutir seus trabalhos com a comunidade, sendo bem-vindos trabalhos de diversas vertentes do campo "psi".

Ao fim da palestra, me apresentei à recepcionista responsável pelo atendimento à época, Vera. Realizei o pagamento da palestra e apresentei minhas intenções de pesquisa. Ela pediu para que eu anotasse o seu telefone que ela iria conversar com a Diretora-Presidente – doravante DP – do Instituto e me daria um retorno dentro de alguns dias. Entrei em contato com ela no dia seguinte e, após este período, obtive uma proposta de agendamento com a DP e marquei o encontro, que se deu na data e horário combinados.

Apresentei a proposta, acolhida com interesse por parte da DP. Havia a intenção de que a Análise Bioenergética pudesse se tornar em objeto de debate acadêmico para fins de divulgação deste segmento terapêutico, que permanece restrito a uma esfera pequena da sociedade<sup>45</sup> e que me fora apresentado por ela como fruto de controvérsias e debates que culminam em desafios acerca de sua legitimação perante às instâncias formais, mais precisamente o CFP e o CRP. Jane Russo (1993) categoriza o campo neorreichiano como um campo marcado por indefinições<sup>46</sup>, essas que são no âmbito da Análise Bioenergética configuradas no caráter ambíguo de institucionalização – partindo de dentro das escolas e demais institutos – e marginalização – no que se refere às vias acadêmicas e científicas.

*Primeiro eu acho que, o Lowen tinha horror disso, do que que ia virar a*

---

<sup>44</sup> Neste momento, ela tentava demonstrar que o diagnóstico e tratamento dos clientes não são dados por uma perspectiva dedutiva, mas sim analítica, no sentido de compreender os fatores ambientais que colaboram com a produção do adoecimento em questão.

<sup>45</sup> Somado ao caráter elitista que as psicoterapias possuem no Brasil, em uma pesquisa relativa ao quantitativo de profissionais licenciados com o título de CBT em Análise Bioenergética no país encontra-se um quantitativo de 133 membros. Por um outro lado, na Escola Brasileira de Psicanálise, em um levantamento feito por Antonio (2015) para sua tese, havia um total de 224 membros. O ponto pela autora levantado é de que muitos não concluem a formação. Eu cheguei a verificar o mesmo padrão em meu trabalho de campo, tendo conhecimento de que alguns terapeutas atendem com técnicas de bioenergética sem terem concluído a *formação* e obtido a certificação. Para os envolvidos com o Instituto, tanto percebi o interesse na certificação daqueles que estão em vias de se formar, quanto ouvi que só pode ser denominado terapeuta em Análise Bioenergética aqueles que tiverem o CBT.

<sup>46</sup> O potencial de legitimação da Análise Bioenergética enquanto terapêutica viria assim com o reconhecimento da prática como parte do campo científico, ou com eficácia cientificamente comprovada. No que concerne dispositivos institucionais, as dinâmicas de negociação perpassam processos políticos e referem-se ao acesso de terapeutas aos equipamentos e políticas públicas. Acerca da psicanálise lacanianiana, por exemplo, o engajamento político de lacanianos influenciou a reforma psiquiátria brasileira e em outros países: "Os psicanalistas lacanianos assumiram papel importante na reforma psiquiátrica brasileira, tanto no movimento de contestação da hegemonia do saber médico quanto no auxílio à formulação de novas políticas de assistência." (ANTONIO, 2015: 261).

*Análise Bioenergética, institucionalmente falando, ele tinha muito medo do que as pessoas iam fazer com a Análise Bioenergética, mas eu acho que é inevitável quando você constrói uma técnica e uma abordagem que funciona bem e começa a crescer, se você não criar um contexto, regras de funcionamento, alguns limites, isso vai se perder e aí sim a gente fica em risco de alguém pegar e transformar isso em uma coisa que não seja boa né, então, foi inevitável, ele mesmo resistiu por um tempo e teve que se encaixar, que era necessário institucionalizar a Análise Bioenergética para poder proteger a técnica e para poder ter um cuidado mais ético com o que que iriam fazer com o trabalho dele. Ele não queria, ele tinha medo do que iam fazer, mas precisava dessas regras. Então, eu acho que é meio inevitável, à medida que uma coisa vai crescendo, se você não criar uma regra de funcionamento você perde o controle sobre e a gente põe a técnica em risco.*

Tânia, em entrevista.

Dessa forma, assim como a psicanálise disputa o campo político da saúde mental com as outras vertentes psicoterapêuticas como a behaviorista e a TCC, atualmente a Análise Bioenergética almeja se concretizar como agente no "conflito de território" (LÉZE, 2010 *apud* ANTONIO, 2015), reivindicando para si o diferencial do *trabalho corporal*.

*(...) então você tem um curso de psicologia, (...), com bastante desconfiança para a questão corporal. Se você ver os currículos dos cursos de psicologia no Brasil, você não vê nenhuma disciplina que aborda o corpo, você não vê corpo, né? Então isso é reflexo de uma visão de saúde. Quer dizer: psicólogo toma conta da questão subjetiva, comportamental, cognitiva, emocional, simbólica. E você tem os outros profissionais de saúde que cuidam da questão corporal, mas de uma maneira anatômica, fisiológica, epidemiológica, em cima da questão das doenças, entende? Então você tem aí uma formação acadêmica aonde você tem médicos e profissionais de saúde que cuidam de um corpo sem alma, e você tem profissionais de ciências humanas e psicólogos que cuidam de uma alma sem corpo. Que isso é uma cisão epistemológica, entende? Antiga... e que a universidade é um reflexo disso. A universidade historicamente é um reflexo disso. Então eles veem ainda o*



*trabalho corporal dentro da universidade porque ainda é considerado uma terapia alternativa, ainda existe uma ideia de que é uma psicoterapia que tem pouca base teórica, que tem pouca pesquisa que fundamente a sua prática, entendeu? Que tem pouca publicação, e os próprios bioenergéticos também são responsáveis por isso, porque eles não vão nos congressos de psicologia para apresentar os seus trabalhos e dialogar com outros profissionais de saúde, entende? Então, assim, tá engatinhando esse processo. Então eu penso que a universidade se encontra fechada porque existem nichos de mercado também, mas isso tá mudando na medida em que alguns terapeutas de bioenergética vão ganhando esse contorno acadêmico, mas a entrada nas universidades ainda é realmente muito difícil, mas é um passo. A gente tá tentando, né? Na medida do possível.*

Paulo, em entrevista.

Périsson Nascimento, doutor em psicologia pela PUC-SP na área de psicossomática e analista bioenergético, atualmente lecionando na UESPI<sup>47</sup>, relata em sua tese de doutorado em psicologia somática<sup>48</sup> a seguinte postura das entidades de Análise Bioenergética acerca da inserção da prática no debate acadêmico.

Tendo em vista o contexto apresentado, pretendemos realizar uma investigação nessa mesma linha de pensamento, avaliando as repercussões do tratamento psicoterapêutico em pacientes com queixas de ordem orgânica, de forma a inaugurar esse campo de pesquisa na América Latina, seguindo a tendência internacional. Vale ressaltar aqui o grande interesse demonstrado pelos Institutos Nacionais (IABSP, FLAAB, SOBAB, AABNNE, entre outros) e Internacionais (IIBA, EABP, USABP, CFAB) em apoiar a inserção da Análise Bioenergética no meio acadêmico, através de pesquisas com consistência teórica e metodológica, chegando até mesmo a oferecer prêmios de mérito científico para os clínicos pesquisadores que desenvolvem estudos nessa área (NASCIMENTO, 2012: 20)

---

<sup>47</sup> Universidade Estadual do Piauí.

<sup>48</sup> é interessante observar aqui a própria existência do campo de estudos em questão como um produto da difusão das terapias corporais no país.



**Figura 11. A figura exhibe a divulgação em redes sociais do IIBA sobre o prêmio "IIBA Awards 2019" que premia trabalhos nas categorias de Proposta de Pesquisa, Trabalho Clínico e Trabalho Social.**

**Fonte: Reprodução Facebook.**

Durante a minha negociação com a DP, foi-me requerida uma carta de compromisso com a contrapartida acertada para o meu trabalho de campo: a elaboração de um trabalho que trouxesse a Análise Bioenergética como objeto de interesse acadêmico. Seguindo o passo do legado psicanalítico, por sua vez burocrático e institucionalizado (ANTONIO, 2015), observei tanto no Instituto Vibrare, quanto no IABSP e outras escolas os elementos que direcionam por essa via e que se referem não somente ao que Nascimento traz no trecho supracitado, como também ao legado de criação de escolas e sistematização do ensino, características herdadas da psicanálise e que tentam se desvincular das indefinições de que falava Russo (1993). Daquele contexto de experiências e vivências marcados pela heterodoxia terapêutica em sua etnografia e referente aos primeiros anos da AB, observa-se atualmente na Análise Bioenergética um movimento de resgate das heranças psicanalíticas principalmente no que diz respeito à atuação social e política da terapêutica<sup>49</sup>.

*Então durante muito tempo os terapeutas tiveram muito pouco acesso às universidades, muitas vezes não tinham nem o interesse de entrar nas*

---

<sup>49</sup> e que vai de encontro à toda a literatura sobre as terapias "alternativas" do Brasil, colocando em novas questões sobre a sua inserção no denominado *complexo alternativo* (RUSSO, 1993; MAGNANI, 1999; MARTINS, 1999; AMARAL, 2000 e outros).

*universidades, não existia isso, né? Essa ideia da bioenergética ganhar uma consistência teórica foi de uns 10 anos, 20 anos pra cá, com o desenvolvimento do Instituto Internacional, né. Com a entrada de pessoas que já vinham da psicanálise, que já vinham da universidade, que já tinham percurso de pesquisa inicial, entendeu? No Brasil isso começa a mudar quando algumas pessoas dos institutos, até mesmo pra ganhar uma certa respeitabilidade e reconfigurar um pouco a sua prática, começam a fazer pós-graduações no Brasil. E a partir daí, com essas pós-graduações, poderem, na medida em que há espaço, entrar na universidade, com muita luta, e incluir a corporal. Essa é a parte da Bioenergética.*

Paulo, em entrevista.

A minha negociação para realizar o trabalho no instituto foi pautada no interesse, portanto, de que houvessem trabalhos que levassem a discussão da Análise Bioenergética para o meio científico e acadêmico, e até aquele momento narrado no capítulo anterior vivido no GT de dispositivos "psi", eu não tinha a dimensão da tensão entre marginalização e institucionalização vivida pela terapêutica no que se refere ao contexto dos saberes "psi", fazendo com que a escassez de trabalhos em ciências sociais fosse um indicativo desse fato que corresponde o universo acadêmico como um todo.

O interesse pela institucionalização acompanha a disciplina de tal forma que no IV Congresso Latino-Americano de Análise Bioenergética, ocorrido já na fase final de escrita desta dissertação, estiveram presentes na conferência de abertura representantes do CRP, do CFP e do Ministério da Saúde, cujos discursos se orientaram em prol do crescimento e difusão da terapêutica no Brasil e comemoravam a recente inclusão da bioenergética como mais uma das Práticas Integrativas e Complementares – as PICs<sup>50,51</sup>.

---

<sup>50</sup> Por um outro lado, não poderia afirmar que a Análise Bioenergética no Brasil sempre foi sistematizada dessa maneira, pois durante uma entrevista que realizei com Nascimento sobre seu trabalho, ele me afirmou que esse fluxo se intensificou somente nas duas últimas décadas – o que pode elucidar o porquê do trabalho de Jane Russo (1993) encontrar essa TC em um momento mais identificado com a categorias de *indefinições* no que concerne o viés de *alternativo* que ela recebe e que atualmente vem refutando.

<sup>51</sup> Durante o mesmo congresso, o representante do Ministério da Saúde informou que 20% das Unidades Básicas de Saúde têm PICs e ressaltou seu incentivo para que os trabalhos da bioenergética *avancem no SUS*.



Figura 12. Nota do IIBA sobre a inclusão da AB como parte da PNPIC em abril de 2018. Fonte: Reprodução Facebook.

Por um outro lado, a fala de Liane Zink, uma das precursoras da AB no Brasil e fundadoras da FLAAB, questionava sobre os significados referentes à institucionalização da bioenergética como uma PIC e a consequente reaproximação da terapêutica à qualidade de "alternativa", arrematando "*eu lutei tanto para não ser alternativa*".

*a entrada da bioenergética nas PICs precisa ser muito delimitada, porque senão gera essa confusão que muitas vezes pode reforçar ainda os preconceitos, então na medida em que você delimita e traz o que significa a bioenergética, porque uma das minhas preocupações com isso é porque assim: é como se a bioenergética pudesse entrar como prática alternativa/integrativa junto com outras que trabalham o corpo e aí ela não é reconhecida enquanto prática psicoterápica, entende? Então a minha preocupação com as PICs é essa. A bioenergética é como se ela não fosse reconhecida como uma prática psicoterápica legítima como as outras, como a psicanálise é, como a comportamental é, como a Gestalt é, entende? Então, eu não vejo problema nenhum da bioenergética entrar nas PICs, só que ela precisa fazer disso uma porta de entrada para ela se legitimar enquanto psicoterapia porque isso já existe no Conselho Federal: a legitimação da Análise Bioenergética como psicoterapia já existe isso. Já existe esse movimento e já existe esse documento não só nacional, como internacional, então essa é uma questão.*

Paulo, em entrevista.

Atualmente existem diversas entidades<sup>52</sup> que representam a Análise Bioenergética no país e o processo de formação do analista bioenergético dura o mesmo período da graduação em psicologia<sup>53</sup>, envolvendo diversos requisitos para a obtenção do título e fazendo com que um psicoterapeuta que opte por se especializar nessa linha passe 10 ou mais anos de sua vida em processo de formação, somando sua graduação à especialização.

Nesse sentido, a Análise Bioenergética se distancia do caráter de vivências e experiências subjetivas marcado pelos anos 80 e a contracultura como vetor de difusão da terapia e caminha em direção à proximidade da psicanálise e seu legado institucional, o que a coloca como parte do "conflito de território" referente à disputa de saberes no campo da saúde mental. No caso da terapêutica em específico, ela vem reclamando uma posição no campo político da saúde pois, como ressaltou Zink no IV CLAAB: *a terapia corporal é um projeto político*.

E como parte do projeto político de difusão desta TC, trabalhos como o meu se tornam bem-vindos aos olhos dos representantes desta terapêutica. Isso foi reafirmado por diversas vezes durante os encontros presenciais em contato com profissionais já formados da Análise Bioenergética que compõem coordenações e diretorias dos institutos e demais entidades, que receberam a apresentação de minha pesquisa e minha como "pesquisadora" com bastante entusiasmo. Recebi incentivos com palavras de acolhimento, dicas de leitura, através da realização das pontes de contato que culminaram na minha ida à São Paulo e no convite para apresentação do trabalho no congresso supracitado, ocorrido em abril de 2018. Já por um outro lado, a minha presença como pesquisadora nos âmbitos do curso de formação reverberou de outra maneira para o grupo, conforme veremos a seguir.

### **2.1.3 Quando as pessoas não querem que você pesquise sobre o que elas fazem**

O início da observação no grupo de alunos do *Vibrare* foi marcado por desconfortos, debates e resistências. Depois de negociação interna, o combinado foi de que eu iria portanto realizar o curso de introdução em Análise Bioenergética, *como aluna*, com 8 módulos mensais de um dia e, paralelamente, frequentar os *workshops da formação*

---

<sup>52</sup> Citadas no capítulo 1.

<sup>53</sup> por volta de 5 anos.

*como observadora*, com duração variável de dois a cinco dias. Ambos ocorrem uma vez ao mês e os encontros da formação totalizam por volta de 9 ao ano, considerando meses de férias. Fui também convidada a acompanhar os trabalhos de dois dos quatro dias do *workshop*<sup>54</sup> *terapêutico* com o instrutor Heiner Steckel – um dos alunos de Alexander Lowen – e que ocorreria já no mês de maio. Combinamos que eu iria no terceiro e quarto dia de trabalhos, uma vez que os dois primeiros eram reservados à *formação*.

Após o encontro, aguardei o contato da DP para saber como se daria a minha entrada no grupo da *formação*, uma vez que ela precisava entrar em contato com os alunos para realizar a mediação.

Foram necessárias duas tentativas para que o encontro se efetivasse com a presença de todos os alunos e após os debates referentes às condições para a minha presença, deliberou-se que eu iria *apenas observar*, expressão repetida algumas vezes para mim e que sinalizava a importância de que eu mantivesse o acordo, afinal minha presença gerava desconfortos em relação à profundidade dos conteúdos pessoais levados pelo grupo para os encontros. Naquele espaço tão íntimo passaria a ter uma pessoa exógena e *eles não estão acostumados* com tal exposição, apesar de trabalharem em contato com o universo íntimo de seus clientes<sup>55</sup> e de trazerem assuntos íntimos para o grupo. A sensação de serem analisados por uma "estrangeira" como eu despertava desconfiança. "*O que ela quer?*", questionavam.

Além disso, a entrada de uma pesquisadora inverteria os termos da relação com o grupo em relação aos sujeitos que passam por ali na condição de clientes e são por eles atendidos, fazendo com que, de certa forma, eu ocupasse o lugar de analista e eles o de analisados<sup>56</sup> e ainda que meu objetivo não passasse por tais caminhos. Questionamentos diversos surgiram, inclusive sobre o que seria feito com o material que eu coletava, e também sobre o meu contato com o universo íntimo que era estabelecido dentro da *formação*. Discussões e debates com opiniões diversas foram experienciados pelo grupo, que posteriormente foram trazidos à mim através de alguns poucos e breves relatos. Nisso, a minha relação com o grupo iniciou-se com o que por eles é denominado *resistência*.

---

<sup>54</sup> também chamado pela sigla *w.s*

<sup>55</sup> Por vezes, os terapeutas são as únicas pessoas a terem conhecimento de determinados eventos, afetos e memórias do cliente sobre si e sua vida.

<sup>56</sup> Em que medida isso seria observado em uma pesquisa com antropólogos? De que forma a antropologia abrigaria uma antropologia de si mesma?

Tal *resistência* não se originou somente da desconfiança em relação ao meu trabalho enquanto pesquisadora e o conteúdo produzido em minha dissertação, como também de um outro fenômeno referente a um processo de *transferência*<sup>57</sup>. Em uma conversa sobre a situação em que o assunto surgiu, foi-me informado de que devido ao fato de a pessoa que autorizou e defendeu a minha entrada no grupo ser terapeuta de alunos e alunas da *formação*, poderia haver um desconforto causado pelo sentimento de competição em relação a mim. Ela, como terapeuta, ocupava um lugar afetivo especial ao passo que como membro da diretoria possui tarefas dentro da instituição que nem sempre contemplam os desejos de seus clientes e alunos – como a de aprovar a minha entrada em campo e consultar o grupo somente para determinação das prescrições e restrições que seriam feitas durante a minha estadia na *formação*.

Maria Carolina Antônio (2015) problematiza acerca da dificuldade em se etnografar psicanalistas a partir da sua experiência de campo e do trabalho de Samuel Lézé (2010) com psicanalistas lacanianos na França. Ela narra:

Mas o fator que considero mais importante em sublinhar, na peculiar relação etnográfica que estabeleci com os psicanalistas, diz respeito à tensão colocada por eles à minha identificação como antropóloga e como alguém que não estava *em análise*, salvo as exceções, principalmente na Argentina, em que consideravam interessante este “olhar de fora” sobre as instituições lacanianas. Na pesquisa de mestrado eu já havia observado um posicionamento característico dos psicanalistas de um modo geral: a distinção qualitativa que estabelecem entre o que chamam de pessoas *analisadas* e pessoas que não se submetem à terapêutica. (ANTONIO, 2015: 50-51)

Talvez a questão aqui não fosse o fato de eu não estar *em terapia* na bioenergética, mas sim a minha inserção no espaço de aprendizagem do grupo, que é também terapêutico. Lidei com a *resistência* dos alunos logo no primeiro encontro quando, após a minha apresentação seguida de entrega do projeto de pesquisa juntamente com o recolhimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de cada um dos presentes, fui convidada pelo instrutor a participar da primeira *classe de exercícios* do dia. Nesse

---

<sup>57</sup> De acordo com o Dicionário de Psicanálise de Roundnesco e Plon (1998: 766-68), *transferência* seria: Termo progressivamente introduzido por Sigmund Freud\* e Sandor Ferenczi\* (entre 1900 e 1909), para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos\* inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos. Historicamente, a noção de transferência assumiu toda a sua significação com o abandono da hipnose\*, da sugestão\* e da catarse\* pela psicanálise".

momento, fui encorajada por alguns alunos e alunas que eram favoráveis à minha inserção como pesquisadora. Sabendo do combinado com a DP e o grupo, recusei a participação da atividade com uma dúvida interna entre "aproveitar a oportunidade" e me manter fiel ao combinado – o que se comprovou ter sido a melhor opção para o momento, pois mesmo com a minha resposta negativa com referência ao acordo de apenas observação e não-participação, deu-se origem a um "drama" (TURNER, 1987) no qual uma das participantes inclusive se retirou do local até a resolução do conflito e reintegração do grupo, o que aconteceu devido ao consenso de manutenção dos acordos estabelecidos anteriormente. De alguma forma a minha presença naquele grupo de pessoas ainda desconhecidas já enfrentava as consequências da *resistência* e em nenhum momento eu almejava trazer desconforto para aqueles desconhecidos que eu iria acompanhar durante todo o período de campo – pois com eles eu gostaria de aprender mais sobre o corpo e a saúde mental a partir da bioenergética e suas técnicas, além de entender como eles se veem enquanto sujeitos e o que significava para eles estar no processo de tornar-se terapeuta.

Nesse episódio, durante a argumentação dos participantes e enquanto a aluna permanecia em outro cômodo do instituto, me mantive calada. Ouvi distintas opiniões sobre o meu trabalho ali e também que a negativa acerca de minha participação nas atividades corporais seria uma atitude de respeito e acolhimento para com aqueles e aquelas que se sentiam incomodados com a minha presença, afinal, era importante manter a coesão do grupo. Logo após à resolução do evento e continuação das atividades do dia, recebi uma mensagem via celular da DP, que não se encontrava no momento, reiterando "*por favor, explique para o [nome do instrutor] que você irá ficar apenas observando e não participando, como combinado. Você participa apenas do grupo de introdução*".

Eu não queria ser vista como uma pessoa totalmente “de fora”, mas eu também não estava “dentro” do universo psicanalítico, e essa posição ambígua era considerada ora positivamente, ora negativamente, pois a pesquisa na área de antropologia favorecia tanto o interesse quanto a desconfiança e o incômodo por parte dos interlocutores. (ANTONIO, 2015: 52)

Nesse sentido, transitar entre a receptividade e a hostilidade, o interesse e a desconfiança foram características de todo o meu trabalho de campo. A antipatia em relação à minha presença aparecia de maneira intermitente por parte de alguns no decorrer dos encontros seguintes, de maneira afirmada por outros, e havia também aquelas para quem ela inexistia. Ao passo que muitos me parabenizavam e questionavam sobre o trabalho,



perguntando por leituras e também trazendo sugestões de reflexões, houveram também pessoas que sequer me cumprimentavam ao cruzar por mim durante os encontros no Vibrare, a não ser que alguém de sua companhia se direcionasse a mim – e às vezes nem assim. Também houveram os que não respondiam minhas perguntas com muito mais do que uma frase, sempre com certa evitação<sup>58</sup>. Com o passar do tempo estabeleci algumas relações de amizade, mas sempre com um distanciamento do grupo como um todo – o que me evidenciou a importância da unidade para eles.

Dos que fizeram questão de deixar claro sua abertura à pesquisa, como se buscassem equilibrar a hostilidade de outros, percebi que a simpatia se referia particularmente aos que tinham algum vínculo acadêmico em suas áreas de conhecimento (geralmente psicologia, mas tinham pessoas oriundas de outras áreas) ou alguma experiência prévia com a antropologia. Dessa forma, tentei acessar debates mais teóricos sobre a Análise Bioenergética com esse segundo grupo e me ater à observação do todo durante os workshops.

#### **2.1.4 Os afetos relativos ao trabalho de campo**

Além da ambiguidade entre aceitação e rejeição, um outro fator que predominou em minha pesquisa diz respeito aos afetos por mim vividos durante o campo. Retomo a reflexão de Moura sobre seu trabalho em condomínios horizontais da cidade de Goiânia – GO, onde foi vista como *outsider* em um lugar e privilegiada para ocupar cargos coletivos em outro: "O que venho observando ao longo da pesquisa reflete-se sobre a minha posição como antropóloga: ou estou dentro demais, ou fora demais" (*in* VELHO E KUSCHNIR, 2003: 54). No que diz respeito à forma como vivenciei tais experiências e ambiguidades, sinto que estive dentro demais e fui perpassada pelo que propôs Favret-Saada (2005) sobre "ser afetado" pelo trabalho etnográfico, o que também foi vivido por Antonio a partir do contato com a psicanálise lacaniana.

Além disso, a leitura intensa de Lacan e de outros textos psicanalíticos, nos primeiros meses de campo, me levava a refletir ainda mais sobre minha

---

<sup>58</sup> Curiosamente, a pessoa que cuidou de mim em um dos episódios vividos no grupo de introdução em que eu precisei de auxílio, devido a uma tontura que senti referente a um momento de *dissociação*, foi uma das pessoas mais hostis à minha presença como observadora do grupo de formação. Naquele primeiro momento ela ministrava o workshop junto com a DP. Ao passo que ali foi carinhosa e atenta comigo durante seu trabalho, na *formação* e consequente condição de sujeito de pesquisa em relação a mim, foi hostil e indiferente – o que foi marcante para a minha assimilação da experiência com o grupo.

subjetividade, meus atos, meus desejos, meus *fantasmas*. A cada *caso clínico* que eu lia ou escutava, não raro tecia *identificações sintomáticas* com os *analisantes* e as situações apresentadas, e por vezes interpretava meu comportamento, meus sentimentos e relações de acordo com o quadro de significação psicanalítico, principalmente no período de trabalho de campo em São Paulo e Buenos Aires, em que estava totalmente imersa nesse sistema discursivo. (ANTONIO, 2015: 53)

Durante a minha pesquisa, a leitura intensa dos livros de Lowen me permitiu adentrar melhor no universo semântico do grupo, o que facilitou o diálogo durante os meus contatos com eles, mas também fez com que eu me identificasse e começasse a perceber as pessoas e suas subjetividades a partir das categorias trabalhadas por eles, assim como a pensar minha história de vida a partir dos *acontecimentos traumatizantes*, que são o enfoque analítico da vertente neorreichiana. Assim como Antonio (2015), Samuel Lézé (2010 *apud* ANTONIO, 2015) relata o mesmo de seu trabalhos com psicanalistas lacanianos.

Segundo ele, era impossível não questionar a si mesmo, pois as situações contadas pelos psicanalistas reverberam. Não só se é levado a projetar em si mesmo a experiência vivida pelo analisante em questão, como também se acaba se colocando no lugar dele, imaginando quais seriam suas sensações, seus conflitos e sofrimentos, e essa experiência projetiva provoca interrogações do tipo: e eu? Será que sou assim? Será que faria isso?... Para Lézé, a transmissão do saber da psicanálise (ou de seu *savoir-faire*) por meio de casos clínicos assemelha-se às práticas do “exemplo” na Antiguidade Medieval, em que os sermões de pregadores cristãos eram sistematizados através de exemplos, fictícios ou reais, o que possibilitava a construção de tratados prototípicos que facilitavam o reconhecimento dos sujeitos com as situações, e assim possibilitavam, de maneira mais eficiente e direta, a transmissão da mensagem, sua ligação com a realidade, sua memorização e a conversão. (ANTONIO, 2015: 53).

Todas as conversas e atendimentos observados por mim eram pautadas sobre os mesmos pilares de transmissão de saberes da psicanálise de que fala Lézé, buscando entender a historicidade da pessoa a partir de narrativas que trouxessem descrições de tais *acontecimentos*. Observei que, por vezes, em certa parte dos diálogos estabelecidos nos grupos, a organização do sistema familiar e das relações afetivas entre cuidadores e

crianças – geralmente, mas não necessariamente, representadas pelas experiências entre genitores e filhos, porém com as funções edípicas atribuídas a também outras possibilidades – era fundamental para se entender o desconforto do sujeito diante da vida, à luz dos *traumas* e contextos produtores das *estruturas*. As conversas de corredor também são alimentadas de interpretações e categorias nativas da terapêutica.

Nas minhas participações nos exercícios dadas pelas atividades das *classes de exercícios* e do *curso de introdução* tive a oportunidade de experimentar duas situações de mobilização de energia que me tiraram do controle racional de meu próprio corpo/mente. No primeiro momento, realizava um movimento denominado *bend-over*, que consiste em, de pés, curvar-se para frente com os joelhos levemente flexionados e paralelos. Durante o exercício, realizava os passos dados pelas instrutoras da *classe* mas mantinha meus olhos fechados. Em seguida, percebi meus lábios secos e senti um certo formigamento dos pés, que passaram a ficar frios. Aquilo significava que eu precisava de auxílio e, ao perceber, as duas instrutoras então vieram me prestar ajuda, mudando minha posição e me deitando no chão. Uma delas permaneceu comigo e me olhava com compaixão, ainda que eu não entendesse nada daquilo, pois sentia majoritariamente sintomas físicos e um certo desconforto emocional. Elas colocaram as mãos em mim para que eu sentisse o contato delas e depois me explicaram que eu estava me "desconectando da realidade", o que teria a ver com meu padrão bioenergético *esquizo*. Era importante manter os olhos abertos, o que não deixei de fazer em nenhum *bend-over* realizado posteriormente. Já em um outro dia, sentia grande tensão na região da nuca e fui manipulada por Tânia, instrutora do módulo de introdução daquele dia. Deitada de barriga para cima em um colchonete, sentia seus dedos apertando profundamente pontos de minha nuca, que me levaram ao grito e posteriormente choro. Em seguida, senti um certo calor em minha face e a tensão havia desaparecido, sem se pronunciar novamente pelo resto do dia.

Em questão de meses me vi observando minhas relações durante a primeira infância e associando a significados referentes à *caracterologia*, outra dimensão essencial do trabalho destes terapeutas, assim como tentando elaborar meus incômodos através dessas experiências. O mal-estar me era frequente ao final dos dias de trabalho com a *formação*, que por vezes era sentido não somente como angústia, mas com tensões que tomavam meu corpo e me faziam sentir-me muito cansada. Ainda quando retomo os livros de Lowen para a escrita deste texto ou consulto trechos do diário de campo, me encontro operando as categorias nativas em minha mente e construindo narrativas a partir de seus

significados, assim como entendendo meus próprios padrões de tensão corporal a partir do processo emocional que os configuraram, saber adquirido paulatinamente durante a construção desta pesquisa.

## **2.2 A (trans)formação em Terapeuta Corporal**

Em um pequeno artigo intitulado "Tornar-se Terapeuta Corporal: a Trajetória Social como processo de 'Autoconstrução'" de 1991, Jane Russo apresenta uma análise preliminar do trabalho que resultou em sua tese de doutorado, a qual foi amplamente explorada no primeiro capítulo desta dissertação. A autora apresenta o surgimento das TC dentro de uma antropologia das camadas médias urbanas que vivem sob o dilema de "permanecer e mudar", no que diz respeito às suas origens e ao que se denomina mobilidade social, categoria cara às ciências sociais produzidas na época. Aos terapeutas por ela entrevistados, o dilema foi resolvido através da mudança – a que denomina ser resultado de uma certa *inclinação*.

Uma mudança que parece ter seguido uma inclinação familiar. Usamos aqui o termo 'inclinação' no sentido que lhe deu Bourdieu: "L'habitus petit-bourgeois est la pente de la trajectoire sociale, individuelle ou collective, devenue penchant par ou cette trajectoire ascendante tendà se prolonger et s'accomplir, sorte de *nisus perseverandi*, comme disait Leibniz, où le trajet passé se conserve sous la forme d'une tension vers l'avenir qui le prolonge..."<sup>59</sup> (RUSSO, 1991: 119)

Seguindo-se por uma análise sobre centro e periferia, Russo conclui afirmando: "A escolha profissional tinha essa característica paradoxal: ser, ao mesmo tempo, crucial e indefinida". Na psicologia e no campo "psi" essas pessoas encontraram uma possibilidade profissional que ao mesmo tempo em que é rentável, situa-se como um nicho "razoavelmente marginal", distanciando-se das correntes hegemônicas da psicologia e aproveitando o legado da difusão psicanalítica dos anos 70<sup>60</sup> (idem: 119-121) que, para ela, as atraiu devido:

Em primeiro lugar pelo alto grau de indeterminação e abertura que é capaz de

---

<sup>59</sup> Trecho de Bourdieu em tradução livre: O *habitus* pequeno-burguês é o declive da trajetória social, individual ou coletiva, inclinando-se por onde essa trajetória ascendente tende a se prolongar e realizar, uma espécie de *nisus perseverandi*, como disse Leibniz, onde o trajeto passado se conserva sob a forma de uma tensão em direção ao futuro que a prolonga.

<sup>60</sup> ver capítulo 1.

oferecer, mas também porque contém em si a promessa de uma definição, *ao mesmo tempo*, profissional e pessoal. Lembramos que esses sujeitos se diferenciam, se afastam do universo de origem, exatamente *através da escolha profissional*. É porque vão para a universidade que o afastamento se torna ao mesmo tempo necessário e inevitável. Esse afastamento, lembramos, nunca apenas físico, mas sempre necessariamente simbólico, porque implica deixar para trás - e mesmo negar - todo um modo de vida e um universo de valores. A trajetória dos sujeitos é construída, na verdade, a partir dessa negação - o 'ser diferente'. (ibidem: 122)

Mas ao contrário do que Russo escreveu duas décadas atrás neste artigo e em sua tese de doutorado, eu encontrei no campo "psi" e na profissão de terapeuta um nicho de trabalho já instaurado e relativamente amplo, tanto na clínica privada quanto no que diz respeito à inserção do trabalho dos psicólogos no Estado, o que faz com que a escolha pela psicologia não seja necessariamente uma "saída", no que diz respeito às possibilidades de ascensão social que viveram os terapeutas por ela entrevistados<sup>61</sup>. Ao contrário de seus dados em que mais de dois terços dos vinte entrevistados não eram nascidos na cidade do Rio de Janeiro<sup>62</sup>, na minha pesquisa relevou-se justamente o contrário: mais de dois terços dos entrevistados são nascidos nas capitais em que se formaram como terapeutas corporais<sup>63</sup> e, portanto, o *descentramento* em termos de mobilidade social não corresponde à realidade da atual geração de terapeutas corporais (e mesmo alguns da geração do "núcleo pioneiro").

Nesse campo profissionalmente diverso há um conceito que permanece pertinente ao "tornar-se terapeuta corporal" ainda hoje: o de *transformação pessoal*.

Ora, esse 'ser diferente', ao mesmo tempo, não pode ser construído tendo como base somente a negação. O distanciamento do universo original de valores significa a adoção (ou a construção) de algum outro, a partir do qual a trajetória que o sujeito se vê percorrendo adquire sentido. (ibidem: 122)

---

<sup>61</sup> Russo (1991: 121) demonstra um distanciamento do "universo de origem" dos sujeitos por ela entrevistados, que encontraram uma estratégia para ascender de forma que: "Trata-se de um grupo formado por pessoas que, por causa de seu *back ground* social, tinham poucas chances de ser absorvidas no núcleo de maior prestígio de qualquer profissão. A difusão da psicanálise as atrai para a órbita mais ampla da psicologia". As poucas chances seriam por sua vez dadas por uma origem em classes mais populares e/ou de cidades menores e menos modernizadas.

<sup>62</sup> Dos vinte terapeutas pesquisados, apenas seis são naturais do Rio. (...) quatro vieram de pequenas cidades do interior; dois de cidades da periferia do Rio; dois de São Paulo e dois são naturais de outros estados, mas vieram para o Rio ainda pequenos. (RUSSO, 1991: 117)

<sup>63</sup> Duas das três entrevistadas em São Paulo são da cidade, assim como 4 dos 6 entrevistados em Brasília são nascidos na atual capital federal.<sup>63</sup> Dos brasilienses, uma é filha de um terapeuta corporal e escolheu pela especialização assim que graduou-se em psicologia.

E talvez este seja o motivo mais relevante à classe dos terapeutas corporais: uma transformação no sentido de um auto cultivo ou mesmo um cuidado de si (FOUCAULT, 1984). Isso corresponde também a um outro fator que julguei interessante e que se distancia dos TC entrevistados por Russo (majoritariamente médicos ou psicólogos): a existência de profissionais cuja formação no ensino superior não é na área de Psicologia ou Medicina e a presença de pessoas que decidem pela graduação em Psicologia após terem o contato com a AB ou como parte de uma "nova fase da vida" em que passam a priorizar o *auto cultivo*. A independência do diploma na área ocorre devido à independência burocrática para exercício da profissão de terapeuta corporal, dada mediante a obtenção da certificação obtida nos Institutos de AB do país. Isso já se deve ao resultado do trabalho destes terapeutas nas instâncias formais de psicologia: o CFP e o CRP. Destarte, para tornar-se analista bioenergético<sup>64</sup> exige-se nível superior em qualquer área, o que faz com que a formação obtenha a qualidade de uma "especialização"<sup>65</sup>. Dessa forma, o nicho de terapeutas corporais não é composto somente por psicólogos, como também por cientistas sociais, administradores, engenheiros e afins<sup>66</sup>. É possível realizar a especialização concomitantemente ao ensino superior, mas a obtenção do CBT depende de sua graduação.

Observei também que a especialização em AB é escolhida como via única para alguns no grupo, mas, para outros, trata-se de mais uma etapa desse refinamento profissional, como podemos ver através dos paralelos entre os discursos de Beatriz e de Danilo, a seguir. Beatriz, por exemplo, é filha de um terapeuta corporal:

*Ele [meu pai] sempre falou da Análise Bioenergética, fiquei curiosa, com vontade e achei que aquele momento em que ele fez o exercício comigo funcionou, foi bom. Ele me indicou uma outra pessoa para fazer a terapia e eu comecei. Nessa época eu já era formada em Psicologia, me formei em 2009. Eu já tinha um contato com as terapias e comecei a fazer em Análise Bioenergética, foi o que me abriu as portas. Não tinha feito curso de formação e tinha pretensão de fazer, já tinha pesquisado outras coisas, mas não tinha gostado muito e quando comecei a fazer a terapia eu vi que era por esse caminho que ficaria. E comecei a fazer o*

---

<sup>64</sup> bem como terapeuta de outras especialidades no campo das terapias corporais.

<sup>65</sup> como são popularmente denominados os cursos realizados após a graduação que são voltados para o exercício profissional fora do cerne acadêmico.

<sup>66</sup> sobre este ponto é interessante observar que talvez seja um indicativo de uma certa independência do ensino superior para definição da profissão a ser seguida posteriormente.

curso.

Beatriz, em entrevista.

Já Danilo não é filho de terapeutas, mas pratica Yoga a mais ou menos vinte anos – movimento que serviu como porta de entrada para o universo das terapias corporais:

*Em 2004 ou 2005, eu tive contato com o campo escrito do Lowen, um pouco antes contato com as técnicas, mas não eram técnicas ensinadas por uma pessoa da Bioenergética, eram técnicas que eram executadas dentro de uma perspectiva da meditação dinâmica, mas estavam lá e as pessoas falavam muito, às vezes eu participava de alguns campos de meditação, as pessoas falavam: “você tem que conhecer a Bioenergética”. Mas também não era essa Bioenergética do Lowen, também não era essa Bioenergética, era uma Bioenergética que era apropriada por sannyasins (...) do Osho, do Bhagwan Rajneesh, eles têm grupos no Brasil, o mais forte deles é o Namastê em Porto Alegre, que é um instituto que forma, inclusive, dá formação para terapeutas bioenergéticos e que são ligados ao Human University, que é uma universidade (...) de técnicas terapêuticas na Holanda. Essa galera se formou lá [em] constelação, pulsation, várias técnicas, aí eles vêm e fazem, essas técnicas lá no Namastê, (...) Esse movimento me levou a fazer uma formação de um ano em Psicologia Biodinâmica, que é um trabalho de terapia corporal. É engraçado, porque aí eu não fui para Bioenergética, não lembro quais foram as vicissitudes do momento que não me deixaram chegar, mas eu comecei a olhar para a terapia corporal e fui, fiquei um ano estudando essa linha da terapia reichiana, em São Paulo.*

Danilo, em entrevista

Depois de abandonar os estudos em Biossíntese, Danilo conheceu Tânia, quem tornou-se sua terapeuta e lhe apresentou para a *formação* no Vibrare. Escolhi os dois exemplos para retratar certa ambiguidade que observei no grupo da *formação* no sentido de suas trajetórias, pois enquanto para Beatriz trata-se de uma via única e determinada em seu horizonte (algo como um destino), para Danilo trata-se de mais uma etapa de construção profissional como terapeuta. Ele, que também é professor de Ashtanga Yoga e graduado e mestre em antropologia, à época da entrevista também possuía desejos pelo

aprofundamento em psicanálise e entendia que a passagem pela bioenergética seria mais uma etapa de sua jornada. Observei no grupo as duas características como constituidoras de possíveis subgrupos dentro da *formação* no Vibrare: aqueles que "se encontraram de vez" na Análise Bioenergética e demonstraram ter ali encontrado uma definição e aqueles que estão em uma jornada mais incerta em termos de suas trajetórias profissionais. Percebi, contudo, uma predominância quantitativa de uma certa ortodoxia em relação à AB como destino.<sup>67</sup>

Esse destino ou essa etapa, marcados nas trajetórias dessas pessoas como símbolo do distanciamento de um modo de vida e um universo de valores anteriormente vivido pelos sujeitos que se tornam terapeutas corporais, não mais corresponde necessariamente ao distanciamento sócio-econômico-geográfico de sua origem, mas ainda remetem à elaboração de uma nova subjetividade, como nos contam os seguintes relatos:

*não, para mim a Bioenergética foi uma transformação na minha própria vida, então, é nesse nível de importância para mim, não tem, não dá, quando você fala a minha vontade é falar: "tudo". (...) chega nesse nível, foi muito transformador, é como se eu tivesse me virado uma outra pessoa. É difícil imaginar a minha existência sem a Bioenergética, quem eu seria, como seria, é bem forte, bem forte mesmo. (...) [eu] antes da Bioenergética era uma juvenzinha tímida, muito sensível já, mas muito tímida, medrosa de se expor, de se mostrar, muito envergonhada e sempre com julgamento muito acirrado, assim, do que que podia aparecer, do que não podia, sem muita firmeza de se bancar, de falar: "é isso, eu entendo assim", então, a Bioenergética é como se ela tivesse me dado o chão para eu aparecer como realmente eu me sentia. Porque antes eu me sentia, mas eu não podia me bancar, então, essa é a grande transformação, porque é como se eu pudesse brigar melhor para ser quem eu realmente era e antes não, antes eu tinha mais medo do que coragem de me bancar. Eu sentia aquelas coisas todas, mas não tinha estrutura para me bancar. Acho que também tem a ver com a coisa da idade e tudo o mais, tudo isso conta né, mas o trabalho terapêutico foi*

---

<sup>67</sup> Percebi em meu campo que muitos passaram por formações e experiências em outras terapias como Biossíntese, Biodanza, Psicanálise, Gestalt-terapia, Psicodrama e outros domínios do campo "psi", os quais recebiam eventuais críticas, seja pela "falta de corpo", ou pela ausência de método.



*me dando mais coragem de: "ah, você é assim, você sente desse jeito, você tem essa personalidade e você tem que assumir que é desse jeito, não adianta você querer ser igual aos outros, você tem que ser igual a você". E isso foi bom porque isso dá um equilíbrio, você passar a vida inteira querendo ser quem você não é, na hora em que você arranja um lugar que fala: "não, ser do seu jeito é bom". "Olha só, ser do meu jeito é bom". Nunca imaginei que ser do meu jeito fosse bom e aí, sei lá, aprendendo isso, isso é um presente porque você deixa de estar dividida.*

Tânia, em entrevista.

Quando diz "dividida", Tânia se refere à cisão mente e corpo, que é recorrentemente colocada como a origem do sofrimento do sujeito para os terapeutas corporais<sup>68</sup> e que se refere ao objeto a ser transformado conforme vão se tornando terapeutas corporais.

As terapias corporais, calcadas em maior ou menor grau na teoria reichiana, partem de uma oposição radical entre indivíduo e sociedade. O indivíduo concebido como algo anterior à sociedade, e está sendo vista como o que impede a expressão dos impulsos naturais desse indivíduo pré-social. Daí privilegiar o trabalho com o corpo, sede dos impulsos e instintos naturais. A palavra - enquanto representante da racionalidade - significa o distanciamento da emoção e dos impulsos. A palavra está do lado da sociedade e, por isso, deve ser ultrapassada. (...) A concepção de natural, espontâneo, biológico e, por isso, corporal, se opõe à artificialidade da sociedade (e à racionalidade da palavra). A palavra pode esconder as verdadeiras emoções e sentimentos. O corpo, não. (ibidem: 121).

Eu não diria, todavia, como no paralelo feito por Russo a respeito das terapias corporais e a oposição indivíduo e sociedade e das terapias reichianas como uma "volta à natureza" através do corpo e da expressão das emoções e impulsos, no sentido da hierarquia estabelecida por tais dicotomias, mas talvez possamos entender tais categorias no sentido da produção do sujeito moderno que exaltaria a dimensão de sua racionalidade que controla as emoções que seja mais referente ao seja um caminho muito fortuito e gostaria de propor que pensemos agora, portanto, a partir da noção de *habitus* em Pierre Bourdieu.

---

<sup>68</sup> Sendo assim, o sofrimento seria, por sua vez, condição intrínseca à socialização que produz a dissociação da unidade mente-corpo (ver Lowen, 1977).

O exemplo mais típico é a oposição, absolutamente absurda em termos científicos, entre indivíduo e sociedade, oposição que a noção de *habitus* enquanto social incorporado, logo, individuado, visa superar. (BOURDIEU, 2004: 45)

Quando estas pessoas decidem se tornar terapeutas corporais, elas não somente aprendem um ofício, como empreendem a construção de um outro sujeito para si, um sujeito *encorpado* ou *estruturado*, primeiramente com a própria busca que fazem consigo mesmos, para então poder *dar conta* de outras pessoas. *Nem só corpo biomédico*, nem só *mente psicanalítica*, mas uma junção que busca dar protagonismo aos afetos. Assim, a transformação dessas subjetividades transforma a forma de estarem no mundo, como no caso da mudança daquela *jovenzinha tímida com medo de se bancar* para uma mulher que saiba se posicionar em relação à sua própria verdade de si<sup>69</sup>.

Pensando na relação entre indivíduo e sociedade e marcando sua influência nos debates teóricos sobre a prática, Pierre Bourdieu (2007:164) afirma que "as condições diferentes de existência produzem *habitus* diferentes", cujas implicações no universo da prática determinam os diversos estilos de vida que existem na sociedade contemporânea. Nesse sentido, o *habitus* aparece como "social inscrito no corpo" cujas influências na ação individual ultrapassam e independem da dimensão racional. (idem, 2004: 45-82)

As práticas do mesmo agente e, mais amplamente, as práticas de todos os agentes da mesma classe devem a *afinidade de estilo* que transforma cada uma delas em uma metáfora de qualquer uma das outras ao fato de serem o produto das transferências de um campo para outro dos mesmos esquemas de ação. (idem: 165).

Aqui, não poderíamos falar de uma "classe" no sentido que se refere a categoria em estudos de estratificação social<sup>70</sup>, mas conseguimos entender um pouco sobre como as experiências produzidas no cerne da bioenergética podem se configurar como constituidoras de uma classe no sentido de produzir certa afinidade entre pessoas com

---

<sup>69</sup> Aqui remeto-me às práticas de cuidado de si de Foucault em *História da Sexualidade II - O uso dos prazeres* (1998 [1984]), que menciono brevemente no primeiro capítulo desta dissertação. É interessante notar que suas reflexões sobre o cuidado de si como uma ascese constante de si parece dizer muito sobre o trabalho contínuo de autoconstituição dessas pessoas em novos sujeitos.

<sup>70</sup> O próprio Bourdieu (1987:160) também se debruça sobre em *Coisas Ditas*, alegando que em sociedades "mais avançadas do ponto de vista econômico (...) a força das diferenças econômicas e sociais nunca é tamanha a ponto de impedir que se possa organizar os agentes segundo outros princípios de divisão – étnicos, religiosos ou nacionais, por exemplo." e que o mundo social tende a funcionar como "um sistema simbólico que é organizado segundo a lógica da diferença."

histórias de vida diversas a partir de suas *transformações pessoais* cujos resultados se assemelham e operam na produção de um possível *habitus*. Como isso se daria?

Uma vez que os terapeutas passaram pela *formação*, é importante observar que possuem consciência dos pressupostos teóricos que fundamentam a Análise Bioenergética mas que, ao difundirem sua experiência através das técnicas de percepção e atuação sobre o corpo por eles aprendidas, as quais não dependem da dimensão da palavra e da explicação, difundem um sistema de conhecimento através da prática e não da abstração – cujos objetivos inclusive residem nas dimensões de ação e percepção. Assim como o terapeuta possui a capacidade de tratar o sujeito sem necessariamente acessar a palavra<sup>71</sup> no sentido de suas narrativas queixosas, a explicação verbal das técnicas e seus objetivos também não são necessárias ao *processo terapêutico*.<sup>72</sup>

Ao longo de sua carreira o autor vai se distanciando paulatinamente de análises estruturalistas e totalizantes sobre a influência externa nas ações individuais e busca construir um esquema que dê conta das variações provocadas pelos indivíduos em sociedade. Para ele, as estruturas, representações e práticas são estruturadas e estruturantes da vida e dos fenômenos sociais. Destarte, o *habitus* seria dado pela sistematização dos domínios do pensamento, da percepção e da ação dos sujeitos em princípios simples e parcialmente substituíveis, transformando experiências pontuais em transformações sociais à medida que estas se repetem na sociedade (ibidem, 1980), ou mais precisamente, seria um "sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição no mundo social (...) um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas". (ibidem, 1987: 154).

Curiosamente ou não, assim como para o universo da psicanálise, Bourdieu assume que interações vividas no começo da vida dentro do cerne familiar são as mais profundas e duradoras para os indivíduos, sendo a experiência fator central para a construção do *habitus*. Vejamos como os relatos das entrevistas que irão aparecer até o final do presente item podem ser entendidos através dessa noção:

*Primeiro nível que eu preciso falar é de mim como paciente. É impressionante. E eu dando um depoimento pessoal, eu tenho plena*

---

<sup>71</sup> cf. Capítulo 1

<sup>72</sup> O que muito se reflete à hierarquia de saber e poder que se configura a clínica e o cuidado, os quais temos especialistas (médicos e outros terapeutas) e os clientes que acessam o serviço e geralmente são assujeitados ao sistema de conhecimentos e práticas referentes ao primeiro.

*consciência que parece uma coisa meio seita religiosa ou qualquer coisa do gênero, mas é aquele tipo de coisa que você precisa passar pelo processo para entender o que é porque eu não tinha noção do buraco que eu estava me metendo quando eu comecei a fazer terapia em bioenergética. Eu acho que a gente vai sendo paulatinamente, ao longo da vida, sistematicamente, treinado a ficar dissociado, a gente vai sendo treinado a ignorar o que a gente sente. E isso vai desde o nível emocional filosófico profundo até o nível mais básico, de ignorar a dor em exercício. Então a gente é treinado para isso a vida inteira, para dissociar o que a gente sente do que a gente pensa, para ter objetivos e não relacionar esses objetivos com a trajetória. E a partir do momento que eu fui entrando na bioenergética, principalmente como paciente, é como se alguns véus fossem tirados de mim.*

Lúcio, em entrevista.

O processo de constituição se dá desde a transformação do *ethos* e da *hexis* e culmina no abandono do velho *habitus* – referido ao indivíduo *fracionado* de nossa sociedade – em detrimento da reivindicação de uma nova ordem.

A noção de *habitus* engloba, assim, a de *ethos*, ou seja o princípio que elege as condutas ou a ética realizada e perceptível como disposição geral de um grupo social. Mais que isso, o *ethos* como princípio prático é uma moral que se instala no corpo transformando-se em uma *hexis* traduzida na postura corporal, nos gestos ou na competência linguística. Bourdieu considera a *hexis* corporal como mais uma das disposições constitutivas do *habitus* que se atualiza na relação dos agentes com seus próprios corpos. (TRIGO, 1998: 47)

Por sua vez essa nova ordem, referente ao que poderia vir a ser denominado novo *habitus*, seria constituída pela busca de integração da unidade mente-corpo (LOWEN, 1977) através do *empoderamento* deste último, o que suscita uma nova forma de ação na qual prioriza-se a expressão das emoções com *firmeza* para lidar com as intempéries da vida, o encontro com *prazer* e sua conseqüente *alegria*, coisas que se tornam possíveis através da *entrega*<sup>73</sup> ao *processo* que a terapêutica proporciona. Na clínica, não se trata de uma agenda política mais ampla do que a dimensão do próprio sujeito e portanto essa

---

<sup>73</sup> A importância do *empoderamento* do próprio corpo e dos caminhos da própria vida é condição sine qua non para a satisfação do sujeito das terapias corporais. Isso se deve à busca pelo *prazer* e pela *alegria*, dois conceitos que intitulam livros de Lowen.

difusão se dá através do aumento quantitativo dos adeptos. Isso se dá quando vão cuidar de outras pessoas e utilizam as técnicas de bioenergética em busca de proporcionar experiências semelhantes a que tiveram em seus clientes<sup>74</sup>, submetendo-os às mesmas ferramentas a que foram submetidos. Do ponto de vista macrossocial, as ações que visam a difusão da terapêutica buscam criar campo fértil para sua popularização e consequente instauração deste novo *habitus*.

Se fizermos um paralelo em relação aos objetivos dos buscadores da Nova Era (SANTOS, 2013), podemos perceber que apesar das diferenças metodológicas relativas a difusão das TC no Brasil que vêm se institucionalizando, a noção de *unidade* permanece, não de um ponto de vista holístico com o meio ambiente à sua volta, mas a favor de uma reconexão individual consigo mesmo, prevalecendo a unidade do sujeito como valor central. Quando questionei sobre o que seria *integração* obtive respostas como as seguintes:

*E1: É estar bem de posse da sua vida. Seguro de si mesmo. Uma boa autoestima, sabendo o que faz no mundo. Isso não quer dizer que tenha conflitos, como qualquer ser humano. Mas lida bem melhor. Não acho que é provocação. Acho que o objetivo da terapia é esse.*

*Gabriela: O que é grounding?*

*E1: É estar de posse de uma realidade da sua vida. Que pode ser, metaforicamente falando, que você está sob seus pés, plantado no chão. Mas acho que é o objetivo de qualquer terapia. Pés no chão e posse da realidade da sua vida.*

Marcela, em entrevista.

*Penso que é estar no mundo de uma forma mais saudável possível. Lidando com situações do mundo, que tem de lidar, obstáculos, conquistas e falhas, da melhor forma possível. Então, estar integrado é lidar com isso. Eu sinto isso. Estar dentro do mundo de forma mais saudável para cada um. Porque não adianta eu achar que você deveria fazer isso ou aquilo. Então, quando estou integrada, é porque estou nesse mundo, olhando para ele de forma positiva ou não. Mas, lidando com obstáculos e alegrias, tudo o que faz parte dele. Como Freud dizia:*

---

<sup>74</sup> Que podem ou não se adaptar ao processo. Para isso talvez fosse interessante investigar o universo dos clientes da bioenergética e outras terapias corporais.

*no mal-estar da civilização, o homem que lida com as dificuldades é o integrado no mundo. Porque ele aprende a lidar com as interferências. E acho que integrado é por aí. Lidar com o que o mundo oferece.*

Flora, em entrevista.

*Para mim é estar em conexão... é essa conexão corpo e mente. Isso para mim é estar integrado. É estar com a energia... como é que eu vou te explicar... é estar conciliada. É aquilo que eu sinto. Estar conciliado, estar coerente com aquilo que eu penso e com aquilo que eu faço. Isso para mim é estar integrada. Estar inteira, sabe? É você saber o que você sente, ou seja, sua cabeça conhece o que você sente. Então você sabe o que você sente. É você conseguir expressar o que você sente. É você estar também com essa cabeça conectada com o que você está sentindo sabendo mostrar isso para o mundo em conexão com essa realidade.*

Roberta, em entrevista.

*(...) Porque a gente tem mania de objetificar tudo, então a gente fala do corpo, a gente fala da mente e se eu tenho uma mente, se eu tenho um corpo, onde é que está o eu no meio disso? Então quando a gente está falando do corpo não é do meu corpo, é de mim, eu sou o meu corpo, tanto quanto eu sou a minha vida psíquica. E talvez esse tenha sido o maior ganho, que é poder humanizar mais a própria humanidade, me incluindo dentro disso.*

Lúcio, em entrevista.

Nesse sentido, *integrar* é a experiência de conexão entre os universos da razão e das emoções, representados pelo paralelo da dicotomia entre corpo e mente. Para tornar-se terapeuta é preciso conhecer essa condição e as ferramentas para torná-la palpável a outros sujeitos. Quando Lúcio e Tânia nos contam sobre as forças do mundo, mencionam certo *habitus* que acaba por ser deixado para trás quando decidem entrar em *processo terapêutico*. Percebi também que havia um julgamento de valor acerca do *habitus* da sociedade moderna e capitalista, algo a ser rechaçado em detrimento da exaltação desse outro modo de existir.

*E nesse sentido, estar integrado eu diria que é muito mais não deixar o mundo te desintegrar.*

Lúcio, em entrevista.

Para o indivíduo *conectado, integrado*, usa-se o conceito de *grounding*, como um aterramento. O *grounding* não é um ponto de chegada, mas um eterno devir. A experimentação de tal aterramento é resultado do processo terapêutico e apesar de tornar-se mais frequente ao longo do tempo de terapia, mesmo os mais experientes vivem momentos de *desconexão*. É preciso estar atento. Constitui-se portanto como um processo de lapidação pessoal constante e, ao contrário do dispositivo do *Passe* laciano<sup>75</sup> (ANTONIO, 2015), interminável ao longo da vida. Nesse sentido, podemos perceber que a *transformação pessoal* desses sujeitos opera como uma ética no sentido da produção de um cuidado de si que precede o cuidado dos outros, ou seja, em concordância com o postulado de que "não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si. O cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo é primária." (FOUCAULT, 1976: 271).

As condições referentes à *desintegração* nunca se findam, como se fosse uma força em constante presença pela lógica do social, contra a qual as ações devam fluir em *contramão*, o que leva à noção de *autorresponsabilidade* de uma forma diferente da clínica laciana (RUSSO, 1993; ANTONIO, 2015) – na qual a responsabilidade sobre o sofrimento decai sobre o sujeito, aqui a responsabilidade se refere à forma como ele se posiciona perante a tais acontecimentos. Esse *processo* resulta em constantes transformações nas ações individuais, o que leva a reformulações nos arranjos pessoais familiares, conjugais e na esfera do trabalho.

As *transformações pessoais* foram assunto presente em todos os encontros pedagógicos no Vibrare. Ao início dos dias de trabalhos, era feita uma rodada inicial na qual os alunos eram convidados a falar sobre como estavam se sentindo naquele momento. As falas por vezes mencionavam queixas sobre seus sentimentos de *desconexão*, sobre estarem *desintegrados*, ou sobre observarem isso ou em seus clientes ou na sua vida pessoal e como lidam com tais situações. A vida cotidiana é o grande campo de aprendizado para esses sujeitos em transformação. Desfechos de *processos* que foram levados para *workshops* anteriores também são pauta da rodada inicial. As relações de amizade e solidariedade mútua se manifestam ali, assim como ocorrem conversas sobre possíveis desalentos que podem vir existir dentro do grupo entre os alunos.

---

<sup>75</sup> O *passe* seria o fim da análise, quando o analisante se torna analista. Ainda que não seja condição experimentada por todos ou pela maioria dos psicanalistas lacianos, o dispositivo existe para esse grupo, ao contrário do que há nas possibilidades disponíveis aos analistas bioenergéticos.

Quando se sentiam bem, mencionaram a sensação de estarem *conectados* ou então celebravam terem *estrutura* lidar com certo conflito. Geralmente as esferas da família, do trabalho e dos relacionamentos eram mais exploradas. Nesse sentido, a quantidade de tempo para obter a titulação de CBT em Análise Bioenergética refere-se não somente à burocratização da terapêutica, como também ao tempo necessário para que se dê certa *transformação*, que não se finda ao término do curso e conquista da titulação, mas é suficiente para o início da vida de terapeuta.

Para eles, ser terapeuta é uma profissão do "eu com o outro" e por isso faz-se necessário que "o terapeuta seja trabalhado". Só a partir da experiência do que é *estar integrado* torna-se possível possibilitar a experiência de *integração* no outro.

Ao passar da vida e através da sua experiência formativa, o terapeuta corporal desenvolve um arcabouço diverso de técnicas capazes de lidar com o resultado da socialização na modernidade, que, aos olhos deles, forçam cisões a todo momento. O aprendizado é absorvido pela experiência da *formação* dentro e fora dos ambientes pedagógicos da AB<sup>76</sup>, se considerarmos que a terapia individual de cada um dos futuros terapeutas situa-se fora de tais contextos. Ao se transformarem, finalmente a *transformação* de outros como fruto de seu trabalho pode ocorrer.

Após a finalização de sua especialização, ele e os instrutores responsáveis pela sua aprovação – os supervisores de duas provas de atendimento individual perante o grupo – estão convencidos de que a partir daquele momento será possível dar início à sua carreira. Nela, suas habilidades devem ser capazes de dar conta das emoções e queixas do cliente, assim como das suas próprias questões que são produzidas naquela relação<sup>77</sup>.

Já para os clientes da Análise Bioenergética, a finalidade terapêutica consiste primordialmente na expressão das emoções que é permitida através das técnicas corporais utilizadas pelos terapeutas. Isso também só ocorre com *entrega*, sendo condição intrínseca para o prosseguimento da terapia, que não necessariamente busca levar ao cliente o "entendimento" racional acerca de seus processos, mas sim a experiência do bem-estar referente à *mobilização de energia*, sobre a qual nos debruçaremos a seguir.

---

<sup>76</sup> conforme elucidado no Cap. 1 sobre a herança da *análise didática* esquematizada pela psicanálise.

<sup>77</sup> por vezes, sensações de rejeição ou repulsa dadas pelo fenômeno chamado *contratransferência* dos terapeutas em relação a seus clientes são pautas dos ambientes formativos e da supervisão, onde se estabelecem as fronteiras necessárias para o exercício da ocupação.



# **CAPÍTULO 3**

**Bioenergética em ação:  
técnicas de percepção e atuação sobre o  
corpo**



## Atendimento Supervisionado Terapêutico

**Como funciona?** Durante a formação o aluno precisa atender sob supervisão à partir do 4º ano. Esse atendimento será feito diante do grupo de formação e dos professores - com posterior supervisão .

Por se tratar de um trabalho corporal o qual proporciona a sua leitura, solicita-se que o(a) voluntário(a) traja roupas confortáveis.

(Temos espaço para trocas de roupa).

**O atendimento é sem custo e possui cerca de 50 minutos de duração.**

### HORÁRIOS DISPONÍVEIS:

**Sábado (12/05)** às 15h15

**Sábado (12/05)** às 16h30

**Domingo (13/05)** às 16h45.

Para agendamento e/ou mais informações:

(061) 9 9936-7006 ou (061) 3245-6271

**Figura 13. Imagem divulgada em redes sociais do Vibrare sobre o Atendimento Supervisionado Terapêutico. Fonte: Reprodução Facebook**

Após mais um dia de trabalhos sobre *border*<sup>78</sup>, chegara a hora dos atendimentos individuais. O interfone tocou e Beatriz, quem atenderia desta vez, foi à porta da sala principal do instituto e recebeu uma mulher de meia idade, média estatura e um certo ar de timidez. Tratava-se de Safira, mãe de dois filhos e quem enfrentava alguns problemas em seu casamento. Tive a oportunidade de assistir um outro atendimento de Safira no começo de minha pesquisa e também de frequentar uma ou duas classes de exercício com ela.

Antes de sua chegada, os alunos haviam preparado a sala para a sessão, colocando dois bancos frente-a-frente no espaço entre o semicírculo de colchões e almofadas onde ficavam durante a parte teórica do encontro e as cadeiras dos instrutores, organização que permite com que todos pudessem observar a sessão.

Beatriz, então, encaminhou a cliente para o centro da sala, pediu para que ela se sentasse e ambas ficaram de frente uma à outra. Depois, perguntou o nome dela e se apresentou, retomando em seguida e de maneira breve as condições para o atendimento

---

<sup>78</sup> Referindo-se à personalidade *borderline*.

supervisionado – referentes à observação dos alunos e instrutores. Por fim, confirmou sua anuência para dar prosseguimento à sessão.

A primeira pergunta foi sobre o conhecimento prévio da bioenergética, sobre a qual Safira contou que conhecia desde sua adolescência, quando fez análise e sua terapeuta utilizava algumas dessas técnicas com ela. Até aquela sessão já havia um ano e meio que a mulher buscava frequentar as atividades do Vibrare e, paralelamente a isso, já tinha realizado também algumas sessões de *BodyTalk* e terapia do renascimento.

Após ouvi-la, Beatriz perguntou o que ela gostaria de trazer como questão para aquela sessão em específico, e Safira respondeu queixando-se de sua postura no ambiente de trabalho, onde se sentia fechada, mas ao mesmo tempo que ali precisaria se expandir. Além disso, o fato de ela estar buscando autoconhecimento e seu marido não a incomodava, pois, alguns desgastes estavam ocorrendo devido às diferenças que possuíam. Disse também estar buscando retomar o contato com a sua *mulher interior* e buscando aproximar-se dessa *essência*.

Beatriz ouviu atentamente sem realizar intervenções mais notórias do que algumas expressões faciais. Em seguida, pediu para que ela descrevesse um pouco sobre a organização familiar em que viveu no intuito de conhecê-la mais. Então Safira contou que na sua infância seu pai era muito próximo dela, mas que sua mãe a rejeitava devido à rejeição do progenitor em relação à sua irmã mais nova. Após adulta, descobriu que seu pai na verdade não era seu pai biológico devido a uma traição de sua mãe, o que ainda lhe provoca tristeza naquele momento. Ao falar sobre essa situação, começa a chorar discretamente.

Após ouvir esse relato, Beatriz pediu para que ficassem de pé para que pudesse observar seu corpo. A terapeuta contou observar um ombro cansado, em um corpo que possui *carga* no quadril. Nesse momento, interrompe o contato com Safira e checa com o instrutor se a sua observação fazia sentido. O instrutor confirma com a cabeça e Beatriz prossegue.

Ela solicitou que Safira flexionasse levemente seus joelhos e permanecesse em *grounding*, buscando associar o inspirar-expirar ao sutil movimento de flexão e extensão dos joelhos. Beatriz observou então que o movimento de respiração de Safira não engaja sua caixa torácica de uma forma homogênea, descrevendo um *diafragma retido* junto a um *trapézio tenso*. Na sequência, afirmou que Safira possuía um entendimento da situação em que estava vivendo, mas que não conseguia acessar as emoções que seriam ocasionadas

pelos episódios descritos. Essa foi a sua deixa para a proposição do primeiro exercício: um *kicking* realizado no colchão com ela deitada.

Safira se deitou com as pernas flexionadas e os pés apoiados no colchão e Beatriz ajoelhou-se ao seu lado. Pediu para que Safira batesse os pés no colchão repetidamente no tempo que seria indicado por ela. Precedido por algumas respirações profundas, o movimento começa e aos poucos vai tomando intensidade até o momento em que se estabelece em gestos fortes e contínuos, provocando alguns gemidos. Dentro de poucos segundos de execução, Beatriz pediu para que ela parasse e iniciasse novamente levando em consideração o seu próprio tempo para a execução, mas dizendo "não" e, caso visse necessidade, incorporasse o movimento dos punhos ao *kicking*. Safira bateu os pés de maneira rápida e forte e, ao começar a dizer "não", um "nãããããããããã" longo e contínuo, chorou.

Para o terceiro momento, Beatriz pede para que Safira mantivesse o contato visual com ela, devido ao fato de que nas outras duas vezes ela havia se mantido de olhos fechados. Isso pareceu ter provocado um choro mais profundo e duradouro, mas Beatriz se mantém corporalmente distante, sem acolhê-la.

Na quarta e última vez, Beatriz introduziu uma pequena toalha de rosto nas mãos de Safira, que mesmo após o aval inicial da terapeuta, permaneciam repousadas no colchão. Desta vez, além do "não", a mulher disse: "Não faz isso comigo". Suas mãos torciam a toalha enquanto o *kicking* era realizado com menos força e vivacidade que nas outras vezes. Safira chorou muito até soluçar. Dessa vez, Beatriz a acolheu, segurando sua mão. Ela disse sentir-se muito sozinha e manteve as mãos dadas com a terapeuta até que ela afirmasse que ali seria o fim da sessão.

Na hora da supervisão, Beatriz mencionou estar se sentindo bem com o atendimento e foi elogiada pelos instrutores devido ao seu cuidado com o contato estabelecido através do toque por suas qualidades de suavidade que foram mantidas durante o andamento da sessão. Afirmaram também que situações de abandono elencam os fenômenos de transferência e contratransferência na terapia de maneira mais profunda e por isso devem ser trabalhados com cautela. Ademais, era importante estar "de alma" ali, dando suporte verbal e corporal com totalidade por parte do terapeuta. Por fim, comentaram sobre o caráter de *oralidade* e *rigidez* que correspondem, respectivamente, à falta da mãe e presença do pai na narrativa de Safira.

A *oralidade* refere-se ao peito vazio e as mãos sutis, com braços que aparentam ter pouca força, ao contrário das pernas e quadris mais torneados e *com carga* que se referiam à relação paterna. Essa dualidade entre *rigidez* e *oralidade* também corresponde à experiência de autonomia e abandono na relação com seu marido, de quem se enxerga autônoma mas possui grande dependência – o que surge devido à demanda dela pelo mesmo caminho de autoconhecimento que ele. Isso faz com que ela, inconscientemente, tenha uma crença de que "*se eu mostrar minha autonomia, eu fico sozinha*".

\*\*

A seguir, trarei alguns elementos que suscitam deste episódio e podem servir como estímulo a debates mais profundos em antropologia.

### 3.1 Os aspectos sociais do corpo

Em uma certa entrevista, David Le Breton refere-se aos anos 70 no ocidente como uma fase em que o "corpo ocupava o lugar da verdade"<sup>79</sup>. Assim como ele, diversos autores e autoras como Michel Foucault, Erving Goffman, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Ray Birdwhistell, Margaret Lock e outros produziram reflexões sobre o corpo e a corporalidade nas perspectivas antropológicas e sociológicas. (BITTENCOURT e FRANK, 2017).

Ray Birdwhistell (1977: 285-293), por exemplo, tentou elaborar uma abordagem teórica sobre corpo humano propondo que a própria forma que ele possui deriva das experiências de vida do sujeito (DAVIS, 1979: 45).

A sua linha de pesquisa foi chamada de cinesiologia. Para ele e sua escola é entendido que a maior parte da comunicação entre sujeitos se dá através da comunicação não-verbal. A tarefa da cinesiologia é a de, portanto, sistematizar o conhecimento relativo ao corpo humano, levando em consideração fatores como textura e elasticidade da pele, musculatura, vascularidade e composição corporal em relação ao contexto social.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Disponível em < <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=4436&sid=29> > Acesso em 11 de julho de 2018.

<sup>80</sup> Esse esforço também foi empreendido por Lowen em seus livros sobre a Análise Bioenergética, porém o trabalho dos terapeutas busca essas referências como certas evidências sobre as narrativas que carregam os diferentes sujeitos, privilegiando também outras habilidades em suas ações.

No artigo que introduz o dossiê "O corpo na pesquisa social", publicado em dezembro de 2017 pela revista *Política & Trabalho*, Mônica Franch e João Bittencourt realizam uma breve introdução ao debate sobre o corpo e as corporalidades nas ciências sociais, que apesar de participarem das linhas de pesquisa de diversos programas de pós-graduação, são entendidos pelos autores como assuntos ainda marginais a outras escolas e:

Nesse sentido, a formação de uma sociologia ou uma antropologia específica do corpo pode dar lugar a uma antropologia e a uma sociologia incorporadas ou encarnadas<sup>3</sup> (*embodied*), feitas desde o corpo, no corpo, com o corpo. (BITTENCOURT e FRANCH, 2017: 16).

Assim, atribuem também à influência dos anos 60 a retomada de estudos sobre o corpo nas ciências sociais, que até então contava com trabalhos pontuais no campo, ou com menções ao corpo que não elencavam reflexões para além de descrições etnográficas ou breves exemplos em teorias diversas.

E é no intuito de sistematizar o conhecimento sobre o corpo na antropologia que Margaret Lock escreveu *Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge* (1993), tentando compilar os estudos que entendem o corpo a partir de uma perspectiva histórica, social e cultural, os que tensionam o debate sobre natureza-cultura e mente-corpo de uma maneira substancial e os que dialogam com políticas de produção e reprodução de corpos. (LOCK, 1993: 134).

Ela passa pelos trabalhos de Durkheim, Mauss, Hertz, Douglas, Sahlins e outros no intuito de demonstrar as diferentes abordagens nas quais o corpo foi concebido como objeto de estudo. Então ressalta como os trabalhos dos dois últimos contribuem para uma reformulação do problema do corpo para uma ordem semiótica, ou seja, como transmissor e receptor de informações. Nesse sentido, observa-se o esforço teórico em superar a separação entre conhecimento e prática nos estudos do corpo.

Sendo assim, o corpo abandona o lugar de mero representante de uma organização social específica ou de uma independência da mente e passa a tensionar os paradigmas natureza-cultura e mente-corpo mais ativamente.

The question of the body requires more than reconciling theory with practice. It brings with it the difficulty of people both having and being bodies (236:1); subjectivity and its relation to biology and society cannot be ignored. (LOCK,

1993: 136)<sup>81</sup>

A Análise Bioenergética reivindica uma subjetividade composta de um corpo que vai além de uma ideia ou representação de si, no sentido de uma projeção mental, mas que também não se refere somente a questões fisiológicas, buscando ressaltar a importância do organismo para se entender e agir sobre as questões afetivas do sujeito. "Contava com o céu para tudo/O lugar garantido é o corpo" é uma frase da poeta brasileira Mana Bernardes e que decora a sala principal do Vibrare sintetizando bem sua importância para estes terapeutas. Nessa ótica, o próprio conceito de "saúde mental" como um eixo ramificado de "saúde" e referente às questões psíquicas se esvai, uma vez que questões orgânicas e fisiológicas tentam ser apreendidas a partir de critérios afetivos<sup>82</sup>. É o que aparece no trabalho de Roberta, quem frequentemente recebe clientes em parceria com biomédicos:

*Então teve essa casadinha da parte física com a parte emocional, os médicos tiveram essa visão e começaram a encaminhar para mim. Quando eu descobri a Bioenergética, a Terapia Corporal, eu achei que se encaixou muito para isso. Por que eu precisava de algo que tivesse essa interface com o corpo, que não fosse só a cabeça. E as pessoas que chegavam para mim já tinham sintomas no corpo, então eu precisava fazer esta interface mesmo. E isso me motivou mais ainda a procurar um trabalho que fizesse essa comunicação mente e corpo. Até hoje eu faço esse trabalho lá no [nome do órgão]. Os médicos me encaminham, ou as pessoas vem também em demanda espontânea, ou encaminhada pelos médicos. Quando vem encaminhado pelos médicos eu tenho que fazer relatórios, informando qual que é o diagnóstico. Então, esse é um dilema também que eu tenho. Por que lá eu tenho que pegar o diagnóstico que eu faço da Bioenergética e transformá-lo em um diagnóstico que possa ser lido por um médico, então transformar num CID.*

Roberta, em entrevista.

---

<sup>81</sup> Aqui, acredito que poderíamos caminhar em direção ao trabalho de Latour (2008: 40) em "Como falar sobre o corpo?" e sua noção de corpos e sujeitos articulados e desarticulados: "Armados com uma definição tão «pato-lógica» de corpo, livramo-nos da obrigação de definir uma essência, uma substância (o que o corpo é por natureza). Em vez disto, como argumentarei neste artigo, podemos procurar definir o corpo como um interface que vai ficando mais descritível quando aprende a ser afetado por muitos mais elementos. O corpo é, portanto, não a morada provisória de algo de superior - uma alma imortal, o universal, o pensamento - mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo".

<sup>82</sup> Durante o meu trabalho de campo, diversos terapeutas me informaram tratar pessoas com afecções *somáticas* como alergias, gastrites e outras condições as quais seriam geralmente tratadas por biomédicos, evidenciando o tensionamento realizado pela bioenergética.

No caso dela, a tradução do infortúnio para o universo da biomedicina é feita por ela, assim como a junta médica com quem trabalha não levanta hipóteses de doenças a partir de conceitos e categorias da bioenergética, demonstrando o esforço adaptativo da AB em se integrar a outras práticas de saúde. De acordo com ela, em suas relações de trabalho fica evidente a predominância hierárquica da biomedicina, ainda que no trabalho em consultório não se absorva categorias biomédicas, e este se adapta de outras formas ao contexto estatal, como veremos na sessão sobre os materiais.

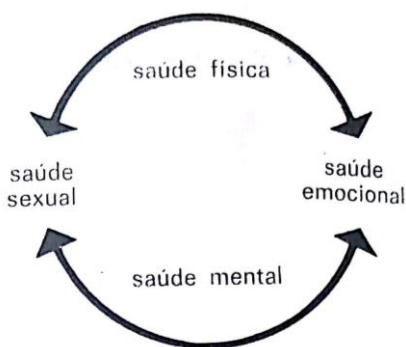


Fig. 11. Unidade do organismo

**Figura 14. Proposta de entendimento do "organismo" da interface entre saúde física e emocional e suas relações com o que seria sexual e saúde emocional. Fonte: Lowen (1985).**

### 3.2 Das habilidades do terapeuta

A partir da noção de *still*, discute-se o foco nas habilidades, mas ponderando que se deve considerar o campo mais amplo de relações para compreender o papel e o sentido das habilidades humanas que emergem nos processos de aprendizagem. Em suma, se a aprendizagem gera a habilidade, esta é conectada a um campo de relações que transcende o humano, e tal conexão é fundamental para se compreender seu papel e sua dinâmica. (SAUTCHUK, 2015: 110)

Ao desenvolvimento de habilidades adquiridas através do engajamento no mundo, Tim Engole (2001) atribui o conceito de *skill*, que desde a sua elaboração vem sendo revisado constantemente pelo autor (cf. Ingold, 2011; 2013; 2015; 2018). Nessa perspectiva, que se alinha ao que é denominado *antropologia da técnica*, o mundo não é somente dado e tampouco somente construído, sendo portanto um processo que engloba



relações indissolúveis entre o que outrora foram denominados *natureza* e *cultura*. A reassociação destes dois universos seria um dos objetivos do trabalho do autor, preocupado em abordagens que concebiam a "pessoa em seu ambiente" em vez de um "indivíduo autossuficiente" (INGOLD, 2003: 21). No livro *The perception of environment* essa proposta ganha forma através da noção de *skill* e suas cinco dimensões: intencionalidade e funcionalidade da prática; atribuição a um sistema de relações da prática; cuidado, julgamento e destreza; aprendizagem pela prática e; produção de um trabalho direcionado a geração de um novo produto.

Para especificar mais precisamente o que quero dizer com *skill*, destaco cinco dimensões críticas de qualquer tipo de prática qualificada (*skilled practice*). Primeiro, intencionalidade e funcionalidade são imanentes na prática em si, em vez de serem propriedades anteriores, respectivamente, de um agente e de um instrumento. Em segundo lugar, a habilidade (*skill*) não é um atributo do corpo individual isoladamente, mas de todo o sistema de relações constituído pela presença do artesão em seu ambiente. Em terceiro lugar, em vez de representar a mera aplicação da força mecânica, a habilidade (*skill*) envolve qualidades de cuidado, julgamento e destreza. Em quarto lugar, não é através da transmissão de fórmulas que as habilidades são passadas de geração em geração, mas através de experiências práticas e práticas. Finalmente, a mão de obra qualificada serve para não executar um projeto pré-existente, mas, na verdade, para gerar as formas de artefatos. (INGOLD, 2000: 352, tradução livre)<sup>83</sup>

Seguindo essa linha de raciocínio, posteriormente o autor escreve que "Skill is the ground from which all knowledge grows" (INGOLD, 2018: 159). Nesse sentido e retomando o meu trabalho de campo, defendo que a construção do conhecimento e da prática pelos quais os terapeutas passam configura o processo de produção de uma habilidade que pode ser interpretado pela antropologia à luz do conceito de *skill*, na qual se engajam intimamente, com seus corpos (e aqui tensionando o paradigma natureza-cultura), para poder então posteriormente efetivar o tratamento de infortúnios aos outros sujeitos. Isso aparece no discurso de Gal sobre as transformações que a Bioenergética trouxe para si

---

<sup>83</sup> Do original: To specify more precisely what I mean by skill, I highlight five critical dimensions of any <sup>SEP</sup>kind of skilled practice. First, intentionality and functionality are immanent in the practice itself, rather than being prior properties, respectively, of an agent and an instrument. <sup>SEP</sup>Secondly, skill is not an attribute of the individual body in isolation but of the whole system of relations constituted by the presence of the artisan in his or her environment. Thirdly, rather than representing the mere application of mechanical force, skill involves qualities of care, judgement and dexterity. Fourthly, it is not through the transmission of formulae that skills are passed from generation to generation, but through practical, 'hands-on' experience. Finally, skilled workmanship serves not to execute a pre-existing design, but actually to generate the forms of artefacts.

ao associá-la com o conhecimento prévio de Terapeuta Ocupacional e Fisioterapia que já possuía:

*eu vou fazer 76 anos, não tomo um medicamento, porque, quando eu sinto alguma coisa, eu vou relacionando, eu sinto no corpo o que tem, vou ligando com a parte emocional, o que que está acontecendo, algum conflito, alguma dificuldade e vou pesquisar. Então eu tenho duas linhas de pesquisa né, tanto a emocional quanto a do corpo, corporal, aí eu resolvo minhas coisas de uma forma bem mais natural.(...) Eu não tomo nenhum remédio, já escapei de sete cirurgias. (...) Do ombro seriam duas, porque dois tendões se soltaram, então aí eu revi a anatomia do ombro, qual era a função dessa musculatura, eu vi que não ia precisar muito dessa, desse músculo e também a dor era muito, muito intensa, então, quando você tem um conflito que está, desde criança, está guardado, as carências nossas, os traumas, quando a gente tem um problema, alguma dor, ela é muito mais aumentada. E como eu já tinha o trabalho da Bioenergética, essa dor ficava do tamanho que tinha que ser, não tinha esse acréscimo, e, tendo o conhecimento que eu tinha de Reabilitação, eu mesma trabalhei num centro fisioterapêutico e tomei medicação, tenho todos os movimentos do ombro, tenho força, e assim foi da coluna, assim foi do joelho, assim foi da fratura de um dedo que eu fracturei, minha coluna, então, estaria em cadeira de rodas, porque eu tenho um estreitamento do canal lombar, eu estaria em cadeira de rodas, então, então em vez de fazer cirurgia, fisioterapia e só ficar nisso, eu fui aprender a dançar. (...) mas isso tudo o que me deu um impulso foi a Análise Bioenergética. Conhecer o corpo, do que o corpo é capaz, juntando com o emocional, não deixar o emocional, com os traumas que a gente tem, ficar muito grande – porque a dor que a gente sente fica muito maior. Então, o que eu gosto mais de dançar é o forró.*

Gal, em entrevista.

Em vez de buscar um tratamento da biomedicina, Gal utiliza do aprendizado incorporado por ela ao decidir tornar-se terapeuta corporal<sup>84</sup> para cuidar de si mesma e de seus problemas que, a princípio, remetiam a meras causas biomecânicas.

Estes pressupostos [dos estudos de cognição] são, especificamente, que o conhecimento é informação, e que seres humanos são mecanismos para processá-lo. Devo argumentar que, pelo contrário, nosso conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, e que todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática. (INGOLD, 2010: 7)

No que diz respeito ao trabalho do terapeuta corporal, deve-se observar que a associação entre pessoa-corpo-objeto é fundamental para o exercício de seu ofício. Não existe um padrão de atendimento a ser seguido mecanicamente, apesar das orientações básicas referentes à anamnese inicial, que busca responder a pergunta: "o que te traz à terapia?" seguida de uma breve leitura corporal. Pelo justo fato de ser um ofício relativo ao cuidado de sujeitos, a união entre percepção e ação é condição intrínseca a seus trabalhos.

*Porque acontece muito, no sentido de que eu proponho um exercício não com um propósito fechado, mas como uma possibilidade, então eu não sei o que vai acontecer naquele momento propondo aquele exercício, mas existe algum sentido para ter proposto aquilo. Então por exemplo, já acontece de a pessoa estar me contando uma história e eu pensar: "nossa, tem muita tristeza e muita raiva aí", e aí eu proponho o exercício de torcer uma toalha, que aparentemente pode ser um exercício mais agressivo, então seria plausível pensar que um exercício que traria mais raiva da pessoa. A pessoa começa a torcer a toalha e começa a chorar copiosamente, eu não estava esperando nesse sentido de que talvez não fizesse tanto sentido com o exercício, mas fazia todo sentido para aquela pessoa naquele momento. E aí é sempre essa dança entre uma proposição que se faz e a reação que ela vai ter.*

Lúcio, em entrevista.

Nesse sentido, as interpretações que são elencadas pelos próprios terapeutas às histórias e demandas que surgem na clínica não seguem uma cartilha pré-determinada,

---

<sup>84</sup> O que novamente dialoga com os dados de mobilidade social de Jane Russo (1993), pois ela já possuía uma carreira de prestígio na Reabilitação de um renomado hospital do país e seus questionamentos pessoais sobre a forma que trabalhava a levaram para a formação em Análise Bioenergética.

ainda que o material sistematizado por Lowen sobre estruturas seja extenso, mas é dado através das percepções que são geradas relacionalmente. Tais percepções são possibilitadas através da própria *mudança no registro* que vivenciaram em sua trajetória como clientes. Aos poucos, as experimentações dos *workshops da formação* passam do lugar de vivências pessoais e passam a ser orientados às sessões de atendimento perante ao grupo quando os alunos chegam ao quarto ano de curso. A partir desse momento, espera-se que as habilidades adquiridas através da prática pessoal sejam suficientes para se dar início ao trabalho com o outro e, para isso, basta não somente a capacidade de *ocupar o próprio corpo* como o de visualizar caminhos para que outros também o façam. A sabedoria, portanto, remete-se a todo momento para o que denominam *leitura corporal*.

Para isso, à luz do conceito de *skill* que remete à técnica como uma construção de destreza, cuidado e julgamento que possibilita a ação através da percepção e interação com o ambiente ao seu redor, elaborando um saber-fazer que permite aos terapeutas estarem em constante relação consigo e o outro (cliente) a todo momento durante as sessões da terapia.

### **3.5.1. A leitura corporal**

*Todo terapeuta tem uma intuição muito aguçada e sensibilidade grande a nível de sentidos.*

Marcela

O esforço de tratar do assunto da Análise Bioenergética no debate acadêmico implica em uma necessidade de transformação da forma de pensamento acerca da construção epistêmica do *ethos* acadêmico/científico que trata as questões emocionais e corporais a partir de um processo racionalista predominado pela linguagem verbal na qual os signos *representam* algo.

Os terapeutas não entendem que a tensão representa a tristeza, a raiva ou alguma outra defesa, mas sim que as emoções estão ali *energeticamente* acumuladas. São construções sociais e históricas que as experiências do passado imprimiram nos corpos humanos, sendo o corpo, portanto, constituído por elas. Podemos dizer que, para eles, o corpo conta a própria história. Os relatos verbais são secundários à primazia do corpo. Como operam, portanto, nesse processo chamado de *leitura corporal*? Como conseguem adentrar o universo de uma pessoa a partir da observação de suas nuances corporais?

### 3.3 A resolução dos infortúnios: xamanismo e psicanálise

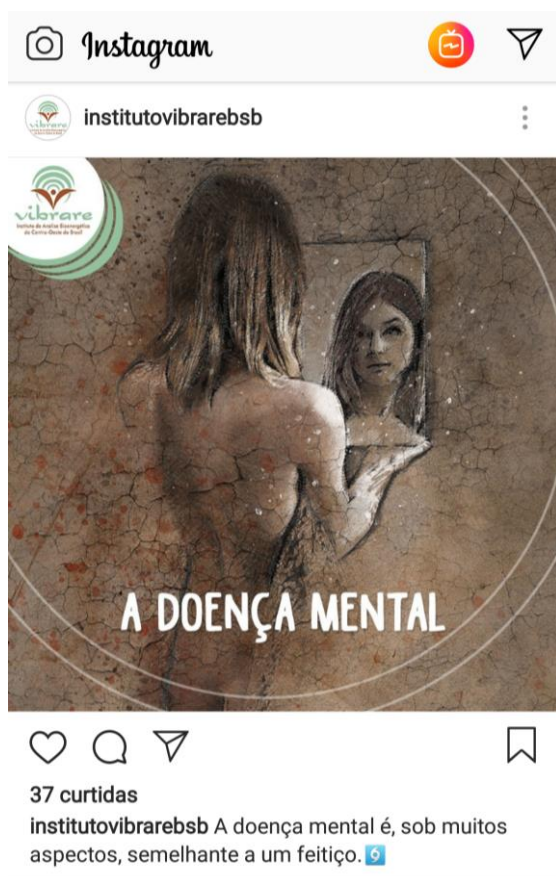


Figura 15. Imagem retirada de página de rede social do Instituto. A legenda da foto por eles colocada apresenta a doença mental como um "feitiço".

Lévi-Strauss no artigo "a eficácia simbólica" (2012 [1949]) realiza um paralelo interessante entre o xamanismo e a psicanálise, entendendo tanto o um quanto a outra como sistemas de pensamento<sup>85</sup> potencialmente eficazes, no sentido de promover tentativas de resoluções aos infortúnios. Em ambas, os sujeitos envolvidos precisam compartilhar das mesmas crenças sobre as técnicas a serem utilizadas para se obter a melhora acerca do infortúnio experimentado e confiar no fato de que elas são capazes de produzirem resultados. No seu argumento, o psicanalista e o xamã são pessoas que detém conhecimentos positivos e técnicas experimentais que podem tratar os "desafortunados". Antes de se transformarem em tal, uma experiência prévia bem-sucedida na terapêutica em questão é caminho para que se tornem psicanalistas e xamãs posteriormente<sup>86</sup>. No caso da

<sup>85</sup> Tal como postulou Freud (1992) sobre a disciplina.

<sup>86</sup> Neste mesmo texto, o autor escreve "é preciso ser analisado para se tornar analista" (LÉVI-STRAUSS, 2012: 286).

Análise Bioenergética, mesmo que anteriormente à entrada na *formação* o sujeito não tenha se submetido à disciplina, durante o seu período de transição para terapeuta faz-se *muita terapia* na área.

Nesse sentido, a cura xamânica se situa a meio caminho entre nossa medicina orgânica e as terapêuticas psicológicas como a psicanálise. Sua originalidade está em aplicar a desordens orgânicas um método muito próximo destas últimos. Como isso é possível? Uma comparação mais minuciosa entre xamanismo e psicanálise (que não envolve, em nosso pensamento, nenhum desrespeito para com esta última<sup>87</sup>) permitirá precisar esse ponto. Em ambos os casos, propõe-se trazer à consciência conflitos e resistências que até então haviam permanecido inconscientes, seja por terem sido recalcados por outras forças psicológicas, seja, – é caso do parto [entre os Cuna] – em razão de sua própria natureza, que não é psíquica e sim orgânica, ou até simplesmente mecânica. Também em ambos os casos, os conflitos e resistências se dissolvem, não porque a paciente deles vá tomando progressivamente conhecimento, real ou suposto, mas porque esse conhecimento torna possível uma experiência específica, na qual os conflitos se realizam numa ordem e num plano que permitem seu livre desenrolar e conduzem ao seu desenlace. (idem: 282)

Destarte, a cura na psicanálise e no xamanismo são, para o autor, um equivalente exato através da experiência que é dada pela reconstituição do mito vivido, seja pelos fatos traumatizantes do passado, na primeira, ou de uma causa externa do presente, na segunda. Acho interessante mencionar aqui a atenta observação por ele realizada acerca da semelhança ser mais "impressionante quando se compara o método do xamã com certas terapêuticas sugeridas recentemente que se valem da psicanálise"<sup>88</sup> (ibidem. p.284.)

Sechehaye<sup>89</sup> percebeu que o discurso, por mais simbólico que fosse, esbarrava ainda na barreira do consciente, e que ela só podia atingir complexos muito profundos com atos. Assim, para resolver um complexo de desmame, a psicanalista tem de assumir uma posição materna, não realizada por uma reprodução literal do comportamento correspondente, mas, por assim dizer, com golpes de atos descontínuos, cada um deles simbolizando um elemento fundamental dessa situação, como, por exemplo, colocar o rosto da paciente em contato com o seio da psicanalista. A carga simbólica de tais atos os torna aptos

---

<sup>87</sup> Provoco: por que deveria?

<sup>88</sup> Seria essa uma menção às terapias pós-psicanalíticas/corporais? Talvez, se observarmos a data do texto.

<sup>89</sup> Uma psicanalista francesa cujo livro que retrata este episódio data de 1947.

a constituir uma linguagem. Na verdade, o médico dialoga com o paciente, não por meio da palavra, e sim por operações concretas, verdadeiros ritos, que atravessam a barreira da consciência sem encontrar obstáculos, para levar sua mensagem diretamente ao inconsciente. (ibidem: 285)

O que Sechehaye faz é proporcionar ao sujeito a experimentação do mito de seu sofrimento e ressignificá-lo a partir de suas atitudes. No caso em específico representou a mãe. Tal contato não seria possível no início da teoria freudiana, mas passa a ser transformado conforme o debate amadurece. Lévi-Strauss (ibidem: 287) já enuncia que, de acordo com Freud "a descrição em termos psicológicos da estrutura das psicoses e neuroses deva um dia desaparecer, dando lugar a uma concepção fisiológica ou até bioquímica".

Ele sustenta seu argumento no relato etnográfico do trabalho de um xamã entre os Cuna que auxilia uma mulher em seu parto após a invocação de um canto. Neste texto, o antropólogo propõe a noção amplamente utilizada na antropologia de "eficácia simbólica" (LÉVI-STRAUSS, 2012). Esta noção tenta dar conta do êxito da cura no trabalho xamânico e, no artigo em questão, refere-se à resolução do infortúnio dado pela comunicação "entre corpo e espírito" (SEVERI in FILHO, 2014).

Após algumas décadas de divulgação deste trabalho, Lévi-Strauss inicia um diálogo com Carlo Severi – provocado por este último – que, interessado na psicanálise e sua relação com a antropologia, migra da filosofia para a disciplina sob a orientação do psicanalista e antropólogo Georges Devereux. Após seus primeiros contatos com o trabalho de Lévi-Strauss na década de 70, decide realizar trabalho de campo entre os Cuna. Lá, descobriu que "o canto xamânico que Lévi-Strauss estudou e que utilizou para fazer essa comparação entre o psicanalista e o xamã, era cantado em uma variação de Cuna que ninguém compreende se não é iniciado" (idem: 177). Isso o colocaria em xeque, portanto, a argumentação construída pelo cânone da antropologia estruturalista, o que deu início a uma série de diálogos entre ambos.

(...) o xamanismo é um fenômeno prodigiosamente interessante, e que pode, aliás, fazer eco com a psicanálise, mas por outras vias, não necessariamente por essa. Não é impossível que tenha formas de eficácia simbólica que existam além desse caso e se encontram em outro lugar além dos Kuna. Aliás, não vamos falar disso por mais tempo, mas de fato penso ter encontrado um tipo de interpretação daquilo que se passa entre os Kuna. Dediquei uns trinta anos, escrevi sobre e penso ter encontrado uma

solução possível a esse problema. (ibidem: 179-180)

A seguir, tento fazer uma digressão com base nas análises etnográficas de Carlo Severi (2013, 2014), Els Lagrou (2007; 2013) e outros teóricos inseridos no debate sobre as artes indígenas e criação de cosmologias um caminho possível para pensarmos a *leitura corporal* para além da ótica representativa e a noção de "eficácia simbólica".

### **3.3.1 Como a etnografia da tradução pode contribuir para se compreender etnograficamente uma terapia corporal**

Quando Carlo Severi propôs uma antropologia da memória, ele estava interessado em olhar para a arte indígena de "sociedades sem escrita" e demonstrar como a memória destes povos é organizada, o que permitiu entender a partir deste exercício as potencialidades epistemológicas das peças analisadas em relação com as cosmologias indígenas, abrindo janela para um debate teórico denso sobre ontologias diversas. O que ele vem demonstrando ao longo de décadas de trabalho é que o demasiado enfoque nas narrativas verbais não dá conta de toda a sintaxe das epistemologias diversas, sendo necessário um deslocamento teórico no qual a imagem a ser analisada não é uma mera representação de um signo ou outro, mas ela é em si mesma a capacidade de criação do mundo das pessoas que a produzem. Meu objetivo nesta seção do texto é o de trazer as contribuições teóricas de Severi "em termos mais gerais" (SEVERI, 2014: 41), no caso: a transformação ontológica que a AB propõe a partir de sua "retomada do corpo". Justifico a escolha devido à percepção em meu trabalho de campo que tive acerca da incapacidade do universo verbal em capturar o justo momento em que o significado chega ao observador através dos signos existentes no corpo do paciente. A mim, parecia sempre algo intuitivo, o que posteriormente foi confirmado pelos terapeutas e instrutores em conversas sobre o tema, que fizeram questão de assinalar a impertinência de atendimentos sistemáticos com base nos pressupostos teóricos dados na bibliografia base da terapêutica<sup>90</sup>.

Nos debates ocorridos na *formação* e no curso de introdução, ouvi por diversas vezes que a AB não se constitui como um algo "místico", "esotérico" ou "espiritual" e sim permite a navegação por um universo de sentidos não-óbvio aos olhos de um observador cuja subjetividade não é constituída dentro dessa terapêutica.

---

<sup>90</sup> Chegando ao ponto de pedir para que alguns alunos, com dificuldade de deixar dominar a intuição em detrimento da razão, deixassem de ler os livros de Lowen por um tempo e focassem na prática dos *workshops*.



No artigo, publicado em 2014', "Transmutating beings: a proposal for an anthropology of thought", Severi propõe uma "etnografia da tradução" a partir do conceito de *tradução intersemiótica* de Jakobson, afirmando que nós podemos "considerar a etnografia da tradução como uma chance de observar a dinâmica e estrutura dos processos de pensamento, e estudar como eles operam em diferentes contextos culturais" (SEVERI, 2014: 41, tradução livre)<sup>91</sup>. Dessa forma, é dada à antropologia uma nova forma de definir o conceito de ontologia cultural ao ir além da investigação dos processos de categorização racional e adentrar novos campos de significação e criação do mundo (idem: 41-42). Ele realiza uma breve discussão teórico-filosófica acerca do conceito de ontologia para mostrar que não se trata da maneira como o mundo é visto/racionalizado, mas da forma como os seres são constituídos, o que, por conseguinte, transformaria os questionamentos realizados pelas investigações durante pesquisas etnográficas. Focado em etnografias que mostram como a sinestesia está presente em diversas etnias ameríndias, Severi defende que uma utilização acrítica do conceito de ontologia gera um "ponto cego":

Muitos dos nossos colegas tendem a chamar "ontologia" qualquer discurso sobre as origens da natureza e do mundo. Entretanto, desde Parmenides, o termo "ontologia" não se refere aos diversos materiais constituintes do universo (fogo, água, ar, etc.) e suas diferentes formas de combinação. O argumento ontológico é sobre "o próprio ser". (ibidem: 61, tradução livre)<sup>92</sup>

Sendo assim, olhar apenas para o universo de significação racional/verbal em etnografias com pessoas que vivem em outros processos de pensamento acaba sendo insuficiente, fazendo-se necessário ir além. Acerca do conceito de tradução intersemiótica, o que Severi enfatiza é justamente a navegação dos significados por domínios semióticos diversos, sendo, nos casos ameríndios, os seres constituídos simultaneamente de cantos, grafismos e rituais e, portanto, o que as culturas ameríndias parecem ensinar é que as interpretações de signos referentes a um sistema não-verbal podem ser realizadas por significados presentes em outro sistema não-verbal, ou seja, desenhos podem estar expressos em rituais e também palavras (ibidem: 47). Pensar dessa forma torna possível a apreensão de conteúdos e realidades que não são capturadas pela racionalidade, sendo os seres não somente constituídos de abstrações racionais do mundo, como também

---

<sup>91</sup> Do original: Consider the ethnography of translation as a chance to observe the dynamics and structure of thought processes, and to study how they operate in different cultural contexts.

<sup>92</sup> Do original: Many of our colleagues tend to call "ontology" any discourse about the origins and nature of the world. However, since Parmenides, the term "ontology" does not refer to the various material constituents of the universe (fire, water, air, etc.) and their different ways of combining. The ontological argument is about "being itself."

significados dentro de outros campos da percepção, o que demonstra certa pluralidade no que diz respeito à sintaxe destes mundos. Entretanto, não se trata apenas de mostrar que a proposta teórica de Jakobson tem muito a contribuir, mas sim dar um passo além a partir dela:

Com essa conclusão em mente, nós podemos dar um passo adiante e formular a hipótese que a distinção lógica de Jakobson caracteriza não somente "linguagem" e códigos não linguísticos, mas também o próprio exercício de pensar. Dessa forma, nós podemos passar de uma oposição abstrata entre "pensamento" (definido como racionalidade e categorização) e "linguagem" (essencialmente definida como padrões gramaticais) para o estudo de um conjunto de múltiplas relações entre formas de cognição (relacionadas, por exemplo, à ação ritual e ao pensamento visual) e formas de tradução intralinguísticas, interlinguísticas e intersemióticas. Como nós vimos, essas formas de tradução não existem somente entre linguagens diferentes, mas também entre diferentes códigos e contextos pragmáticos dentro de uma mesma cultura. (SEVERI, 2014: 64, tradução livre)<sup>93</sup>

No caso da AB, o observador (terapeuta) ao se colocar perante seu cliente o observa como se fosse uma obra de arte a ser desvendada, cujos significados não estão necessariamente óbvios e tampouco aparecem necessariamente na narrativa verbal trazida ao consultório. Inclusive entendem que a *estrutura* pode estar mascarada, como desabafou Danilo após assistir o atendimento de uma jovem que conhecia previamente: "*Nossa, nunca tinha percebido que o peito dela carregava essa oralidade toda*".

Conforme vimos ao longo desta dissertação, a observação do corpo pode trazer indícios sobre a história de vida do paciente e trazer interpretações acerca de suas relações afetivas da primeira infância até a resolução do *complexo de Édipo*, sendo os significados ali percebidos produtores das orientações para o tratamento psíquico. Podem corroborar ou não com a narrativa verbal que traz o cliente, sendo mais relevante o que *diz o corpo*. É interessante perceber que este corpo diz para aqueles que sabem lê-lo.

Traços como a estrutura física, a localização das tensões musculares, a distribuição

---

<sup>93</sup> Do original: With this conclusion in mind, we could go a step further, and formulate the hypothesis that Jakobson's logical distinction characterizes not only "language" and nonlinguistic codes, but also the exercise of thought itself. In this way, we could pass from an abstract opposition between "thought" (defined as rationality and categorization) and "language" (essentially defined as grammatical patterns) to the study of a set of multiple relations between forms of cognition (related, for instance, to ritual action and visual thinking) and intralinguistic, interlinguistic, and intersemiotic forms of translation. As we have seen, these forms of translation do not exist only between different languages, but also between different codes, and different pragmatic contexts, within a single culture.

de massa ao longo do corpo, o tom de voz, o olhar, enfim, dentre tantos outros, são os aspectos que são "lidos" e capazes de comunicar uma narrativa. Há uma dimensão perceptiva de difícil compreensão, mas que está presente em todos os atendimentos e decisões e são percebidas pelos terapeutas entre si. Dessa forma, eles se mostram como sujeitos capazes de *movimentar a energia e trazê-la de volta* ao corpo. Isso se dá a partir de comandos e intervenções verbais e corporais que vão desde a prescrição de exercícios, passando por alguma possível dramatização de outrem – como: *eu sou seu pai, o que você quer dizer pra ele?* – a uma massagem, um abraço, um toque na mão.

No caso dos exemplos etnográficos de Severi, o olhar treinado pertence ao xamã. Aqui, ao terapeuta. Retomamos, portanto, o xamanismo e a psicanálise como um novo paralelo, no caso: o xamanismo e a terapia corporal. O trecho a seguir, escrito pelo psicanalista Bernardo Tanis (2009: 37) na Revista de Brasileira de Psicanálise demonstra em uma narrativa poética o processo de significação que tento analisar no presente texto:

Desde que viemos ao mundo, a psicanálise nos mostra, estamos empenhados na fascinante tarefa de traduzir nas três dimensões assinaladas por Jakobson. Fomos o bebê que procurava decodificar os cheiros, barulhos, gostos enfim um mundo sensorial; mas, também, através por meio de intenções, desejos e fantasias desse ser primordial que chamamos mãe que nos gerou no seu ventre. Buscamos por meio da função nominativa e denotativa da linguagem uma clareza frente à dimensão inconsciente da nossa subjetividade que permanentemente nos escapa e que se faz presente fugazmente nas falhas de um trama que almejamos ilusoriamente coerente. Transitamos do ideal de completude para uma dimensão de finitude e limite que um terceiro nos impõe o que nos obriga ao desenvolvimento de uma nova função tradutiva. Quando procuramos uma análise buscamos o auxílio de uma escuta que nos aproxime do intraduzível de nós mesmos e do outro. Dos efeitos desta experiência nos lançamos a ocupar este lugar dispostos a sermos suportes de uma nova experiência transferencial que poderá apontar novos sentidos para aqueles que nos procuram. A multiplicidade das línguas, as confusões de línguas, são outros tantos elementos que se conjugam no exercer criativo e ético de abertura para o outro. Assim, como bem disse Julia Kristeva somos sempre estrangeiros para a dimensão inconsciente de nossa subjetividade. Assim o Bernardo tradutor, o Bernardo analisando ou analista seja em espanhol, português ou em qualquer outra língua, esteve e estará às voltas com a permanente tarefa de significar este

enigmático e complexo estilo próprio, singular e que, como disse metaforicamente Christopher Bollas, é o idioma pessoal de cada um de nós.

O que a Análise Bioenergética propõe é que não somente o registro psíquico de uma pessoa é configurado no *inconsciente* simbólico e mental, porém constituinte do corpo, sendo no corpo e suas manifestações o lugar a ser cuidado para que a terapia seja eficiente, e o lugar onde se aparecem todos os indicadores que guiam o processo terapêutico.

Em seu artigo intitulado " O espaço quimérico. Percepção e projeção nos atos do olhar", disponível na coletânea "Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas" (LAGROU e SEVERI, 2013), Severi propõe uma relação entre os domínios da percepção e da projeção na construção de uma imagem a partir do caso conceituado por ele mesmo de representação quimérica, que seria a "condensação da imagem por traços essenciais" (idem: 26).

A condensação engendra, por projeção, uma ou mais interpretações da forma. Aquilo que pode ser visto é considerado, implicitamente, uma parte de outra forma, cuja presença é imputada e eventualmente representada. Num ato do olhar como esse, **o invisível prevalece sobre o visível e parece indicar o contexto.** (...) A saliência visual destas imagens, ligada à mobilização da inferência que elas implicam, pode se tornar, assim, um traço mnemônico capaz de veicular e de preservar sentidos. (ibidem: 26, grifos meus)

Este tipo de representação se refere a um tipo de representação gráfica que opera entre os planos visíveis e invisíveis da imagem, sendo o ato de projeção do olhar item fundamental para a apreensão do significado da imagem, transformando a experiência subjetiva do observador em um dos aspectos essenciais do processo. No caso da Análise Bioenergética, o corpo seria uma metáfora dessa representação, contendo apenas os traços necessários para a interpretação do terapeuta, ou seja, prevalecendo sobre o visível na análise (verbal) e indicando o contexto. O visível seria a queixa que pode ser, por exemplo, tristeza, ansiedade, estresse, problemas de relacionamento, trabalho, ou a *estrutura*.

Els Lagrou segue a mesma linha de Severi e mantém o debate com ele no artigo seguinte da coletânea, intitulado "Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre uma arte perspectivista" e no qual ela demonstra etnograficamente como as artes ameríndias se caracterizam pela tendência de sugestão, tensionando o visível e o invisível e transformando o olhar em uma ferramenta ativa no

preenchimento das lacunas, tornando, conforme anteriormente sugerido por Severi, a experiência subjetiva parte intrínseca à apreensão das obras, sendo por muitas vezes o olhar do observador tornado capaz de compreender do que se trata após se preparar em técnicas realizadas em rituais. Ou seja, assim como o canto dos Cuna só pode ser compreendido por aqueles que já foram iniciados no xamanismo, a compreensão das narrativas *contadas pelo corpo* só podem ser realizadas pelos iniciados na bioenergética. O preparo técnico do terapeuta em sua *formação* seria como as etapas rituais de um xamã, tornando-o uma pessoa capacitada a adentrar universos psíquicos do inconsciente a partir das "saliências" deixadas no corpo do cliente.

Essa capacidade de compreensão de histórias a partir de signos não-verbais no corpo gera uma oposição ativa dos terapeutas corporais em relação à predominância da psicanálise e das terapias verbais, buscando a união entre verbal e não-verbal.

*Às vezes, o pensamento faz com que nos enganemos um pouco, nos percamos, muitas vezes. Porque é muito fácil você passar uma ideia e não ser, exatamente, aquilo. Às vezes, o pensamento se perde um pouco. E na experiência, na questão prática, sinto que não tem como negar. Às vezes, a pessoa faz um exercício corporal e você vê que o corpo já fala, traz uma informação. Então, essa experiência corporal é muito diferente. Na fala, verbalização, intelectualização, é mais fácil, muitas vezes, a pessoa não trazer uma verdade. E no corpo, não tem como. Você olha e a verdade está ali, ela expressa aquilo, fisicamente. Às vezes, um sorriso que ela traz falando de uma coisa triste. Quer dizer, tem uma desconexão nisso. Muitas vezes, na fala, você não percebe. Então, eu sinto que tem diferença.*

Flora, em entrevista.

*Para nós é uma diferença muito significativa, assim, porque falar é como se você trabalhasse no nível só do cognitivo, da tomada de consciência. E a gente não acredita que só tomando consciência a gente muda comportamento. Então, para mim a diferença básica é que ao mexer no corpo você, de alguma maneira muda o nível de experiência, o nível de percepção, sensação e as pessoas, no meu entendimento, só aprendem por esse viés, não é com a cabeça, é passando pela experiência, então, a*

*parte da cabeça é parte do processo, a parte do verbo, trabalhar com a consciência é um pedaço do processo, mas se você não inserir o corpo você vai ficar cheio de consciência e não vai mudar nada. Essa é a minha percepção. Não invalido a parte verbal de um processo, acho que é importante, eu acho que a Bioenergética trabalha exatamente juntando essas duas coisas, não é que jogue fora né, pega, aí você pega aquilo e contextualiza no corpo, põe no corpo isso. Só fala, pelo menos na minha própria experiência, porque quando eu decidi trabalhar com isso, eu só decidi porque, na minha própria experiência eu percebi que só funcionou para eu mudar alguma coisa na minha vida quando juntou as duas coisas: falar, sentir, mexer o corpo. Aí integrou mais, só uma coisa não.*

Tânia, em entrevista

Não se trata, portanto, de um abandono do *inconsciente* e da base psicanalítica, mas da elaboração de uma prática capaz de ultrapassar os domínios da razão e privilegiar a percepção para que aconteça. O campo do verbal, portanto, não é negado ou rejeitado pela terapêutica, que não se propõe, afinal, "contra a Palavra", mas sim em busca de uma espécie de *comunhão entre o verbal e o corporal* privilegiando este último a fim de equalizar o desequilíbrio imposto pela dicotomia moderna.

*Você tem mais ferramentas para lidar com o inconsciente. Não é só verbal. Corporal também. Acho que você faz bastante ligações a respeito. (...) Tem a leitura corporal. Que eu acho a coisa mais importante. Porque você vê traços. Acho que eu dei, um pouco, no workshop de Brasília. Você liga o corpo à história de vida do indivíduo. Você trabalha para, realmente, fazer essas tensões corporais que são a história de vida que não muda, porque é uma só. O que você faz é flexibilizar as tensões para ter um novo repertório de respostas que funcionaram quando era criança, que não deixa de ser defesa, para sua sobrevivência. Mas não funcionam mais porque você é adulto. O contexto é outro. Você vive em um mundo, não com sua família ou filhos, então, você dá outras respostas da sua vida, que chamamos de caráter. Porque sempre dá a mesma resposta para um estímulo. Então, você começa a arriscar, tem outras respostas para mudar o repertório de*

*respostas. Tudo isso como processo, muito medo, no começo. Mas vai amolecendo. Porque cada tensão muscular, na bioenergética, é um músculo amedrontado: dor, tristeza, frustração, medo que a criança passou e tensionou para lidar com a situação. Mas, quando você trabalha com a parte corporal, o objetivo é tentar relaxar o músculo para a energia poder fluir pelas partes tensas. E aumentar, cada vez mais, o fluxo de energia. E você aumentando isso, relaxando as tensões, aumenta a capacidade de respiração do indivíduo. E o corpo fica mais cheio de vida. E você começa a mudar o seu padrão de respostas. Não é que você muda a estrutura do caráter da pessoa, nem a história de vida. Muda o padrão de respostas. Esse é o objetivo de qualquer terapia. Mas eu acho que o faz a bioenergética ser um processo mais dinâmico e rápido é, exatamente, você poder usar o verbal e corporal junto.*

Marcela, em entrevista.

Poderíamos pensar que o que Severi chama de "imagem" seria aqui o que é dado no corpo e o trabalho dos analistas bioenergéticos, por sua vez, o de mudar o padrão de respostas de seus clientes, fazendo-os reagir e agir de outra forma perante a vida e seus percalços a partir da experimentação dos exercícios, que são guiados pelo processo da *leitura corporal*.

Na AB, o processo diagnóstico e de tratamento opera com domínios diversos da percepção, sendo o terapeuta capaz de adentrar no universo íntimo de uma pessoa através de signos que podem ser associados ao que foi denominado por Severi (2014) de *saliências*. Para esse grupo, o corpo de uma pessoa não representa a sua história de vida e, suas tensões, seus traumas, mas é o resultado destes eventos, ou seja: o corpo é a própria materialização das experiências de vida e a vida em si mesma. É na síntese do corpo-mente-história-experiências que o terapeuta encontra seu caminho de ação, muitas vezes informados a ele por um campo de signos não-verbais que vão desde uma entonação, um olhar, até a constituição fisiológica, sendo que por vezes tratam-se de *saliências* capazes de serem percebidas apenas pelos que assim sabem fazê-lo, constituindo-se como uma técnica tal como postula Ingold (2000).

O resultado do trabalho psicoterapêutico corporal muda o *registro* da pessoa e flexibiliza sua *estrutura* corporal. Mudar o registro nada mais é do que transformar a maneira como a pessoa experimenta a vida à sua volta. Na *leitura corporal* e na dinâmica

terapêutica, o que ocorre, de fato, não é a representação de um signo por outro, mas a materialização no código corporal de um aglomerado de "diferentes níveis, existenciais ou sociais" (DEMARCHI, 2009: 195) – no caso, as relações afetivas da primeira infância até a resolução do complexo de Édipo – e cuja palavra não consegue alcançar tais significados "pela simples razão de ser impossível verbalizar tudo de uma vez" (LAGROU, 2007 *apud* DEMARCHI, 2009: 195). Sendo assim e portanto, a Análise Bioenergética se mostra como uma prática terapêutica cuja técnica não é somente constituída pelo exercício prático de uma abstração teórico-metodológica, mas pela junção deste tipo de conhecimento com outros obtidos por campos distintos da percepção, e capaz de transformar aqueles que vivem em torno dela.

Dessa forma, ao transformarem-se em terapeutas corporais, eles dão início a um processo de paulatina *transformação pessoal* para, ao final, buscarem transformar outras pessoas a partir do *trabalho corporal*, um caminho que *dá corpo* para sujeitos que chegam compartimentados, com existências centradas nos domínios da *mente* pelo contexto social originário da modernidade.

### **3.4 Exercícios de bioenergética**

Viu-se em ilustrações do livro de Lowen e uma das fotografias do Instituto Vibrare o que é intrínseco à Análise Bioenergética: seus exercícios. Lowen e sua esposa os sistematizaram em um livro intitulado "Exercícios de Bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante", publicado no Brasil em 1985 e escrito para um leitor comum como uma tentativa de popularizar e disseminar o conhecimento por ele elaborado. Os exercícios tratam desde cefaléias até tensões musculares por emoções reprimidas e objetivam proporcionar ao aprendiz o conhecimento de seus próprios bloqueios. Alguns deles recebem em suas descrições a ressalva de que não devem ser praticados fora da supervisão de um terapeuta devido à certa potência que possuem, podendo o sujeito se sentir debilitado ao executá-lo e necessitar de amparo especializado.

Fora do consultório, os exercícios são comumente realizados em grupos coletivos denominados *classes de exercícios* ou *grupos de movimento*. Essas classes se constituem como prática terapêutica de Análise Bioenergética, mas sem o viés analítico. O direito de conduzir os grupos é dado aos alunos que concluem o terceiro ano da formação, fazendo com que a terapia em grupo seja um território de aprendizagem e preparação para o atendimento individual. O foco nos exercícios pode trazer elementos para se *levar pra*



*terapia*, como dizem, mas não devem ser aprofundados no contexto da classe. Os terapeutas escolhem temas como "mobilidade, fluidez e criatividade", "agressão e foco", "respirar e expressar", "*grounding* e realidade", "despertando os sentidos, achando a direção" e outros mais, que dialogam com o objetivo de transformação pessoal através do autoconhecimento. Tanto em classes abertas ao público quanto nas realizadas em contextos de aprendizagem isso é ressaltado por aqueles que a instruem. Tais atividades, portanto, operam entre a *entrada no processo analítico* e a mera performatização dos movimentos em execuções desprovidas de "carinho, cuidado e interesse por seu corpo" (LOWEN, 1985: 14)<sup>94</sup>. A dinâmica que envolve a eficácia terapêutica da classe é o permanecimento entre estes dois polos de possibilidades.

Por se tratar de um grupo terapêutico, é comum que as classes sejam ministradas por duas ou mais pessoas que estejam engajadas em atender os episódios de choro mais profundo, tontura e outros sintomas que apareciam durante os exercícios da *classe* e servem como indicadores de necessidade de amparo. Muitos exercícios são feitos em dupla formada pelos participantes. É importante que o terapeuta saiba mensurar a intensidade de sua classe. Vi pessoas gritando, chorando, com tremores, rostos e outras partes do corpo vermelhas, feições de raiva, palavras e gestos carregados de mágoas e medos. Expressões ora mais extrovertidas, ora discretas. Algumas pessoas simplesmente não conseguem participar, mas isso não impede de que sejam acolhidas pelos instrutores que continuam incentivá-las a participarem, mas com certa sutileza para que as relutantes não se sintam pressionadas. Certa vez, enquanto realizava uma das classes, comecei a sentir uma vertigem em um exercício deitada no chão e fui atendida por Marlene após indicação de Tânia. Meus pés ficaram dormentes e uma grande sonolência começou a tomar conta de mim. Ela segurou minha mão e prestou atenção nos meus olhos, o que despertou um choro sensível. Explicou-se para mim que foi um sintoma de *dissociação*. Em um outro dia, vi um jovem adulto deixar a atividade com um tremor nas mãos logo após alguns exercícios preparatórios básicos (LOWEN, 1985) como o *bend-over* e de estímulos à respiração, mãos e pés. Ele permaneceu quieto no sofá durante o resto da atividade, recusando convites de retorno e em silêncio durante a roda de conversa que existe após a prática. Não

---

<sup>94</sup> Lowen (1985: 14) escreve sobre os exercícios: "Contudo, eles são exercícios, não habilidades e muito depende do que você coloca neles. Se você os faz mecanicamente, irá conseguir pouco com eles. Se você os faz compulsivamente, os estará minimizando. Se você os faz competitivamente, não irá provar nada. Contudo, se você os faz com carinho cuidado e interesse por seu corpo, os benefícios irão surpreendê-lo".

tive a oportunidade de ouvi-lo sobre o ocorrido<sup>95</sup>. Vi também uma jovem que não conseguia parar de rir, como quem tivesse muita vergonha de participar da atividade. Posteriormente foi trazido à discussão como as risadas se tratam de *estratégias de defesa do ego* para evitar lidar com questões desconfortáveis ao sujeito.

Além de *entrar em processo*, uma possibilidade de ineficiência terapêutica dos exercícios de bioenergética se dá por certa performatização a partir da sua realização como um exercício físico ou motivada pelo que é chamado de *falso self*, que seria um dos mecanismos de defesa do *ego*, o que vai na contramão dos objetivos psicoterapêuticos de dissolução das defesas criadas pelo trauma no organismo<sup>96</sup>. No caso, sem *entrega*. A capacidade de mensuração da *entrega* ou não é uma das aptidões que o terapeuta adquire com a experiência de trabalho e o torna a cada vez mais preparado para guiar suas *classes de exercício* e mesmo suas sessões de atendimento, sendo que as primeiras possuem a possibilidade de serem construídas a partir de um roteiro pré-definido, ainda que maleáveis de acordo com o contexto em que se inserem.<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> Durante o meu período de campo, observei rotatividade de frequentadores das *classes*. Por vezes, foram encontros únicos com os sujeitos, alguns pacientes da terapia individual, outros, interessados na terapêutica.

<sup>96</sup> Para a psicanálise (FREUD, 1992), saber se adaptar ao contexto socioambiental em que o indivíduo recém-nascido existe é uma das capacidades do *ego*, que cria padrões de defesa a partir de experiências traumáticas. Com o passar do tempo, tais padrões podem vir a causar sofrimento ao sujeito, que busca solução para seus infortúnios na terapia. Como disse Tânia "*Naquela época, isso foi necessário para você sobreviver. Hoje, não é mais*".

<sup>97</sup> Nesse aspecto, a percepção do terapeuta trabalha a todo momento, pois é a única forma de examinação da eficácia da atividade durante o atendimento.



Fig. 2. Vibrando inclinado para frente

**Figura 16 – Ilustração referente ao item: Exercício 1 – Exercício básico de vibração e "grounding". Nas classes de exercícios que participei e nos atendimentos que assisti, foi um dos movimentos de maior incidência. Fonte: Lowen (1985).**

A observação da conduta pessoal em relação a essa mesma métrica também faz parte do processo de aprendizagem do analista bioenergético. Em um de seus encontros com os alunos da *formação*, Heine Steckel enfatiza: "*classe de exercícios não é terapia, mas também não é ginástica.*"<sup>98</sup>. Ou seja, ao passo que não aprofunda o processo analítico, não pode também ser realizada de maneira mecânica, ou como ele mesmo disse, "*na mera técnica, pois uma dose de empatia é necessária*". Seu aconselhamento se direcionava a uma aluna em vias de se formar como instrutora de classe de exercícios, após quatro anos de investimento no aprendizado e que objetivava a posterior certificação final de CBT e se referia à incerteza que a *classe de exercícios* possui, no sentido de ao passo que pode ser planejada passo-a-passo como um treinamento físico ou com o objetivo pré-definido, deve se adequar às nuances que se apresentam, como certa apatia ou efusividade dos participantes. Durante todas as discussões em contextos da *formação*, o aperfeiçoamento técnico dos alunos é tema central que passa por avaliações constantes. No caso da aluna, foi feito o convite a se falar pequenas frases com entonação de "*firmeza e definição*".

O conhecimento desses mecanismos aparecem de maneira sutil e processual dada pela experiência constante e repetitiva, sendo que por muitas vezes, nos atendimentos do curso de formação, o terapeuta aprendiz não observa nuances que são pontuadas após a saída do *cliente* pelos instrutores e colegas. Vejamos estes episódios:

---

<sup>98</sup> notas de campo: maio de 2016.

Em um dos atendimentos da *formação*, Beatriz atendeu uma simpática e sorridente mulher, que alegou estar ali devido à sua curiosidade pela terapia. Professora da educação infantil na rede privada e moradora do Plano-Piloto, demonstrou bastante descontração e falou bastante dos filhos para a terapeuta em formação. A todo momento se direcionava ao grupo, gerando um forte sentimento de simpatia por ela. Quando perguntada sobre o objetivo com aquele trabalho, respondeu que gostaria de trabalhar seu estresse acumulado pelas funções do dia-a-dia, considerando sua jornada dupla de trabalho.

Beatriz, então, iniciou o trabalho corporal indicando para se respirar e buscar o *grounding* sem utilizar o termo técnico, mas incentivando-a a encontrar-se no momento presente através de uma leve flexão com os joelhos. Em seguida, indicou alguns movimentos para cima e para baixo com o corpo e lhe entregou uma toalha pedindo para que ela a torcesse enquanto as duas se olhavam. Após certo tempo, pediu para dizer palavras como *não* e a permitir a emissão de sons que pudessem vir a sair de sua boca. Entre um exercício e outro, breves e descontraídos comentários eram proferidos pela *cliente*. Em certo momento, ela chorou brevemente.

Terminado o trabalho, ela se despediu de todos os presentes agradecendo pela experiência. Na supervisão, os dois instrutores pontuaram e confrontaram Beatriz sobre esse repetitivo gesto, que denunciou a falta de *entrega* dela e a desatenção por parte da aprendiz, distraída pelos sorrisos e pela dinâmica gentil. Praticamente todos os alunos comentaram que foram *seduzidos* da mesma forma e não haviam reparado nesse *mecanismo de defesa*. Ao se colocarem em um lugar de autocrítica, perceberam outras nuances como o olhar triste que a mulher possuía e, então, uma tristeza escondida pela raiva. Concluindo, portanto, que sua *defesa* impossibilitou a *entrega*, assim como a inexperiência da aluna acabou por não conduzi-la mais profundamente a esse sentimento reprimido.

Ao pensar as técnicas do corpo, Marcel Mauss (2006) entende a técnica como um conjunto de relações entre seres e coisas. Dessa forma, ela é vista dentro de uma dinâmica relacional que permite a constituição da vida humana e se esvai para além deste, remetendo-se a contextos, transformando a abordagem da categoria de social para um viés de relacionabilidade (CUNHA, 2014). Se pensarmos a técnica terapêutica da AB nesse viés, podemos perceber algumas nuances no que se refere às operações que são produzidas nesse espectro.

Para Leroi-Gourhan (1965), cada movimento possui uma qualidade rítmica,

decorrente de uma sensibilidade visceral criadora do espaço e do tempo. São os ritmos que criam as formas. Como ele próprio o diz, “As técnicas de fabrico situam-se desde o início no interior de um ambiente rítmico, simultaneamente muscular, auditivo e visual, nascido da repetição de gestos e choques” (1965:118). A qualidade rítmica da qual nos diz Leroi-Gourhan está, desse modo, menos na repetição do movimento em si e mais na sensibilidade reverberada pelo movimento, ou seja, no acoplamento entre percepção e ação. (MARQUES, 2014: 79)

Beatriz, ao atender a cliente do episódio em questão, seguiu todos os protocolos técnicos estabelecidos para uma sessão: *leitura*, *respiração*, *grounding* e proposição de exercícios de acordo com a queixa. Ainda assim, um elemento relativo às próprias percepções deve ser lapidado para que seu aprendizado siga de maneira plena. Assim, poderíamos aqui afirmar que seu trabalho possui uma qualidade rítmica (LEROI-GOURHAM, 1965)<sup>99</sup> que deve não somente ser reproduzida mecanicamente, mas ser sentida e responsiva às dinâmicas das relações que são estabelecidas na sessão.

E sentir se debruça no acoplamento do movimento e da percepção que, como vimos, é a chave para a prática com *skill*. Como Leroi-Gourhan reconheceu claramente, a atividade técnica é conduzida não contra um pano de fundo estático, mas em um mundo cujos múltiplos componentes passam por seus próprios ciclos particulares. Por meio da percepção, os gestos rítmicos do praticante estão sintonizados com os múltiplos ritmos do ambiente.

(INGOLD, 2011: 60, tradução livre)<sup>100</sup>

Enquanto Ingold pensava sobre o ato de serrar e Marques analisou a forja como um processo sociotécnico para além dos artefatos, proponho aqui que encaremos a atividade terapêutica da mesma forma, levando à centralidade o *trabalho corporal* realizado por essa vertente.

---

<sup>99</sup> Para Ingold (2011: 60), a concepção de *ritmo* com base no trabalho de Leroi-Gourham seria: Rhythm, then, is not a movement but a dynamic coupling of movements. Every such coupling is a specific resonance, and the synergy of practitioner, tool and raw material establishes an entire field of such resonances. But this field is not monotonous. For every cycle is set not within fixed parameters but within a framework that is itself suspended in movement, in an environment where nothing is quite the same from moment to moment.

<sup>100</sup> Do original: And feeling lies in the coupling of movement and perception that, as we have seen, is the key to skilled practice. As Leroi-Gourhan clearly recognised, technical activity is conducted not against a static background but in a world whose manifold constituents undergo their own particular cycles. By way of perception, the practitioner’s rhythmic gestures are attuned to the multiple rhythms of the environment.

### 3.5 O consultório do analista bioenergético e o trabalho corporal

#### 3.5.1 Móveis e outros materiais

Uma sala sem objetos, poderíamos concluir, é praticamente inabitável. Para que ela esteja pronta para qualquer atividade, ela deve ser *mobiliada*.

Tim Ingold<sup>101</sup>

Tive a oportunidade de conhecer por volta de oito consultórios diferentes, que variam seguindo mais ou menos o mesmo padrão. À exceção de um, possuem espaço amplo devido à necessidade criada pelos exercícios e o mobiliário adequado para sua execução. Além de possuírem duas poltronas que ficam postas de frente uma a outra, como em um consultório analítico, também possuem materiais como os que ficam na sala principal do *Vibrare*. Para os terapeutas, a construção do seu espaço de trabalho é um dos processos pelos quais se passa, sendo almejado a criação de um lugar que possibilite o cuidado e dê a sensação de segurança ao cliente. Segue-se uma orientação de cores específicas e harmonizadas entre si. Estantes e prateleiras são anexadas a paredes e armazenam não somente livros de psicologia, psicanálise, Análise Bioenergética e vertentes corporais diversas, como também objetos para o *trabalho corporal*.

*...para quem nunca viu, o do sol<sup>102</sup> é muito lindo. Foi um arquiteto famoso daqui que me deu de presente. (...) O meu stool era horrível. E ele fez um. Como o Lowen descreve. Porque é madeira (...) hoje em dia, o pessoal faz o stool com o negócio. Mas o meu é fidedigno. Já que sou a de data, coloco isso para ficar mais agradável. (...) Eu tenho colchonete, colchão. Você já viu um consultório (...) Então, o meu está um pouco mais modernizado. Não deixo todo o tempo. Só quando usarei. Porque é um trambolho e eu escondo. Mas esse pequeno pode ficar. Quando vai bater, quicking, tem de colocar um para não machucar o calcanhar, nem nada. Mas você vai ficando mais sutil. Então, eu trabalho muito com a pessoa em pé, toques. Você deve ter visto. Tem terapeutas que são mais... o stool fica aí a vida inteira. Agora, tem o quadrado, que eu já tive. Mas é muito trambolho nessa sala. Eu não preciso disso. Não é que eu não*

---

<sup>101</sup> Em seu artigo: *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais* publicado em: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37: 25-44, jan./jun. 2012.

<sup>102</sup> a seguir será possível ver uma imagem do *stool*.

*use. Eu sei usar. E quando estou em workshop, uso. Mas, aqui, na sala, não. Tenho outros recursos, digamos. Então, para mim, é muito importante.*

Marcela, em entrevista.

O trabalho decorativo se refere ao cuidado e segurança do cliente e do terapeuta consigo e sua profissão. Devido à profundidade de conteúdos e da *alta carga emocional* com que lidam em seus trabalhos<sup>103</sup>, o consultório também deve ser um porto seguro de trabalho para os terapeutas sendo comum observar, ao sentar-se em sua poltrona, que o campo de visão do terapeuta no consultório possui sempre uma obra de arte ou outro objeto que traga conforto através de sua contemplação. Em uma visita a seu consultório enquanto conversávamos sobre este tema, Tânia me mostrou uma foto dos filhos que se localiza no armário de frente a poltrona que senta-se para atender, explicando-me sobre o aconchego que a imagem lhe traz. A foto, entretanto, nem sempre permanece visível, a depender de cada sessão<sup>104</sup>, mas para ela somente o fato de saber que a imagem se encontra ali, permitindo que seja por ela visualizada, lhe faz acessar a sensação de acolhimento necessária em caso de desestabilizações afetivas que possa vir a sofrer durante seu trabalho.

Contudo, ter um consultório decorado a seu modo é uma condição de trabalho específica que depende de diversos fatores. Em clínicas particulares, a única limitação é o orçamento disponível para a constituição do espaço, que podem ou não ser de salas divididas entre dois ou mais terapeutas<sup>105</sup>. Já dentro de instituições, a burocracia nem sempre possibilita tamanha autonomia para montagem de um consultório, como vivenciou Roberta em sua carreira de Psicóloga de um órgão público (colchetes meus):

*... depois de muito tempo de trabalho lá, depois de muitos anos no [nome do órgão], eu tive uma salinha de médico, pequenininha e tinha que*

---

<sup>103</sup> No artigo de Pantoja (2012: 201) apresenta-se dados sobre o *burnout* no mundo do "trabalho afetivo ou prestação de cuidados (BERNARDES; PELLICCIOLI; GUARESCHI, 2010)" e que, por sua vez, denomina o grupo dos "que exercem o cuidado através da escuta e do acolhimento, como os enfermeiros, assistentes sociais, médicos, psicólogos, nutricionistas, entre outros", ressaltando que "Carece-se, entretanto, de pesquisas cuja população estudada seja composta por trabalhadores da área da saúde de outras categorias profissionais, cujo trabalho se caracterize como de natureza afetiva ou de cuidados, como os: assistentes sociais, farmacêuticos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, nutricionistas, odontólogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais", grupos para o qual se orienta sua pesquisa.

<sup>104</sup> Certa vez, me contou que procura romper com a questão do distanciamento intersubjetivo entre terapeuta e cliente que a psicanálise instituiu como parte de sua técnica. Sendo assim, alega não se incomodar em falar de sua vida e até mesmo compartilhar de momentos da vida de seus clientes como, por exemplo, ir ao casamento de um deles, caso o contexto clínico permita (um cliente antigo, que já não vai mais, ou que não possui relação de dependência emocional com a terapeuta e a terapia, que tenha se tornado um amigo).

<sup>105</sup> Pois precisam investir na manutenção de um espaço além o de suas casas.

*atender atrás de uma mesa. Por que eu dividia o consultório com os médicos. Então era bem consultório médico de posto de saúde. Sabe? Mesa, cadeira, sem espaço nenhum. Mesmo assim quando eu conheci a Bioenergética, eu já afastava a cadeira, e pedia para a pessoa vir, nós ficávamos pertinho uma da outra. Eu ficava em pé. Hoje em dia eu já tenho uma sala maior. A minha sala é metade dessa daqui [de seu consultório particular]. Tem um tapetinho desse tamanho, com duas poltronas, tenho um colchão como aquele e tenho bola de pilates que eu uso para fazer o stool. Entendeu? Por que eu não tenho o stool lá, e eu achei também que esse banco ia provocar muito frisson nas pessoas, muita curiosidade e poderia ser questionado. Por que lá eu tenho que justificar para que possam comprar mobília. Então tudo que eu consegui justificar, eles compraram. Que foi essa história da poltrona sem a mesa no meio. Eu consegui mostrar que tecnicamente é o ideal essa aproximação. Consegui argumentar tecnicamente o motivo do colchão no chão que eu queria. Na época eu acreditava que eu conseguiria fazer algum kicking, mas aí eu não consigo faço só o TRE. (...) E a bola também porque como a bola já tem a questão do pilates para abrir um pouco o diafragma. Aí eu coloquei aquilo ali como justificativa. Então eu não tenho o stool, eu tenho a bola, o chão, esse setting aqui de tapete e duas poltronas e uma mesinha no cantinho, de apoio...*

Roberta, em entrevista.

*Setting* é como se chama o tipo de relação que é construída no espaço do consultório entre terapeuta e cliente. O tema é de grande relevância e intitula um dos diversos conhecimentos aprendidos pelo terapeuta em seu processo de formação. Ao contar como adapta seu consultório para tentar atingir os mesmos objetivos que a terapia em um consultório particular pode oferecer, Roberta demonstra uma outra faceta do trabalho terapêutico que se refere ao fator de *improviso* necessário para o exercício de sua profissão. Dessa forma, o ponto de partida para a utilização de certo mobiliário é precedido pela orientação do exercício que se gostaria de realizar. Não existe um *setting* fixo que segue um padrão demarcado, como a fala dela e de Marcela conotam, mas sim um processo de construção de si e do próprio ofício que perpassa desde a dimensão subjetiva até os entraves burocráticos. Ao passo que a disposição e disponibilidade da mobília e dos



artefatos utilizados em sessões de terapia variam de consultório a consultório, é interessante observar que ainda assim o terapeuta busca ter um mínimo de materiais para que possa tornar seu trabalho viável, tendo certa autonomia na adaptação de objetos, desde que a função terapêutica como, por exemplo, a abertura do diafragma ou a expressão da raiva sejam realizados.

No IV Congresso Latino-Americano de Análise Bioenergética, evento realizado em Brasília no mês de abril de 2018, um grupo de terapeutas de Buenos Aires propôs um workshop com bolas de pilates cheias e murchas, a fim de mostrar como esse material pode ser utilizado nas sessões de bioenergética. Entusiasmada com a descoberta das técnicas, uma terapeuta que atende *psicóticos* em um CAPS de São Paulo disse que iria aderir a essa técnica "*imediatamente*" com seus pacientes. Ao final, entregaram um cartão em que explicam sobre a interface denominada *Bioesferas*:

*Es la integración entre la Bioenergética y la Esferodinamia. Se nutre de la Bioenergética como marco teórico práctico fundamental y toma a las esferas como un facilitador para la experiencia. Entendemos como su foco central: aumentar el registro propioceptivo, trabajar con la energía vital, transformar la dificultad como llave para ampliar la autoexpresión y la movilidad dando lugar a cambios en la psicocorporalidad. (...) Las esferas, por su textura y redondez, nos permiten conectarnos con la calidez, con lo blando y con la posibilidad de sentirnos contenidos y no retenidos. Nos sostienen en una danza compartida, acompañándonos en la tarea de superar los límites y expandir el movimiento y nos permiten habitar la capacidad de regular como búsqueda permanente.*

Já uma outra equipe, da SOBAB de São Paulo, levou alguns materiais como cobertores, buchas ásperas, incensos, aromas e tecidos diferentes para propor uma outra forma de se trabalhar a dinâmica do contato e da percepção do cliente.

Além da própria diversidade de objetos, um outro fator que pode modificar a composição do consultório é a faixa etária dos clientes atendidos. Beatriz, por exemplo, trabalha com crianças e precisa criar brinquedos e utilizar uma estratégia lúdica para que as suas sessões sejam eficazes, utilizando outros materiais como "facilitadores" da experiência.

*Eu adoro [trabalhar com crianças], e dentro do que a minha criatividade*

*permite eu trabalho corporalmente sendo lúdica. Quando eu percebo, por exemplo, que a criança está com o olhar mais travado, eu trabalho com isso. Uso técnicas de fazer desenho, com os balões, de encher e jogar para cima e para baixo, e nisso os olhos vão acompanhando. Uso o que eu tenho aqui, e vi que não é preciso ter muitos brinquedos, podemos criar brinquedos. Eu só falo: “tome cuidado com a luz, com a minha geladeira e com a minha garrafa de água”. Esses dias criamos esse brinquedo, colocamos o colchão, depois eu falei que veria se achava algumas latinhas ou garrafas pet, e bola. Trabalha o movimento de jogar, de raiva, inevitavelmente eles exercitam isso jogando a bolinha. O lixo virando cesta de basquete, e vamos criando outros brinquedos.*

Beatriz, em entrevista.

No artigo "Trazendo as coisas de volta a vida", Tim Ingold busca realizar uma breve reflexão sobre os materiais e a materialidade na vida humana. Com isso, propõe que pensemos tarefas cotidianas e o mundo material a partir das idéias de cozinha, alquimia e pintura:

Na cozinha, as coisas são misturadas em combinações variadas, gerando nesse processo novos materiais que serão por sua vez misturados a outros ingredientes num processo de transformação sem fim. Para cozinhar, devemos abrir recipientes e retirar seus conteúdos. Temos que destampar coisas. Em face das proclividades anárquicas de seus materiais, o cozinheiro ou cozinheira tem que se esforçar para manter alguma aparência de controle sobre o que se passa. (...) Como os praticantes no ASO, o que o cozinheiro, o alquimista e o pintor fazem não é impor forma à matéria, mas reunir materiais diversos e combinar e redirecionar seu fluxo tentando antecipar aquilo que irá emergir. (INGOLD, 2012: 35)

Ainda que não fabriquem os próprios materiais, podemos ver alguns pontos interessantes para pensar os materiais a partir do que fazem os terapeutas de bioenergética ao utilizarem de maneiras diversas objetos comuns com a finalidade terapêutica. Assim como o cozinheiro, o alquimista e o pintor não buscam "impor forma à matéria"<sup>106</sup>, o

---

<sup>106</sup> Aqui ele faz uma crítica ao modelo hilemórfico: "Na história subsequente do pensamento ocidental, esse modelo hilemórfico da criação arraigou-se ainda mais, mas também se desequilibrou. A forma passou a ser vista como imposta por um agente com um determinado fim ou objetivo em mente sobre uma matéria passiva e inerte. Quero argumentar

terapeuta em bioenergética trabalha através da associação entre os corpos de seus pacientes e os objetos vislumbrando resultados específicos ao trabalho terapêutico, que nem sempre correspondem aos objetivos originalmente pensados para tais.<sup>107</sup>

### 3.5.2. Os objetos em terapia

Vimos até então como o consultório não é uma construção sistematizada com protocolos estritos de organização material no espaço. Cabe ao terapeuta certa autonomia e criatividade na escolha e utilização dos materiais com os quais irá trabalhar dentro de seu consultório. Como parte das revisões constantes que os terapeutas fazem à base teórica de Lowen está a preocupação com o estabelecimento de *contenções* aos clientes. Teoricamente, há prescrições e restrições de acordo com a *estrutura* de cada pessoa atendida, sendo o discurso de precaução bastante comum nos espaços de aprendizagem da terapia, a fim de evitar a *quebra* do atendido pelo terapeuta. Essa quebra se refere a um processo de *desestruturação* que a experiência terapêutica pode funcionar e acarretaria possíveis danos, como uma desestabilização emocional e uma *retraumatização*, que são entendidas como algo negativo no *processo*.

*Quando eu comecei o meu grupo as pessoas que são mais antigas na bioenergética a gente testemunha de como isso tem mudado ultimamente na técnica. Bioenergética era uma técnica que não se preocupava tanto com a expressão, com a questão da carga alta em um corpo que as vezes não suportava ainda aquilo e tinha muito a coisa da expressão a qualquer custo. E talvez isso seja uma das coisas que mais tenha mudado na abordagem, que é a questão de auto regulação e de respeito pelo ritmo energético de cada pessoa. E isso tudo vem muito em função dos trabalhos com trauma porque a gente chegou à conclusão que se trabalhar com a Análise Bioenergética sem levar em consideração esse*

---

aqui que os debates contemporâneos em campos os mais diversos - da antropologia e arqueologia à história da arte e estudos da cultura material - continuam a reproduzir os pressupostos que subjazem ao modelo hilemórfico, ainda que tentem restaurar o equilíbrio entre seus termos. Meu objetivo final, por outro lado, é derrubar o próprio modelo, e substituí-lo por uma ontologia que dê primazia aos processos de formação ao invés do produto final, e aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria." (INGOLD, 2009: 26). Para uma breve introdução ao tema, recomendo o texto da filósofa Verônica Damasceno (2007) intitulado "Notas sobre uma individuação intensiva em Simondon e Deleuze".

<sup>107</sup> O único objeto criado e sistematizado por Lowen foi o *stool* e em sua própria obra ele ensina como substituí-lo pela junção de outros objetos.

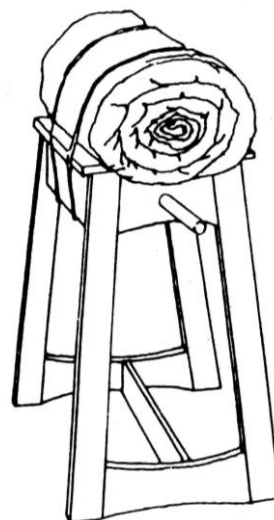
*conceito de auto regulação, você vai estar traumatizando. Então hoje em dia a gente sabe que trabalhar o corpo com trauma talvez seja uma das melhores saídas de novo, mas com todo o cuidado para poder fazer isso em um contexto seguro, de respeitar o tempo do outro, para poder fazer a pessoa transitar nesse lugar. E de novo a gente questiona o que era feito antigamente, que se você fala do trauma que você passou, você de alguma maneira é curado quando você fala sobre o que você passou. Então nas terapias mais tradicionais e mais antigamente: “você teve um acidente, então fale do acidente” e você ia ficar falando para despejar tudo aquilo. Hoje em dia a gente sabe que não porque toda vez que você lembra do seu trauma você se retraumatiza. Então hoje dia a nossa perspectiva é que você precisa trabalhar o corpo e desconectar da cena do trauma, no sentido de veja aqui e agora o lugar em que você está, fazer o corpo vibrar para se reestruturar sem ficar preocupado demais com a cena do trauma.*

Tânia, em entrevista

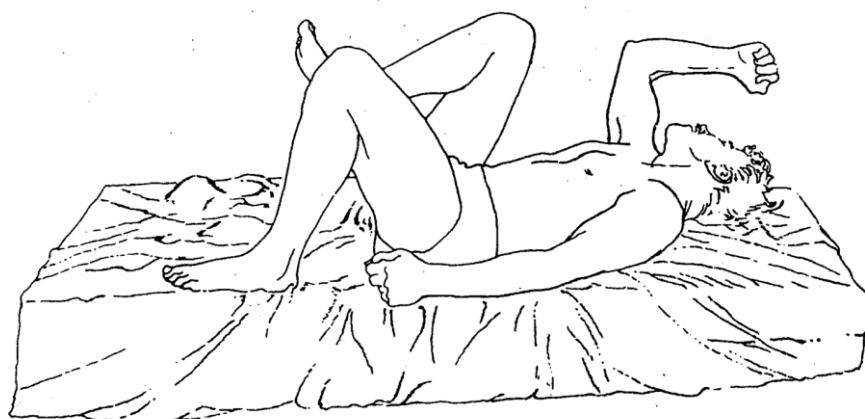
Vemos aqui o que enuncia Périsson no capítulo anterior acerca da construção da bioenergética como um sistema de conhecimento que se revisa constantemente. É importante que durante o processo de aprendizagem o terapeuta tenha as habilidades necessárias para realizar suas prescrições e consiga projetar as consequências de um exercício ou outro, sendo parte do processo de aprendizagem tanto a experimentação quanto proposição de objetos durante os exercícios e atendimentos.

Almofadas, colchões, raquetes, toalhas, bancos de espuma e o *stool* ou *banco de bioenergética* são objetos comuns tanto para quem realiza quanto para quem se submete ao processo terapêutico da Análise Bioenergética. Conforme vem sendo dito no presente trabalho, o objetivo da terapia é o de fazer a pessoa entrar em contato consigo mesma através do *empoderamento* de si e seu próprio corpo e atingir o *autoconhecimento* e a consequente libertação de padrões negativos de comportamento a partir da associação entre processo analítico e exercícios bioenergéticos (LOWEN, 1985). A seguir demonstrarei algumas ilustrações presentes no livro de Lowen (1985) que representam os objetos e suas utilizações com finalidade terapêutica.

**Figura 16. O *stool* ou banco bioenergético. Trata-se de uma adaptação de um banco de cozinha. Seu uso será demonstrado a seguir. Fonte: Lowen (1985).**



**Fig. 50. O banco bioenergético**



**Fig. 46. Acesso de birra**

**Figura 17. Exercício feito para liberar emoções de tristeza e raiva em um colchão. Fonte: Lowen (1985).**

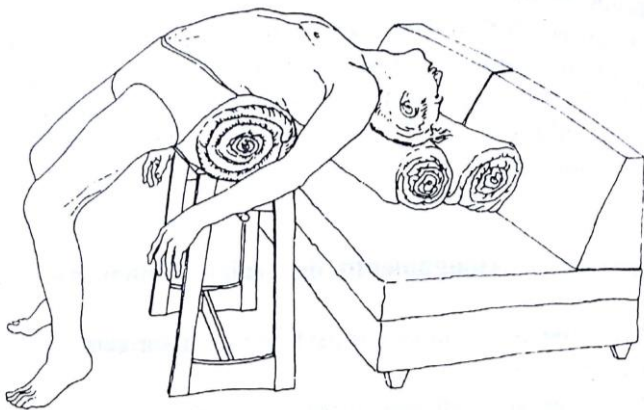


Fig. 53. Região lombar das costas no banco

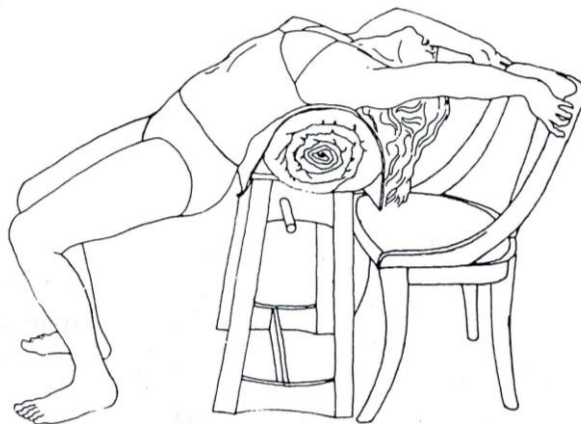


Fig. 51. Inclinar-se para trás sobre o banco

**Figuras 18 e 19. Utilização do banco com a ajuda de uma cadeira, toalhas e um sofá. Exercícios de liberação da parte anterior do tórax (à esq.) e para a pelve (à dir.). Esta posição costuma liberar o choro reprimido. Recomenda-se ressalva em sua utilização. Fonte: Lowen (1985).**



Fig. 49. Torcendo a toalha

**Figura 20. Exercício de torção da toalha para liberação da raiva.**

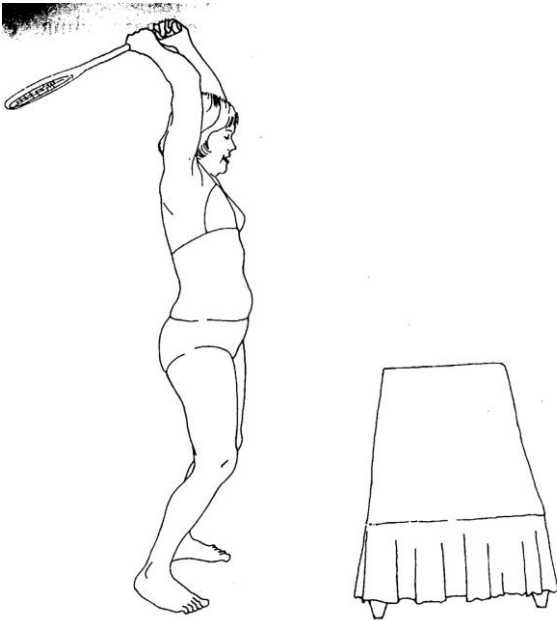


Figura 21. Expressão da raiva com a raquete.  
Fonte: Lowen (1985).

Figura 22. Estímulo de energia para a liberação da região pélvica

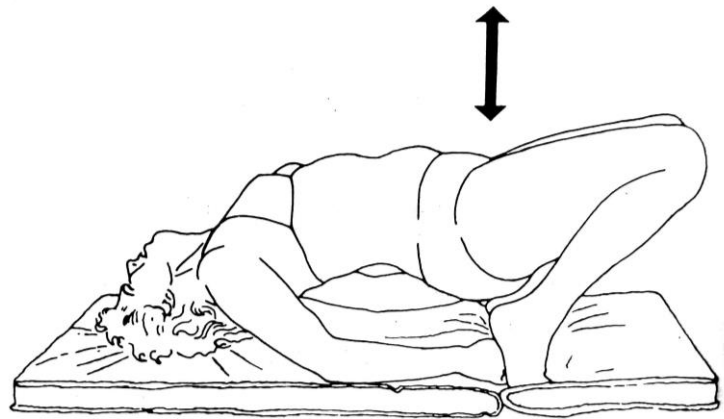


Fig. 60. Arco com os punhos sob os calcanhares



No que diz respeito à utilização destes objetos, o de uso mais comum é o colchão, que pode ser colocado tanto na parede quanto no chão, sendo um lugar seguro para o *cliente* desferir suas bofetadas, chutes e golpes de raiva, ou mesmo para ser acolhido, atendido deitado pelo terapeuta. Certa vez, Tânia me contou que tinha um paciente com tamanha carência afetiva que em seu tratamento ela o enrolava em um cobertor e o acomodava no colchão com almofadas, como se fosse um recém nascido, a fim de possibilitar a experimentação do contato que lhe faltara anteriormente. O mesmo é narrado por Marcela, quando questionada o que leva a escolha por um ou outro objeto:

*Tem a ver com o tema. Se é uma coisa que eu sinto ou vi no corpo. Por exemplo: desamparo. Que vem de bebê, que você cuida como bibelô. Mais até. Porque mexe. Então, você propõe: se a pessoa está muito regredida, coloca no colchão, deitada. É de acordo com o conteúdo ou como se sente. Porque, às vezes, ele sente isso. “Estou tão desamparada, muito sozinha”. Você sabe que é adulto. Mas vem de história primária, pré-genital ou genital. Criança pequena.*

Marcela, em entrevista.

Todavia, a sabedoria referente ao seu uso não é dada por uma razão direta de causa e efeito, no sentido de que uma pessoa com problemas referentes à tristeza teria de ser colocada em um *stool* para liberação do diafragma, por exemplo. Os critérios levam em consideração a *estrutura*, que por sua vez reflete o padrão de tensões corporais nas *courças* dos clientes. Além disso, é relevante perceber e buscar a *entrega* na sessão e na execução dos exercícios, já que sem essa condição eles perdem a eficácia<sup>108</sup>.

Continuando o raciocínio referente à citação de Ingold (2012) que deu início a esta sessão, retomo a sua menção ao conceito de *affordances*<sup>109</sup> de Gibson (1979) como parte do exemplo de relação com o mobiliário de seu próprio escritório. No caso de vermos o consultório e seus materiais como um ambiente a partir dessa noção, percebemos que o trabalho terapêutico é possibilitado pela interação dos sujeitos com esses materiais. Entretanto, sem a mediação humana, os objetos perdem seu sentido no contexto terapêutico e sem os objetos, o terapeuta não realiza seu trabalho nas condições adequadas.

---

<sup>108</sup> No mesmo livro de exercícios, Lowen ressalta a importância de se não realizá-los mecanicamente, pois apenas com a *entrega* é possível se atingir o objetivo final de promoção da vitalidade.

<sup>109</sup> *Affordances* são as possibilidades de ação do agente em relação ao ambiente e que existem independentemente da sua consciência ou não sobre elas. (GIBSON, 1984)

Nesse sentido, a questão para estes terapeutas não é sobre ter um *stool* ou uma bola de pilates especificamente, mas sobre como possibilitar a execução de um exercício dentro do contexto em que estão inseridos. Os significados, portanto, emergem da própria relação<sup>110</sup>. No caso específico da Análise Bioenergética, todavia, os objetos seriam "coisas" no sentido heideggeriano do termo, que é tomado por Ingold para evidenciar a noção de *devir* intrínseca a elas e propor a relação humano-objeto a partir de um viés ontológico.

No caso da sessão de terapia bioenergética, entretanto, eu não poderia falar de uma "agência ativa" no sentido de indução de Gell (1998) acerca dos objetos no processo, ainda que possa ser observável certa capacidade de mediação nos processos de cura propiciados pelo terapeuta. No sistema de relações terapeuta-cliente-objeto, o sentido dado pelo seu uso parte de e retorna a um referencial humano. Ou seja, *stool* não faz nada, sendo apenas um mediador do processo terapêutico que depende do engajamento dos agentes humanos da relação.

Nesse caso, ao passo que essenciais à prática, o importante não seria a composição de um objeto ou outro, ou o objeto *em ação*, mas sim a capacidade de produção de sentido (ou eficácia terapêutica) dada pelo exercício proposto pelo terapeuta e executado pelo cliente, fazendo com que a rede terapeuta-cliente-objeto seja relevante como um todo, ainda que referenciada ao tratamento do cliente. Ademais, nesse sistema relacional, a sabedoria do terapeuta é fator central e determinante do processo.

---

<sup>110</sup> Na perspectiva interacionista de Gibson, " Uma janela pode ter uma *affordance* diferente para um ladrão, que para um cara apenas curioso olhar para dentro, que para o proprietário que quer ventilar o ambiente ou passar o legal, ou para uma criança que perde e tem há possibilidade de ação" (GREENE, 1994)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao pesquisar pela bibliografia que serviu como base para a constituição deste trabalho, encontrei diversos artigos, livros e outros textos que se referiam ao complexo alternativo a partir da ótica da antropologia da religião e da espiritualidade e que o compreendia a partir de uma certa idéia de "holismo". No caso das terapias corporais, "a centralidade do corpo nas culturas da Nova Era" – como se intitula um artigo de Sônia Maluf (1999) sobre o tema – coloca a idéia de "holismo" em relação ao que seria "um corpo alternativo", o que é produzido por essas terapêuticas e que se opõe ao que seria "um corpo hegemônico", um corpo voltado ao trabalho e à produtividade.

Nesse viés, o movimento de contracultura dos anos 60 e sua ramificação denominada pelas ciências sociais de Nova Era ou New Age são por vezes apontados como cerne destas terapêuticas "alternativas". Alguns deles, inclusive, apresentavam as terapias corporais como construções "contramodernas" com base na centralidade do corpo e o ideário de integração, que surgiria como uma solução ao chamado "problema da modernidade" marcado pela dicotomia corpo–mente e que é também representada no debate natureza–cultura.

Há, entretanto, uma dificuldade no que diz respeito da "definição" destas terapias, que, salvo exceções, são aglomeradas ao eixo de pesquisas sobre "Nova Era", acompanhados de uma forte influência da ideia de pluralismo terapêutico com base na diversidade espiritual (TAVARES, 2010; MALUF, 2014). Ou então aparecem como exemplos de argumentações teóricas sobre o corpo e a mente como constituidores de uma subjetividade híbrida na lógica latouriana (ALBUQUERQUE, 2001). Ressalto a argumentação de D'Andrea (2000) sobre a Nova Era ser, contudo, uma categoria êmica das próprias ciências sociais: referente mais aos alicerces teóricos da disciplina do que ao fluxo de identificações tecidas pelos próprios sujeitos em relação às suas trajetórias.

A expansão e intensificação do complexo alternativo é resultado de um outro fator referente à última década: a instituição da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC, 2006) que passa a oferecer as chamadas PICs no Sistema Único de Saúde brasileiro. Com essa política vem se observando não somente a expansão do "complexo alternativo" no SUS, que a cada ano acrescenta novas vertentes dentro da grande categoria, como a paulatina transformação no público que acessa as terapêuticas,

uma vez que as camadas populares são as principais usuárias do sistema e os trabalhos sobre as TCs versam sobre antropologias de "camadas médias e altas".

Por um outro lado, o próprio nome da terapêutica (Análise Bioenergética) enuncia também sua relação com a psicanálise, configurando seu duplo encadeamento com este e o complexo alternativo. Pela relação com a contracultura, as TC seriam "Filhas bastardas da psicanálise", como certa vez as denominou Jane Russo. Os terapeutas corporais surgem como dissidentes da psicanálise freud-lacanianiana e sua ênfase na "palavra", priorizando o legado reichiano e "seu ponto de inflexão no corpo" (Russo, 1993).

Maria Antonio (2010: 16): pontuou em seus estudos sobre a psicanálise que "O campo dos "saberes psi" aparece como um grande organograma, com muitas ramificações, dissidências e hierarquias nem sempre rigidamente demarcadas". Dessa forma, a relação com a contracultura e a "cultura 'psi'" promove a dupla atuação da terapêutica na sociedade: ao passo que englobada como PIC, a Bioenergética também se insere no campo da saúde mental, buscando sua legitimação e inserção também pelas esferas institucionais.

Assim como a psicanálise freudiana se constitui como um sistema de pensamento (FREUD, 1992), a Análise Bioenergética reivindica para si o mesmo caminho, produzindo uma noção de pessoa específica a seu âmbito e submetendo aqueles que desejam trabalhar como terapeutas bioenergéticos às suas concepções e práticas. Em virtude disso, torna necessária a submissão do sujeito que almeja o ofício de terapeuta corporal. Por isso se faz importante nos atermos ao que foi analisado no segundo capítulo: para ser terapeuta é preciso fazer muita terapia, ou seja, é a elaboração de um saber-fazer que se configura a todo momento durante a vida dessas pessoas.

Observei em meu trabalho de campo que os sujeitos que se tornam terapeutas corporais tendem a interpretar as mudanças trazidas pelo processo de *autoconhecimento* e *transformação pessoal* durante a *formação* de maneira positiva, referenciando-se ao passado como a experiência de uma vida *desintegrada* no que diz respeito à união entre os domínios de seu corpo e da mente. Isso não significa, entretanto, que tenham concluído seu *processo* e que a Análise Bioenergética seja um fim em si mesma, mas apenas um dentre os mais diversos dispositivos terapêuticos que permitem a construção de uma nova subjetividade: aqui, a partir do *trabalho corporal*.

Ao olhar para a *formação*, no segundo capítulo, e para a prática terapêutica, no terceiro, objetivei caminhar em direção ao aprofundamento antropológico sobre o sistema de conhecimento apresentado anteriormente e que constitui a Análise Bioenergética a

partir da herança psicanalítica e elencar questões referentes ao campo das terapias corporais neorreichianas como um todo. Tentei demonstrar em meu trabalho como o campo referente ao "pluralismo terapêutico" é complexo e envolve questões que não são necessariamente elencadas com o eixo das espiritualidades, o que coaduna com os movimentos sociais descritos no trabalho de Toniol (2015) que contribuíram para a criação da PNPIC.

No que diz respeito às análises tecidas a partir da etnografia sobre a prática ou, como disse anteriormente, sobre o "terapeuta em ação", pretendi trazer elementos que possam contribuir ao debate antropológico de maneira mais ampla e contribuir na interpretação de fenômenos que são pautados em sistemas de conhecimentos não verbais como é no caso da *leitura corporal*. Almejar compreensões acerca da dinâmica terapêutica deste segmento é navegar por domínios ainda pouco explorados pela antropologia, o que ressalta a importância de trabalhos que tentem trazer elementos que propiciem o amadurecimento deste debate – seja ele pautado por críticas, discordâncias ou coadunações.

Nesse sentido, no último capítulo inicio minha análise por uma breve revisão de uma literatura básica da antropologia do corpo, mencionando o movimento teórico de reformulação do problema do corpo para uma ordem semiótica, ou seja, como transmissor e receptor de informações. O esforço teórico foi o de tentar apreender o que é, ao mesmo tempo, ter e ser um corpo. No caso da bioenergética, o corpo não somente representa alguma coisa, mas comunica a partir de sua materialidade. Apesar da capacidade do sujeito em existir sem habitá-lo, a *integração* se mostra como uma ferramenta de resolução do sofrimento gerado pela *fragmentação* do sistema corpo–mente. As questões orgânicas e fisiológicas passam a ser apreendidas a partir de critérios afetivos e o terapeuta se torna essa pessoa capaz de unir os domínios das emoções, da razão e da fisiologia.

Vemos ali, portanto, como as técnicas de percepção e atuação sobre o corpo são pautadas na própria dicotomia corpo-mente, ou seja, a disjunção destes domínios é o ponto-chave para que a terapêutica seja dotada de sentido, percebendo-a para então resolvê-la.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALBUQUERQUE, L. As invenções do corpo: modernidade e contramodernidade. MOTRIZ – Revista de Educação Física – UNESP, vol. 7, n.1, p.33-9, 2001.
- AMARAL, L. Sincretismo em movimento – O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. in CAROZZI, Maria Julia (org.). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes. pp. 47-79
- ANTONIO, M. C. A. A metonímia do desejo: estudo etnográfico da clínica lacaniana em Londrina-Pr. 122f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2010
- \_\_\_\_\_. A ética do desejo : estudo etnográfico da formação de psicanalistas em escolas lacanianas de psicanálise / Maria Carolina de Araujo Antonio. -- São Carlos : UFSCar, 2015
- BABENKO, P. de C. Terapias alternativas energéticas: uma análise antropológica das medicinas alternativas a partir de um estudo localizado sobre a técnica de reiki. Monografia de conclusão de curso. São Carlos : UFSCar, 2001.
- BENELLI, S. J. A cultura psicológica no mercado de bens de saúde mental contemporâneo. Estudos de Psicologia I Campinas I 26(4) I 515-536 I outubro - dezembro 2009
- BERLINCK, M. T. Difusão e construção. In: Joel Birman. (Org.). Freud 50 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1989.
- BITTENCOURT, J. B. M.; FRANCH, M. . . Em carne e osso: apresentação do dossiê 'O corpo na pesquisa social'.. *POLÍTICA & TRABALHO (UFPB. IMPRESSO)* , v. 1, p. 15-21, 2017.
- BONET, O. Saber e sentir: uma etnografia da aprendizagem da biomedicina. Rio de janeiro: Ed. Fiocruz, 2004.
- BORGES, M. de L. Razão e Emoção em Kant. Coleção Dissertatio de Filosofia. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2012, p. 184.

- BOURDIEU, P. Coisas ditas. SP : Brasiliense, 2004
- \_\_\_\_\_. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2007
- \_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. 2002
- CAROZZI, M. J.. Nova Era: a autonomia como religião. in CAROZZI, Maria Julia (org.). A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes. pp. 149- 187, 1999.
- CASTEL, 1987; CASTEL, Robert. [1987] A gestão dos riscos. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- CUNHA DOS SANTOS, G. "*Alimentar-se bem é honrar a vida*": Uma etnografia sobre culinária natural em contexto urbano. Monografia – Antropologia Social. Brasília: UnB, 2015.
- D'ANDREA. O Self perfeito e a Nova Era : individualismo e reflexividade em religiosidades pós- tradicionais. IUPERJ, Rio de Janeiro. 1996.
- DAS, V. Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India (1995) . New Delhi: Oxford University Press. 230 pp. 2007
- DEMARCHI, A. ARMADILHAS, QUIMERAS E CAMINHOS: TRÊS ABORDAGENS DA ARTE NA ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 177-199, jul./dez. 2009.
- DUMONT, L. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FERREIRA, A. A. L. A psicologia vista por um antropólogo das ciências: um saber entre o céu dos conceitos científicos e o burburinho das práticas sociais. Publicado em AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana, Ed. Electrónica Núm. Especial. Noviembre-Diciembre 2005
- FIGUEIREDO, A. C. Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica ambulatório público Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- FONSECA, R. S. B. Bioenergética: um caminho de auxílio no processo de ensino-aprendizagem do violino / Renata Simões Borges da Fonseca.- João Pessoa,

2011.

FOUCAULT, M. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_. [1991] História da sexualidade II: o uso dos prazeres. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. [2002] Ditos e escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense.

FREUD, S. ¿Debe enseñarse el psicoanálisis en la universidad? In: \_\_\_\_\_. Obras completas de Sigmund Freud: De la historia de una neurosis infantil y otras obras (1917- 1919). V. XVII. 4.ed. Buenos Aires: Amorrortu. p.165-172. [1992]

HELLER, M. Body Psychotherapy: History, Concepts, and Methods. W. W. Norton, 2012.

HORNSTEIN, L. Intersubjetividad Y clínica. Buenos Aires: Paidós, 2003.

INGOLD, T. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill — Londres e Nova York: Routledge. 2000.

\_\_\_\_\_. Andando na prancha: meditações sobre um processo de habilidade. In: estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição / Tim Ingold; tradução de Fábio Creder. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. — (Coleção Antropologia). pp. 95 - 110.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, jan. /jun. 2012, pp. 25 -44.

LAGROU, E. A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica. Rio de Janeiro: Topbooks. 2007. [disponível no academia.edu]

LATOUR. B. [1994] jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34.



- \_\_\_\_\_. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. IN: *Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Afrontamento, 2008.
- LEROI-GOURHAN, A. O gesto e a palavra - 2 - Memória e ritmos — Lisboa: Edições 70, 1965.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural [1975]. São Paulo: Cosac & Naify. p.237-264.
- LOCK, M. Cultivating the Body: Anthropology and Epistemologies of Bodily Practice and Knowledge In: *Annual Review of Anthropology*, Vol. 22 (1993), pp. 133-155<sup>[L]</sup><sub>[SEP]</sub>
- LOWEN, A. O corpo em terapia: a abordagem bioenergética. São Paulo: Summus, 1988.
- \_\_\_\_\_. O corpo traído. São Paulo: Summus, 1989.
- \_\_\_\_\_. Bioenergética. São Paulo: Summus, 1990.
- \_\_\_\_\_. Exercícios de Bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Ágora, 1992.
- \_\_\_\_\_. A espiritualidade do corpo: bioenergética para a saúde e harmonia. São Paulo: Cultrix, 1995.
- \_\_\_\_\_. Medo da vida. São Paulo: Summus, 1997.
- \_\_\_\_\_. Alegria: a entrega ao corpo e à vida. São Paulo: Summus, 1998.
- MACEDO, M. M. K. & FALCÃO, C. N. B. A Escuta na Psicanálise e a Psicanálise da Escuta. *Psychê*, V.15, Nº19 (2005), pp. 65-76.
- MAGNANI, J. G. de C. Xamanismo urbano e religiosidades contemporâneas. In *Religião e Sociedade*, 20(2). pp. 113-140, 1999
- MALUF, S. W. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 5, n.12, p. 69-82, 1999.

- \_\_\_\_\_. Criação de si e reinvenção do mundo: Pessoa e cosmologia nas novas culturas espirituais no sul do Brasil. in *Antropologia em Primeira Mão*, v. 81, p. 4-34.
- \_\_\_\_\_. Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era [2005]. Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis), v. 7, p. 147-161, 2007.
- \_\_\_\_\_. Por uma antropologia do sujeito: da Pessoa aos modos de subjetivação. In: Campos 14(1-2):131-158, 2013.
- MARQUES, L. M. Forjando Orixás: técnicas e objetos na ferramentaria de santos da Bahia — Brasília: UnB, 2014.
- MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo : EDUSP, 1974.
- \_\_\_\_\_. Técnicas do Corpo. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo : EDUSP, 1974.
- MENDONÇA, R. L. A castração e o tempo. in: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais — Almanaque On-line n.7
- MORFINO, Vittorio. Simondon e o transindividual. Paper. sd.
- NASCIMENTO, P. D. Análise Bioenergética do Sofrimento Orgânico: Diagnóstico e Eficácia do Tratamento. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – PUCSP – 2012
- OLIVEIRA, A. Corpos e Corporeidade no Universo da Nova Era no Brasil. CUERPOS, EMOCIONES Y SOCIEDAD, Córdoba, N°7, Año 3, p. 52-64, Diciembre 2011- marzo 2012.
- OLIVEIRA, A. A nebulosa terapêutica alternativa. Soc. estado. [online]. 2014, vol.29, n.3, pp.987-992. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000300015>.

- PLOTKIN, Mariano Ben e RUSSO, Jane. Culturas psi: psicanálise, subjetividade e política. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2017, vol.24, suppl.1 , pp.7-9. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702017000900007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702017000900007&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN01045970. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702017000400001>.
- POVINELLI, E. *The Cunning of Recognition: Indigenous Alterities and the Making of Australian Multiculturalism*. Duke Press. 2002.
- QUINTELLA, R. Do primado do olhar ao primado da escuta: o declínio do pai e o corte epistemológico freudiano. In: *Clínica & Cultura* v. IV, n. I, jan-jun 2015, 3-13
- ROSZAK, T. *A contracultura*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ROUDINESCO, E. [1988] *História da psicanálise na França II: a batalha dos cem anos: 1925-1985*. Rio de Janeiro: Zahar. v.2.
- RUSSO, J. A. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80* [1991]. Tese de doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro, PPGAS-Museu Nacional/ UFRJ,UFRJ,1993
- \_\_\_\_\_. [2002] *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar. [SEP]
- SAHLINS, 2009 SAHLINS, Marshall. (2009). The teach-ins: Anti-war protest in the Old Stoned Age. in *Anthropology Today*, v. 25, n. 1, February, 2009. [SEP]
- SANTA CLARA, Carlos José da Silva. *Melancolia: da antiguidade à modernidade - uma breve análise histórica*. *Mental* [online]. 2009, vol.7, n.13, pp. x-x. ISSN 1679-4427
- SANTOS, S. *A família transnacional da Nova Era e a globalização do (((amor))) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil*. 2013. 417 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social)— Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

- SANTOS et al. Antropologia da saúde e da doença: contribuições para a construção de novas práticas em saúde. *Rev. NUFEN* [online]. v.4, n.2, julho-dezembro, 11-21, 2012.
- SAUTCHUK, C. E. A medida da gordura: O interno e o íntimo na academia de ginástica. *Mana* [online]. 2007, vol.13, n.1, pp.153-179.
- \_\_\_\_\_. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individuação. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso) , v. 21, p. 109-139, 2015.
- SEVERI, C. Transmutating beings: a proposal for an anthropology of thought. In: *Hau: Journal of Ethnographic eory* 4 (2): 41–71. 2014.
- SEVERI, C. e LAGROU, E. (orgs.) *Quimeras em diálogo – grafismo e figuração na arte indígena*. Rio de Janeiro, 7 Letras. 2013
- SIMONDON, G. [1992] The genesis of the individual. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Sanford. (ed.) *Incorporations – Zone 6*. New York: Zone Books. p.297-319.
- STENGERS, 2009 Stengers, Isabelle. Introductory notes on an ecology of practices [online]. *Cultural Studies Review*, Vol. 11, No. 1, Mar 2005: 183-196. Availability: <<https://search.informit.com.au/documentSummary;dn=200504057;res=IELAPA>>
- TANIS, Bernardo. Somos todos tradutores. *Rev. bras. psicanálise* [online]. vol.43, n.1, pp. 33-38., 2009.
- TAVARES, F. et al. Movimento Nova Era e a reconfiguração do Social (da contracultura<sup>[1]</sup> à heterodoxia terapêutica). In: *Antropolítica*. Niterói, n. 28, p. 177-196, 1. sem. 2010.
- TAVARES, F. *Alquimista da Cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos* / Fátima Tavares - Salvador: Edufba, 2012.
- TONIOL, R. *Do espírito na saúde. Oferta e uso de terapias alternativas/complementares*

nos serviços de saúde pública no Brasil. Tese de doutorado. 2015.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade que faz bem: Pesquisas, políticas públicas e práticas clínicas pela promoção da espiritualidade como saúde. *Sociedad y religión* 43:110–146, 2015.

\_\_\_\_\_. Leaving the New Age in: *Encyclopedia of Latin American Religions*. DOI 10.1007/978-3-319-08956-0\_22-1. Springer International Publishing Switzerland 2015

\_\_\_\_\_. Inventando as PICs. Quando terapias alternativas tornam-se Práticas Integrativas e Complementares. *Anais da 30a Reunião Brasileira de Antropologia*, 2016.

\_\_\_\_\_. The offer of alternative/complementary therapies in the Brazilian public health system and considerations about the limits of the New Age. In: Mercedes Saizar; Mariana Bordes, (Org.). *Alternative therapies in Latin America: policies, practices and beliefs*. 1ed. New York: Nova Science, 2017.

TURNER, V. O processo ritual (1974). Petrópolis : Vozes, 1987.

VELHO, G. Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia. Tese de Doutorado, FFLCH/USP. São Paulo. 1975

WAGNER, R. A invenção da Cultura (1975). São Paulo: Cosac & Naify. Tradução: Marcela Coelho de Souza, 2009.